

O Relógio da Tapera

Fidélis Dalcin Barbosa



Fidélis Dalcin Barbosa

O relógio da Tapera



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

2014

Fidélis Dalcin Barbosa

O relógio da Tapera

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2014

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do livro: Literatura, Crônicas. -Caxias do Sul: Ed São Miguel, 1969. 152p.; 13 x 18cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

[Creative Commons Atribuição-CompartilhaQual 3,0 Nao Adaptada.](#)

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado em: 31/03/2014

B238r Barbosa, Fidélis Dalcin, 1915-

O relógio da Tapera [recurso eletrônico] / Fidélis Dalcin Barbosa. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2014.

E-book (formato PDF).

ISBN 978-85-8326-075-2

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Crônicas brasileira. I.
Título.

CDU: 869.0(81)-94

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Prefácio

DR. :ERMANO VARASCHIN

Em “O RELÓGIO DA TAPERA”, especialmente os que se dedicam à pesquisa das coisas do passado, encontram, como em velho armário, objetos do mais profundo sentido humano.

Esses objetos, são os fatos históricos que entreabrem o espírito do leitor para acontecimentos ocorridos em fins do século passado, princípios deste, bem como fatos da época em transe, sobre os quais, confessamos a rara fidelidade como são narrados.

Neles sentimos desde a chama que envolve a isca fatal à pomba rameira, os socós sonolentos que espalmam suas asas como um brado de paz, as aves pescarejas que montam guarda junto à lagoa-vermelha, — o corte transversal que joga em cena o descampado incomensurável que se perde no infinito, vez por outra respingando de caponetes solitários — densos buquês de ipês, canjeranas e maracujás — que junto aos grotões serviam de poleiro seguro aos desmandados da época e os temíveis grupões de bugres sedentos do sangue dos brancos.

Parte deste quadro é um poema, para os acampamentos revolucionários de 93, 23 e 30, descrevendo junto à natureza, toda uma paisagem humana que ensopou de sangue o solo mártir do Rio Grande.

Com singular presteza de ideias, nos remete aos caudilhos, valentões, fantasmas e lobisomens que povoavam este torrão gaúcho e como tapejaras incansáveis se gabavam de ser os donos da querência.

Numa suavidade de entardecer sorridente escava e escavaca da memória dos antigos, casos e fatos, lendas e acontecimentos que serviram de néctar delicioso à formação desta grandiosa colmeia nordestina.

É maravilhoso o “Relógio da Tapera”, pois leva o registro histórico

de nossa gente, para o mangueirão grande de nossa memória e deita no chão gaúcho um pouco mais de cerne de tarumã que serviu de esteio na formação da raça. É bem verdade, como este prefácio, encerra a humildade de quem não pensa em revolucionar a literatura, mas tão somente narrar com modéstia as coisas do passado, os fatos preteridos, nascidos, crescidos e tornados grandes neste planalto soberbo do vetusto continente de São Pedro.

Iniciando pelas primeiras tropeadas do ser civilizante pelas paragens do altiplano, marcando no rastro das andanças a imagem dos centauros que de lança em punho, nos entreveros legendários das revoluções, riscaram desde as montanhas às canhadas, sob a barragem de fogo dos entreveros a mais vibrante história deste povo.

Retalhos encantadores da vida de nossa gente, são descritos pelo Autor, como que embebidos na promessa da natureza em ressurgir de um acervo de escombros o ninho sagrado do Rio Grande. A formação social deste lado de nossa terra, nasce, parece ainda estar nascendo emoldurada entre os recortes apenínicos, junto ao tombo das cascatas — cenário infinito de coloridos — que serviu de tabuleiro às disputas, aos embates, choques e contramarchas, têmpera de ferro ao caldeamento da raça.

Ao terminar a leitura de “Relógio da Tapera”, sente-se o leitor com a sensação de quem está retornando de uma longa viagem, havendo deixado para trás, os campos desertos de seres e almas, metralhas e tumbas, refregas e cargas. Regressa, olhar embriagado no dorso das coxilhas lágrimas de saudade que batem como chuva predileta na porteira erguida entre as tronqueiras do passado.

Um corisco pensamental corta o horizonte e aos poucos as imagens se apagam. Ficam, contudo, os contornos da Tapera, envoltos em guanxumas e capim de santa-fé. Encostado ao velho cinamomo, algum crioulo perdido, rebate nas horas perdidas do relógio fantasma o sangue que pulsou nas veias da terra.

Vacaria, 3 de outubro de 1969. Varaschin

O RELÓGIO DA TAPERA

– 1 –

FOI HÁ MUITOS ANOS — À meia-noite em ponto, quando o velho relógio de parede batia as doze badaladas, deu-se um crime monstruoso naquela casa.

O cronômetro vibrou freneticamente a última pancada e, horrorizado, lavrando um protesto, deixou de andar. Os ponteiros imobilizaram-se, um sobre o outro, marcando a hora do crime.

Parou e não houve que pudesse fazê-lo andar. E ninguém foi capaz de apeá-lo do seu prego na parede.

O relógio deixou de andar, mas à meia-noite em ponto, toda s as noites, continuou a vibrar as doze marteladas.

A família nunca mais encontrou sossego, como perseguida por negra maldição. Foi compelida a abandonar a fatídica moradia.

O relógio lá ficou, sozinho, na tapera assombrada, a bater teimosamente as doze badaladas, à meia-noite em ponto.

O rolar dos anos desmoronou a velha casa abandonada. Do relógio ninguém mais soube notícias.

Dizem que à meia-noite ele aparece, suspenso ao paredão, na outra margem do rio, de frente ao local da tapera.

Ouvem-se, então, as sinistras pancadas, assinalando a hora do crime.

— 2 —

DIA 3 DE JULHO DE 1967 — Segunda-feira. Primeiro dia de férias hibernais.

Após quatro meses de tensão nervosa, ministrando aula a essa juventude inquieta e insatisfeita de hoje, vamos viver um dia feliz, praticando o campismo, esportivamente.

Vou com dois colegas, Mateus Dolzan e Eurico Bolzan, fazer uma caçada. Uma gostosa caçada de pombas migratórias, a graúda pombatrocá, a pomba-carijó, que por este tempo do ano, em grandes bandos, invade as granjas tritícolas, dando prejuízo aos agricultores.

A granja do Algeu, lá para as bandas do Turvo, cobre vasta área de campo ondulado. Vem circundada aiosamente por negra restinga de mato, com altos pinheiros, cujos galhos imensos oferecem cômodo poleiro aos bandos colombinos.

Mas não pensem que seja lá coisa fácil dar caça à pomba-carijó. De quantas caçadas voltei para casa sapateiro, tendo corrido todo o dia atrás de bandos de milhares de pombas.

Se a gente não lança mão do único expediente, é bobagem, ninguém pega pomba na granja.

O expediente é a traição. Parece mentira. Ave tão arisca, vem sentar descansadamente ao lado do caçador, a um metro. Já pensou?

É assim: Arma-se um esconderijo, uma casinha de ramos folhudos, no ponto estratégico, em lugar saliente, lomba de coxilha, no lavrado da granja semeada ou resteva.

A poucos metros da casinha, ao alcance do tiro, coloca-se no solo uma pomba de chamarisco. Pode ser “chama” artificial ou pomba morta.

A pomba-carijó tem lugar e hora certa para comer: As primeiras horas da manhã e as últimas da tarde.

As pombas migratórias são sociais. Andam sempre em bando. Sobrevoando as granjas tritícolas, recentemente semeadas, e vendo sobre o solo lavrado uma companheira, o bando todo para junto dela se dirige. Vai e senta ao lado da chama, a poucos metros da casinha improvisada, onde o espera a traição da morte.

É um divertimento atordoante. O caçador, metido no seu esconderijo, olhar atento na chama, ouve de repente forte zoar de asas. Mal engatilha a arma, solo em derredor jaz coalhado de aves.

Começa, então, o tiroteio. Pum, pum, pum! Um tiro atrás do outro.

Depois o bando se afasta, para retornar minutos após.

Uma, duas, três ou mais pombas de cada vez.

— 3 —

NAQUELE DIA, CHEGAMOS A GRANJA pelas nove horas da manhã, quando as pombas ainda se encontravam pelo chão, devorando o trigo.

A vista do enorme bando, o coração me entrou a batucar festivamente, prelibando a emoção de uma grande caçada. Um delírio!

A caça é esporte que vicia. Chega a transformar-se em paixão, em doença.

Durante a temporada da catastrófica enchente de agosto de 1965, saímos uma tarde a espairecer, atrás de marrecas selvagens, pululantes nas lagoas cheias.

A estrada andava tão lamacenta e esburacada, que volta e meia, nosso carro atolava. Então, o motorista, enervado, resmungava:

- Com estas estradas, a gente só viajei por doença.

Respondi:

- Pois é. Mas a caça é uma doença.

Agora aquele bandão de carijós me pôs doente. Uma tremedeira. Uma espécie de maleita. A nervosa inquietude que assalta o cão perdigueiro à vista do caçador de arma em punho.

Eu não podia perder aquela caçada. Fazia um tempão que não via tanta pomba assim.

Entretanto, faltava-me a chama, a pomba morta, sem a qual o dia estava irremediavelmente perdido.

O remédio era descobrir o poleiro na restinga do mato, e ficar à espera, debaixo dos pinheiros.

O bando, de papo cheio, levantara voo, rumando para as bandas do rio, longe. Não importa. Irei atrás delas, seja lá onde for. A manhã estava perdida. Devo salvar a tarde.

— 4 —

PREVENI OS COMPANHEIROS de que só voltaria para o almoço, talvez depois do meio dia.

Manhã radiosa, quente, apesar de estarmos em julho, o coração do inverno.

A passo largo, descí pela granja, enterrando as botas na terra lavrada e fofa. Atravessei a restinga, uns vinte metros de mato. Bandedei a sanga, o aramado e entrei no campo.

Fui repechando a coxilha, ao longe da cerca que divide as invernadas. A pastagem nativa, seca pela geada, emprestava um aspecto triste à campina. Samambaias estorricadas, cor de sépia. Carquejas e caraguatás amenizavam a desolação, salpicando de verde espinhoso a cinzenta maciez do campo.

Do alto da coxilha, avistei a coroa de negros pinheiros beirando o Turvo. Lá devem estar elas, dormindo nos galhos, pensei comigo.

Visando ocultar minha aproximação, esgueirei-me, cauteloso, descrevendo uma curva, para a esquerda, e entrando no mato longe dos pinheiros.

A mata ribeirinha tem lá seus vinte metros de largura. Nas planuras, alarga-se; é luxuriante a vegetação, com grossas caneleiras. Aroeiras. Pés de-bugre. Tarumãs. Guabirobeiras. Cambarás. Cambuins. Angicos e muito guamirim. Muita outra árvore.

A devastadora nevada dos dias 20 e 21 de agosto do ano retrasado, arrasou todas as matas do nordeste gaúcho. Horrível hecatombe vegetal! Agora eu me vejo a braços com enorme trabalhadeira a fim de abrir caminho por entre tanta ramaria caída. Pelo chão uma galharia sem fim.

Toda a minha preocupação em não espantar acaçá foi inútil. Os pinheiros, todos os pinheiros, desta e da outra margem do rio, jaziam desertos, órfãos de pombas. Nem sinal de carijo, em todo aquele pinheiral.

Pensei nas caneleiras e aroeiras da encosta do rio. À sombra amena destas árvores frondosas, costuma a pomba migratória dormir sua sesta.

Encarrapitei-me lentamente, custosamente, na íngreme perambeira, espantando sabiás e pombas pu-pu. Estas não me interessavam. E mesmo não era aconselhável dar tiro, que alarmaria as carijós.

Galguei a encosta. Parei. Cantei, arremedando o arrulho das pombas, na esperança de receber uma resposta. Nada.

— 5 —

SAÍ DO MATO — A cavalo do coxilhão, sentado sobre a grama, relanceei o olhar pela restinga que segue beirando o rio que se perde longe, numa curva imensa.

Vai ver que elas estão lá na ponta da curva, naquele outro pinhal. Mas ir até lá? Agora tão tarde? Quase onze horas!

Demorei-me uns instantes, arrebatado pelo esplendor daquela paisagem deserta, prenhe de mistério e fascinação, sob o calor de um sol hibernai, amenizado pelo vento norte.

Quadro estonteante, capaz de hipnotizar todos os pintores, todos os poetas. Dá pena andarem nossos artistas do pincel e da pena tão divorciados desses encantos da nossa tão variada e incomparável natureza, espantosamente pródiga de soberbas inspirações.

A beleza e o mistério do cenário agreste exalava estranho ar de lenda e de fábula. Aquele fundo negro, na curva do rio, largo, à guisa de imenso ramalhete sobre a mesa da campina, formado por nesga de mata trepando abruptamente os fraguedos. Aquela ponta de campo avançando audaciosamente por um recanto, estrategicamente defendido pela barreira do rio, da mata e dos coxilhões. O silêncio arcano, no meio da grande solidão, sem um sinal de vida humana, sem moradia alguma. Os altos pinheiros abrindo gigantesca sombrinha sobre o mistério da mata e das águas. O Turvo deslizando manso e largo, para depois espriar-se em vasto lajedo e, na curva, roncar em catadupas, abrindo profundos poços, profusamente ensombrados nas barrancas. Todo este cenário insondável parece guardar o segredo de um imenso mistério que só os campos, só os pinheiros, só a mata, só as águas, conhecem.

Neste remoto e desconhecido rincão, só fala o silêncio da natureza. Só fala o mugido das reses, o cacarejar das seriemas, o curucucar das curucacas, o grasnar das marrecas e das gralhas, o gargalhar dos jacus, o piar dos biguás, o palrar dos bandos de papagaios,

o assobiar festivo dos sabiás, o grito assanhado dos chanchãs, o regougar dos bugios, o latir do guaraxaim, as marteladas do pica-pau-rei, o canto dos bem-te-vis, do João-de-Barro, a algazarra dos chupins e a sinfonia de mil aves miúdas. Fala, sobretudo, o arrulho das pombas. As pombas-carijós que eu busco afanosamente para chamarisco do meu sonho de caçador...

— 6 —

LÁ DO ALTO DO MEU ÊXTASE, resolvi disparar um tiro de flobé contra os pinheiros da outra ribanceira, na tentativa de alarmar um possível bando colombino.

O tiro estralejou com som seco e bastante forte. Dos pinheiros não voou pomba alguma. Mas o bando, alvoroçando-me o coração, levantou de uma moita de aroeiras aquém do rio, além da cerca. Algumas pombas voaram longe, ultrapassando o rio e empoleirando-se nos pinheiros. Outras sentaram em árvores da margem de cá.

Em poucos minutos, desci, atravessei o aramado, sem me importar se o campo pertencia a outro dono.

A mata, de árvores de pequeno porte e tronco resistente, não vem aqui obstruída por galharia derribada pela neve, facilitando-me os passos.

Andei cauteloso, olhos fitos na copa das árvores mais altas. Voou logo uma pomba. Depois outra. Mais outra.

Percebi que só poderia chegar a tiro onde as plantas fossem mais copadas e altas.

Pela barranca do comprido e largo poço, notei sinais de capivara. Terreno fuçado, montículos de esterco em forma de azeitona.

Com certeza o dono do campo não aplaude que eu mate um capincho, pois o maior roedor do mundo já anda escasso por aqui.

Recordei minha façanha realizada há um mês nas margens do Bernardo José, quando abati um capincho de quase cem quilos, que nos deu cinco litros de óleo, carne gostosa para quinze dias e uma pele para o museu da escola.

Avistara o enorme roedor sentado na barranca do rio. Mirei na altura do coração e desferi uma bala 22. O bicho, após brevíssima pausa, caiu redondamente deitado, as pernas para cá. Gritei delirante:

- Matei o capincho!

De repente, a capivara começa a pular, acercando-se da água. Tentei de balde outro tiro. Corri, montei a cavalo do roedor, apertando-lhe o corpo com pernas e mãos, na tentativa de deter-lhe o avanço para o rio, num poço largo e fundo.

- Acudam depressa — berrei para os dois companheiros.

O Max veio correndo, mas no momento de chegar foi acometido subitamente por distorção dos músculos da perna, ficando a torcer-se de dor no solo.

- Acuda, Eurico — gritei de novo.

O capincho já estava com a cabeça na água e esta entrava-me pelo cano da bota.

Afinal, com esforço hercúleo e, depois com a ajuda dos companheiros, que vieram chegando, pude arrastar o animal para a pequena praia de terra e lama, onde acabou de morrer, numa poça de sangue, rangendo os dentes.

Foi um dos maiores suspiros de minha vida de caçador.

E agora? A condução, a três quilômetros...Estrada nenhuma. Só a pé. Era preciso transportar o bicho a muque através dos campos, trepando alonga e íngreme encosta...

Solução: Enquanto meus dois companheiros destripavam o capincho, rompi campo acima para chamar o Brás no acampamento. Bom

companheiro, forte, sempre disposto, o Brás quebrou logo o galho.

Chegou, cortou longa vara de cambuim, enfiou pelo ventre aberto do animal, fazendo-a sair pela boca.

Assim dependurado na vara, com um carregador em cada extremidade, após longa e suada aventura, o grande roedor arribou ao acampamento, para embarcar na “Rural”.

— 7 —

MAS AGORA, NA BARRANCA DO TURVO, não me interessava a caça do grande roedor. Eu queria era as carijós. Pelo menos uma pomba. Eu não podia perder a fantástica chance de fazer a caçada, na parte da tarde. Não podia.

Andei durante alguns minutos sem o sobressalto de outro ruflar de asas. Depois, cantei, arremedando o arrulho das pombas. Santo remédio.

Imediatamente, respondeu uma perto. Dominei o nervosismo e fui-me movimentando com Toda cautela, lentamente, silenciosamente, pisando no chão devagar.

Não demorou nada, avistei-a, linda, gorda, penas lisinhas, sentada em galho de caneleira. Tratei de chegar a tiro.

Súbito, forte rumor de asas. Imediatamente o bando vem sentar todo sobre a caneleira.

Escondido como estava, fiquei à vontade. Fiz pontaria na mais próxima. Detonei o cano 36 daminha dupla Savage. O bando voou desabaladamente, enquanto a pomba alvejada tombava pesadamente, debatendo-se e roncando.

Aliviei-me da forte tensão nervosa. Suspirei fundo. A caçada estava garantida.

— 8 —

UMA CHAMA RESOLVE, mas se houver duas ou três, a caçada contará com maiores possibilidades. Animei-me a prosseguir a perseguição, pela restinga rio abaixo, na esperança de apanhar mais uma pomba, enquanto satisfaria a curiosidade de alcançar a curva do rio, que era o que mais me fascinava agora.

Acelerei o passo, que a hora ia avançada, a curva, distante, e o acampamento cada vez mais longe.

Duzentos metros andados pela mata, topei de novo com parte do bando que se desguaritara. Cautelosamente, fui-me acercando de negra moita de caporocas.

Entretanto, as pombas encontravam-se aquém da moita. Avistei algumas em galhos de corticeira semidesfolhada, bem na barranca do rio.

Atirei, mas a ave fugiu largando penas. Lamentei o fiasco. Cartucho mal carregado. Pólvora imprestável. Arre!

Cheguei ao espriado, onde meia dúzia de marrecas lagarteavam ao sol sobre o lajeado. Viram-me quando tentava fazer pontaria. Levantaram voo, descendo para o poço rio abaixo.

Busquei-as de balde de negaça em negaça.

Aqui a cachoeira, estrondando na curva, cavou um poço que parece pulular de peixes.

Recanto morno, aprazível, aquém do rio. Na margem oposta alcantila-se trágico fragarelo, semeados de altos pinheiros, em cujos ramos imensos lobrigo dezenas de carijós.

Deste lado, o local é uma autêntica magia. Terreno plano. Chão limpo, à sombra de copados tarumãs, caneleiras... Uma praiazinha de seixos roliços, ao lado de grossas pedras falando em tocas de jundiás. O paraíso dos pescadores.

Três ou quatro metros de arvoredo. Depois é o gramado da campina. Sente-se vontade de acampar, descansar, respirando esta estranha atmosfera de sortilégio, de lenda, de mistério...

— 9 —

INCRÍVEL A INEXISTÊNCIA DE MORADIA, em ponto de tamanho fascínio, de tanto sossego. Nenhum sinal de moradores pelas vizinhanças. Nenhum latir de cão. Nenhum cacarejar de galinha. Nenhum cocoricó de galo. Nenhuma batida de roupa, de machado, de martelo...

O silêncio dorme seu sono tranquilo, embalado pela cantilena da cachoeira, do pipiar da passarada, do sussurro da brisa pelo arvoredo.

Indício algum de presença humana. Eu sentia-me rei de Toda aquela imensa soledade da mata e de campo, senhor absoluto do reino animal, do reino vegetal. Armado de carabina dupla, calibre 22 e36, eu era Napoleão riscando o mapa, delineando fronteiras...

Pelo espaço de meia-hora, tornei-me dono dessa mata encantada, desse rio de quimera, desse campo de lenda.

Inconcebível a ausência de mistério e magia em cenário tão encaprichadamente talhado para embasbacar.

Se eu não topar com algum resto de habitação, descobrirei certamente vestígio de tapera...

— 10 —

VAI SENÃO QUANDO, avanço mais uns metros, e entrevejo, através da ramada, algo parecido com uma casa.

Sobressaltei-me a princípio. Não vá ser mesmo casa habitada pelo dono do campo, o campo que eu invadi sem licença.

Mas não se tratava de nenhuma casa de moradia. Apenas um telheiro, sem paredes. No centro, estreita mesa de madeira, com bancos em derredor, fincados no solo, em pequeno telheiro, à sombra risonha daquele agreste arvoredado.

Casinha nova, de madeira de pinho, coberta com folhas de zinco, sob as quais, numa prateleira, descubro pires de louça, latas vazias...

Maravilhoso! Eu não fora o primeiro a descobrir o edênico recanto para acampar. Outra gente o vem desfrutando há tempo... Tomei então mais a sério a resolução de vir' aqui para uns dias de campismo, juntamente com os colegas, com os escoteiros, as bandeirantes, os nossos alunos.

Descansar, pescando, caçando, nadando...

Perto da casinha, andavam agora as carijós, que debandaram com o rumor de meus passos apressados. Não me sobrava tempo para caminhar cauteloso. Não importa. De tarde esses bandos descerão todos na granja para pasto de minha Savage.

Enquanto isso, mais e mais me deslumbrava o cenário que me envolvia num mundo misterioso, quimérico, fascinador.

Súbito, no meio da pequena mata que sombreia o rio, abre-se, num declive, um delicioso gramado, como um jardim fechado, um campinho cercado por árvores de todos os lados. Um sonho!

A poucos metros, o rio encachoeirado, escondido por trás da restinga de mata, prossegue fechando a curva, ora cavando poços, ora espumando, depois abraçando uma ilha.

Ao final do campinho, quatro varas fincadas asseveram que houve aí um acampamento. Pelo chão, cascas de tatus, latinhas vazias...

O mato do meu lado corre agora muito inclinado, estrangulando o

carreiro por onde me esgueiro saltando por sobre troncos derrubados pelo vendaval e pela neve de agosto de 1965.

— 11 —

MAIS PARA FRENTE UM POUCO, o rio quebra para a esquerda, na confluência de uma sanga, oferecendo bela planura onde a floresta se alarga e se agiganta, com altos pinheiros, angicos, caneleiras, grapiapunhas, murtas, cedros...

Aqui tudo é virgem. Virgem o campo. Virgem a mata. Virgem a terra. É verdade, pelo chão jazem troncos caídos, mas não os deitou o machado. Os gigantes desta pequena floresta que debrua enfeitadamente a campina gaúcha nordestina, tombam de velhice ou na luta contra o vendaval. Não se vê um só toco de pinheiro cortado pela fúria iconoclasta dos madeireiros.

Por isso, o reino vegetal e o reino animal, aqui neste seu chão predileto, cantam um perene festival de amor e de vida.

Andando à sombra fraterna deste abençoado matagal viçoso, somos arrastados irresistivelmente à meditação, ao lirismo, ao misticismo...

A natureza fala em seu arcano silêncio, nesta imensa solidão, onde inexiste sinal de vida humana.

Mas o homem, a sociedade humana, estão aqui, na mata, maravilhosamente simbolizados.

Aquele atlético pinheiro, de porte altivo e senhoril, em cujos ramos agora mesmo sentou um pequeno bando colombino, é o rei da comunidade, o soberano que abarca sob o seu olhar e defende com a umbela a sua paternal proteção, todo esse mundo heterogêneo de súditos vegetais.

Os subordinados do seu reino abrangem todas as idades, todos os tamanhos, todas as raças.

Há velhos patriarcas de longas barbas grisalhas, ao redor dos quais se agrupam filhos, netos, bisnetos, tataranetos...

Uns vicejam com a mais pujante saúde, sempre crescendo, sempre engordando, sempre subindo, no esforço incessante de buscar um lugar ao sol.

Outros, oprimidos, esmagados pela prepotência dos grandes, rastejam num raquitismo de morte.

Aqui e acolá, jazem, de bruços, heroicos soldados que se bateram pela defesa dos irmãos em titânica luta contra a fúria jacobina do furacão.

Uns resistiram valorosamente, mas perderam os braços, exibindo agora a trágica mutilação de sua atlética musculatura.

Há vultos arbóreos sufocados pela opressão dos parasitas. Outros, devorados por pragas e doenças, parecem leprosos.

Derramados pelo solo, lá jazem semienterrados, como em cemitério, os restos de velhos pinheiros, apenas os ossos dos nós, que resistiram à ação roedora do verme dos anos.

Além, um renque de grossos e altos troncos ergue as colunas da catedral, onde as aves entoam hinos ao Criador, ao som do órgão e do violino das folhas tangidas pelo vento.

Enfim, lado a lado, existe o velho e adulto, o jovem e a criança, a criança que mal se libertou da semente e emerge do solo. A vida e a morte da humanidade.

— 12 —

MAS EU ESTOU CANSADO, suado, faminto, longe do acampamento. Olho para o relógio: meio-dia.

Penso nos meus companheiros que devem estar aflitos com a minha demora. Os meus companheiros que não viram estas maravilhas.

Interrompo com pesar meu **delicioso** trabalho **de** exploração. **Mas** prometo retornar um **dia** àquele recanto **de sonho**.

Galgo ofegante a ladeira sombria. Saio do mato e entro a caminhar outra vez pelo veludo esmaiado da campina nativa.

No alto da lomba, detenho os passos para mais um minuto de êxtase diante da mágica apoteose que a festa panorâmica me oferece.

Eu quisera ficar-me horas perdidas, sentado na grama, olhar fito no esplendor daquela paisagem esmagadoramente bela e misteriosa. Inebriar minha alma sonhadora com aquele inesquecível poema em flor.

Quisera desvendar o segredo que a campina e a mata deste perdido rincão encerram fechado a sete chaves.

Quisera ficar horas, dias, meses, e anos acampado à sombra lírica destas matas odoras, à beira deste romântico rio, escutando o silêncio desta grande solidão, ouvindo a gostosa música da passada, o delicioso rumor das cachoeiras, o arrulho emocionante das pombas carijós...

Sozinho no meio do silêncio desta natureza **que** canta em todas as línguas, **que** brilha com todas **as** cores do universo...

Sozinho na solidão humana, onde não palpita alma viva, onde não avulta moradia alguma, onde não se escuta o latir de um cão e o cocoricó de um galo, onde nada nada denuncia a presença de ente humano...

Mas todo o meu encantamento não era em vão. Mal eu imaginara o fantástico drama que se desenrolara neste palco de mistério e fascinação.

Foi só dias depois que me contaram uma trágica estória de assombração, a fantástica estória do RELÓGIO DA TAPER. Uma estória de crime e assombração que teve por cenário o esplêndido rincão que eu acabava de conhecer.

— 13 —

DEVO, CONTUDO, DAR PRIMEIRO satisfação do resultado da nossa caçada.

Cheguei ao acampamento às 12,30. Os companheiros, embora entretidos no frugal almoço no mato, receberam-me aos gritos, exultantes por me verem trazendo uma pomba para chamarisco.

Falei-lhes euforicamente de minha surpreendente descoberta. Eu não podia calar. Eu vinha empolgado. Vinha subjugado. Fascinado. Avassaladoramente hipnotizado pelo sortilégio de minha imortal aventura.

Mas e a caçada? Para mim, confesso, não foi a melhor da vida, mas foi satisfatória. Matei 28 pombas-carijós. Umas pombonas de meio quilo. Deu um saco de estopa cheio.

E meus companheiros? Para não dizer que voltaram sapateiros, devo contar o que se passou com o Mateus. Parece até mentira de caçador.

Pombas não caçou nenhuma. Não caçou, mas ele e o Eurico estavam contentes com os tiros que eu dava, cá embaixo, enquanto eles, lá de cima, esperavam poder pegar alguma no capão de guamirins e nos pinheiros.

Cansado de esperar debalde, Mateus, por voltadas quatro horas, principiou a caminhar pela granja, à cata de alguma perdiz. Mas topou logo foi comum tatu-mulita.

Foi uma correria maluca. Primeiro, deu-lhe um tiro na cabeça,

sangrando-lhe apenas uma orelha. O bichinho continuou correndo pra cá e pra lá, meio tonto, enquanto recebia violentos pontapés, como se fosse uma bola de futebol. O miserável!

Depois o meu colega meteu-lhe com força o pé em cima e levou um tombo espetacular que o pôs furo de raiva.

Mas, como o pequeno dasipodídeo se encontrava distante da toca, a rocambolesca aventura foi longe. Muita correria. Muito chute.

Enfim, o Mateus meteu-lhe as unhas. Agarrou-o firme. Com ele nas mãos, foi até à cerca e principiou a golpear a cabeça do mamífero de encontro ao poste. Uma pancada. Duas pancadas. Três pancadas. A quarta ia ser a mais violenta. Tão violenta que o mulita lhe escapa das mãos, e vai cair no outro lado do aramado.

Mateus vara a cerca, mas lá fica a ver navios, feito o bobo. Isto porque o tatu já havia sumido no capão, muito feliz por vencer, com sua couraça, com suas unhas e pernas, com sua cabeça pequena, aquele terrível duelo de Davi e o Golias.

Pois é, minha gente, com os caçadores acontecem coisas que parecem mentira.

— 14 —

MAS EU, FELIZ COM A MINHA CAÇADA, vinha agora interessadíssimo por outra caçada mais sensacional. Desejava caçar tudo quanto se escreveu, tudo quanto se diz, tudo quanto se sabe, acerca daquele recanto de mistério e magia.

Andei por aí entrevistando moradores antigos, consultando estudiosos e livros. Passei horas esquecidas extasiado diante da palavra cantante e fiel do velho amigo, o coronel Libório Pimentel, filho destas terras e um museu vivo de nossa história, neto do primeiro morador dos campos entre o Turvo e o rio da Prata, cenário da nossa estória.

André da Cunha Hoffmann e seu irmão Manuel, netos maternos de João Silveira da Cunha, um português que adquiriu por primeiro grande porção destas terras. O Dr. Nívio Castellano, advogado renomado, político e historiador. Demétrio Dias de Moraes, um dos filhos mais cultos de Lagoa Vermelha, desta Lagoa Vermelha que nos deu o poeta Ovídio Chaves e onde morou um dos mais lídimos representantes da moderna lira brasileira, Cassiano Ricardo. Demétrio Dias de Moraes, cujos livros, prenhes de preciosos dados, fruto de pacientes e diurnas pesquisas do seu ilustrado autor. Estese outros filhos da terra forneceram-me abundante material para a construção do meu pequeno edifício.

Pois eu necessitava me convencer de que aqui existe de fato ambiente de crime e assombração, ambiente que fizesse surgir tanta lenda curiosa de modo particular, a fantástica lenda do RELÓGIODA TAPERÁ.

Sim, a região do nordeste gaúcho, que compreende Lagoa Vermelha, Passo Fundo, Vacaria, Bom Jesus e os novos municípios adjacentes viveu um passado de heroísmo e de fábula. Aqui, onde se descortinam os campos de maior altitude do Estado, campos que os invernos atapetam com a alvura da neve, aqui nasceu o gaúcho mais audacioso e aguerrido, o gaúcho que, à bala de trabuco, a laço e espora, abriu nas coxilhas um rastro profundo de lenda e quimera.

— 15 —

A EXTENSÃO DE CAMPINA ONDULADA que abrange os municípios de Cima da Serra, no Rio Grande do Sul, levava primitivamente o nome de Terra dos Tapes, habitada como era pelos índios assim denominados.

O nordeste rio-grandense, na época das primeiras explorações, era ocupado por selvagens da nação dos Guaranis, com suas tribos de Guaranás, Tapes e Coaguás. Da tribo dos Guaranás surgiram os Coroados ou Caigangues, dos quais restam ainda hoje(1968) algumas

centenas de famílias disseminadas pela região do Alto Uruguai.

O primeiro civilizado que andou por estas sedutoras paragens, foi certamente o missionário jesuíta, o mártir e santo Pe. Roque Gonzales de Santa Cruz, o primeiro apóstolo do Rio Grande do Sul. Andou por aqui precisamente um ano antes de seu martírio, havendo em 15 de novembro de 1627 redigido o relatório de sua visita à região, tecendo os mais patéticos encômios aos indescritíveis encantos da natureza desta terra de magia.

Os filhos de Inácio de Loiola, forçados pelos portugueses a retirar-se do território da Província Cisplatina, abandonaram suas florescentes Reduções e suas Missões, nas margens inferiores do Baixo Uruguai, empreendendo penosa odisséia através de campos e matas, levando seus pertences, tocando suas manadas de gado, com auxílio de seus índios catequizados, rumo da Terra dos Tapes, a fabulosa terra de que o Pe. Roque lhes dera tão belas notícias.

Era a Terra de Canaã, que prometia rios deleite e mel. Terra que os fascinava e que se encontrava dormindo o sono dos séculos, à espera de uma fada que a despertasse para o esplendor matinal da vida.

E a deserta campina, Toda enfeitada por régios pinheirais, transformou-se, então, como por artes mágicas, num imenso poteiro de fartas pastagens nativas, onde o gado se cria à solta, multiplicando-se espantosamente e engordando a olhos vistos, misturando a brancura do seu leite adiposo com a alvura das nevasdas.

A Terra dos Tapes recebe agora novo batismo. Chama-se Bacaria de los Pinares, nome que os jesuítas deram à nova Terra de Promissão.

Desta denominação conservou-se a primeira parte, para assinalar o atual município de Vacaria, que limita com Lagoa Vermelha.

— 16 —

OS MISSIONÁRIOS ENCONTRARAM na imensidão dos campos de Cima da Serra asilo seguro, para entregar-se à catequese do selvagem e à criação do gado.

No município de Bom Jesus, lá nas beiradas dos Aparados, no distrito do Silveira, existem enormes mangueiras de taipa de pedra, de ignota origem, mas quiçá obra indígena, executada sob a orientação dos jesuítas

Lá está hoje, no museu da prefeitura de Vacaria, um marco de pedra, encontrado no município, o qual traz a inscrição SJ. — 1692, assinalando a data da penetração dos filhos de Santo Inácio nos campos de Vacaria.

Estes e outros restos de civilização encontram-se disseminados pelos campos do nordeste gaúcho, atestando a presença dos jesuítas, no período anterior à invasão bandeirante.

Totalmente isolados de sua pátria e de seus superiores, encontravam-se aqui os missionários à mercê de novos ataques, motivo por que sua permanência no território português não possuía condições de prolongamento.

O Pe. Cristóvão de Mendoza foi assassinado. Os demais companheiros só tiveram uma solução: tomar o caminho da pátria de língua espanhola, separando-se de seus queridos índios, que, abandonados à própria sorte, retornaram ao seu primitivo estado selvagem.

As centenas de milhares de reses que os missionários possuíam, dispersaram-se por Toda a imensa extensão da campina, criando-se e multiplicando-se de maneira assombrosa, dando origem às manadas de

gado alçado, o bravo gado selvagem que à distância percebe a aproximação do homem, disparando logo em doida correria.

— 17 —

FOI SÓ EM 1690 QUE CRISTÓVÃO PEREIRADE ABREU, o primeiro explorador da coroa portuguesa da região, penetrou nos campos de Cima da Serra, tomando contato com este reino fabuloso, de infindas campinas onduladas, profusamente povoadas de gorda gadaria sem dono.

A estonteante notícia da existência de uma vasta região povoada de gado, provocou imediata correria de caçadores de Laguna, Lapa, Curitiba e São Paulo.

Montados em seus cavalos, armados de espingardas e carabinas, os afoitos aventureiros transpunham mil barreiras, perdendo, muita vez, a própria vida, no cerrado da mata impenetrável, na travessia dos rios caudalosos à seta traiçoeira do indígena, nas garras do tigre e nas aspas do gado alçado.

Depois de incontáveis aventuras, estes caçadores bandeirantes, cansados de tanto sofrer com tão longo jornadeio, foram criando ambiente para tomar posse definitiva da nova terra, em nome da coroa de Portugal, e erguer sobre a campina, em geral do lado de ameno capão, as primeiras moradas.

É a heroica epopeia da colonização de todos os campos de Cima da Serra, inaugurando as primeiras fazendas, criando-se o tipo de gaúcho destemido que escreveu poemas nas páginas de nossa História, o gaúcho criado no lombo do cavalo, açoitado pela inclemência do minuano e das nevadas, parando rodeio, tocando a boiada para as feiras de Sorocaba...

Em 1730, instalaram-se, pois nos campos de Vacaria e Lagoa Vermelha, os primeiros fazendeiros. Por volta de 1750, é criada a Colônia Militar de Caseiros, a vinte quilômetros do local, onde em 1842, será

fundada a cidade de Lagoa Vermelha.

Em 1735, erige-se a primeira capela de Nossa Senhora da Oliveira, de Vacaria.

— 18 —

A CINCO QUILÔMETROS DA CIDADE de Lagoa Vermelha, para as bandas do nascente, à beirada rodovia BR-285, dorme tranquila uma lagoa de águas avermelhadas, da cor da terra em que jaz. Suas águas nunca secaram e nem diminuem durante as maiores estiagens. Não aumentam com as cheias.

No deserto sem fim da campina, no alto do divisor de águas das bacias do Uruguai e do Taquari, a Lagoa Vermelha, única em suas características, era naqueles remotos tempos um farol para os tropeiros que batiam estas ignotas plagas. Transformou-se em convergência de itinerários, em junção de caminhos, em ponto de referência obrigatório.

Por léguas em derredor, o local era conhecido por Lagoa Vermelha. Os tropeiros levavam o nome à flor dos lábios: Hoje vamos acampar na Lagoa

Vermelha. Amanhã, se Deus quiser, chegaremos à Lagoa Vermelha...

Pois esta lagoa, que deu o nome à cidade de São Paulo da Lagoa Vermelha, possui também a sua lenda bizarra, lenda que fala dos primeiros brancos que pisaram estes campos — os missionários jesuítas.

No tempo em que os filhos de Santo Inácio, acossados pelos mamelucos, aqui aportaram procedentes das suas Reduções, trazendo seus gados e suas riquezas, teria acontecido um caso singular.

Perseguidos por mais de 50 léguas, encontravam-se na iminência de serem aprisionados. Chegando ao pé da lagoa, missionários e índios,

para não entregar aos perseguidores os seus ricos pertences, não hesitaram em precipitar nas águas os muares carregados, que, em seguida, afundaram sob o peso da preciosa carga.

Deu-se então o milagre. As águas, ao contato do ouro, tornaram-se avermelhadas e nunca mais perderam a sua cor dourada.

O povo respeita com religioso temor o que a lenda prescreve. Ninguém ousa desvendar o mistério da Lagoa Vermelha. Porque no dia em que algum ambicioso, sedento de ouro, tentar esgotar a fonte sagrada, secarão as águas de todos os rios; e os campos de Cima da Serra se transformarão em deserto.

— 19 —

OS PRIMEIROS MORADORES, audaciosos aventureiros que arrostaram a ferocidade do índio, do tigre e do gado alçado, consideraram-se conquistadores absolutos da nova terra. Trataram, pois de entrar logo na posse legítima mediante concessão do Governo Central, tornando-se, assim, da noite para o dia, senhores de imensos domínios de ricas pastagens, pontilhadas de gorda gadaria. Era o prêmio dos descobridores, o prêmio da bravura dos heroicos desbravadores do sertão.

Infelizmente guarda-se o nome de poucos destes vanguardeiros, que de 1730 a 1800, iniciando a industrialização da carne bovina, do sebo e do couro, lançaram os alicerces de uma nova pátria, criando a raça do gaúcho das altitudes, o valoroso tipo de gaúcho indomável, de legendária origem.

O ano de 1842 marca o início da fundação da cidade de Lagoa Vermelha, pelo Capitão José Ferreira Bueno um veterano das guerras pelo sul do Brasil, natural do Paraná, nascido na Lapa.

Juntamente com um cunhado, algumas famílias amigas, escravos e índios catequizados, fixou residência definitiva em local aprazível,

acoxilhado, cercado de várias fontes de ótimas águas e belos capões.

José Ferreira Bueno, que também era santeiro, tratou de construir uma capela, em torno da qual foram surgindo moradias. A inauguração da igreja, com bênção e missas solenes, oficiadas pelo Pé Cândido, Vigário de Vila Velha (Vacaria), deu-se no dia 25 de janeiro de 1845, a festa da Conversão de S. Paulo Apóstolo. O povoado recebeu daí por diante o nome de São Paulo da Lagoa Vermelha, e deitou a prosperar, atraindo numerosos moradores, inclusive da vizinha Colônia Militar de Caseiros.

— 20 —

JOÃO MARIANO PIMENTEL arrola-se entre os afoitos vanguardeiros que povoaram de trabalho e heroísmo os campos de Cima da Serra. Procedente de São Paulo ou Minas Gerais, aportou em Vacaria por volta de 1800. Veio acompanhado pelo irmão Serafim, enquanto dois outros irmãos seguiram destino diferente.

Um deles emigrou para a Argentina, criando numerosa e ilustre família em Buenos Aires. Outro ficou por S. Paulo ou Minas Gerais, legando à Pátria vultos proeminentes na política e nas letras, destacando-se o jovem e dinâmico Governador do Paraná, Paulo Pimentel.

Em Vacaria, João Mariano contraiu matrimônio com Bárbara Borges Vieira, filha de um dos pioneiros da Terra dos Tapes, João Borges Vieira e de Francisca Xavier Ribeiro. Bárbara era neta de Antônio Borges Vieira, natural de Lisboa, casado em Laguna com Teresa Rodrigues de Jesus, o qual em 1765 veio residir em Vacaria, onde morreu dez anos após, deixando dez filhos.

João Mariano, realizado o casamento, foi tomar conta de uma vastíssima fazenda, herança de sua esposa, abrangendo uma extensão de campo entre o Rio da Prata e o Turvo, campos que hoje têm por centro a vila de André da Rocha.

Sua casa erguia-se nos campos que atualmente pertencem ao fazendeiro Garibaldino Lourenço de Lima, no Laranjal, onde ainda existem vestígios da velha tapera, assinalada por trágico evento.

Nas suas lidas campeiras, João Mariano ocupava-se na criação de gado, especialmente equino, que vendia nas feiras de Sorocaba, em longas e perigosas tropeadas, através de matas infestadas de índios e feras.

Homem de bravura indomável, explorou a serra do rio que ele batizou com o nome de Rio das Antas. Batizou igualmente com o nome da padroeira de sua esposa, Santa Bárbara, o passo que liga, sobre o Rio Taquari, os municípios de Bento Gonçalves e Guaporé.

Criou numerosa família: Marcos, Manuel, Perpétua, Francisca, João, Antônio e Núncia. Família honrada que vivia feliz, fazendo prosperar a grande estância, com o auxílio de escravos e peões.

Vai senão quando, o infortúnio resolve quebrara placidez das águas que desconheciam tempestade

— 21 —

JOÃO MARIANO VIAJARA a Uruguaiana a fim de efetuar a compra de uma tropa de mulas para seus negócios, que eram sempre de monta.

O dia 5 de agosto de 151 amanhece claro e sereno, saudado festivamente pelo canto de um bando de curucacas, pousadas nos galhos dos pinheiros do capão adjacente à casa.

A lida caseira, como a ida do galpão e do campo, decorre normal sem nenhum mau pressentimento.

Por volta das dez horas, D. Bárbara, entregando o cuidado da cozinha às filhas e à empregada, senta-se ao tear. Os filhos menores

brincam no pátio.

Os mais velhos, com dois peões acabam de voltar do campo, trazendo para o curral pequena manada a ser vendida.

Súbito, gritos lancinam os ares, alarmando D.Bárbara, que corre à janela, o coração em sobressalto.

É monstruoso o drama que os olhos deparam estarecidos. Diante do galpão, em dantescas contorções, varados por setas, jazem quatro corpos lutando com a morte, no meio de poças de sangue. São os filhos Marcos e Manuel, juntamente com os dois peões.

Quase ao mesmo tempo, do capão vizinho, precipita-se truculenta horda de selvagens, seguidos por um preto vestido.

D. Bárbara voa alucinadamente em socorro dos rapazes, enfrentando a própria morte. Os bugres não a trucidam. Limitam-se a embargar-lhe os passos neutralizando-lhe qualquer tentativa de socorro.

— Serafim — grita ela para o cunhado, que trabalhava na carpintaria.

Este assoma à porta mas é para ser varado mortalmente por uma chuva de flechas.

A horda precipita-se casa a dentro para saqueá-la vorazmente. Apoderam-se de ferramentas, panelas, roupa, tudo. Não poupam uma só peça da casa.

No quarto do casal, encontram um surrão de couro repleto de moedas de ouro. Despejam o precioso conteúdo, que não lhes interessa, para encher o continente de facas, talheres e outros objetos.

Retiram ainda as fronhas dos travesseiros, retiram os próprios colchões, para encher com mantimentos e utensílios. O saque é total.

Mais. Os bárbaros prendem e levam as filhas Perpétua e Francisca, os filhos João e Antônio, e a empregada.

Lágrimas e súplicas de D. Bárbara não conseguem deter a vandálica fúria dos caingangues. Quis Deus que as flechas não tocassem o corpo daquela heroína cujo coração sangrava ferido pelas setas da mais acerba dor.

Impotente de sustar a marcha da sinistra fatalidade, ela contempla, desolada, balbuciando preces, o dramático desfecho da tragédia. Os filhos maiores jazem mortos, a par do cunhado e dos peões. O resto de sua querida família, suas duas filhas, seus dois filhinhos e sua dedicada servente, lá vão agora aprisionados, entre gritos, protestos e choro, lá vão, quem sabe, para o martírio, longe dos olhos maternos...

D. Bárbara, ela tão somente escapa à sanha dos bárbaros. Ela tão somente permanece incólume e livre, à beira do abismo da total hecatombe. Mas tão rude golpe parte-lhe a alma. Ao ver o negro bando desaparecer com o restante de sua família, ela não resiste. Cai desmaiada.

Ao acordar, não vê mais alma viva. Encontra-se sozinha, sozinha no meio do horror sangrento daquela inconcebível tragédia.

Sozinha diante de cinco cadáveres sangrando. Sozinha diante daquela indescritível devastação de sua casa...

— 22 —

D. BÁRBARA RECONHECE que a mão de Deus estivera, em Toda esta tragédia, lutando a seu lado para defendê-la. Não há outra explicação. Como explicar o fato diante de tamanha ferocidade?

Por isso, ela, prostrada sobre o solo encharcado pelo sangue de seus filhos, ergue para o céu seu olhar de gratidão, enquanto implora proteção para os filhos cativos. Que o sacrifício de seus filhos, que o sangue de seu sangue, que o sangue do cunhado e dos peões, lhe valha o resgate das filhas e dos filhos raptados. Que o Senhor os defenda e os

traga para casa sãos e salvos.

Reanima-se a brava mulher e trata logo de irem busca de socorro e de mandar chamar o marido que anda tão longe, lá pela fronteira. Parte a pé, rumo da casa do cunhado, José Nunes, esposo de sua irmã, Donaciana Borges Vieira. É o vizinho mais próximo, oito léguas.

Lá em casa de sua irmã irá encontrar a única filha que não sucumbiu à devastadora catástrofe: Núncia, a caçula, de dois anos de idade, que, oito dias antes, providencialmente, deixara a casa paterna. Esta — reza D. Bárbara — é mais uma proteção do céu. Deus seja louvado!

No dia seguinte, reunidos parentes e amigos para o sepultamento das vítimas, uma erupção vulcânica de indignação e revolta ameaça explodir nomeio daquele povo. A tragédia ainda palpita fumegante, bradando vingança. Cinco jovens em flor, barbaramente trucidados de tocaia, durante sua lida diária de construção e progresso! ... A profanação e o saque daquele honrado lar, perdido na imensidão da campanha, a primeira fazenda a florescer sobre o descampado sem fim... O rapto dos tenros rebentos de uma família, cujo chefe anda por longe, em missão de trabalho... D. Bárbara, súbita e brutalmente jogada no seio daquela inenarrável desolação. Sozinha, a presidir o lúgubre cortejo que se encaminha para a alto da coxilha, onde se inaugura o primeiro campo santo de toda aquela vastidão da campina...

Atroam gritos de vingança. Estrugem patéticos resmungos:

- Mas os bugres coroados não têm fama de assassinos.

- É verdade. Mas acontece que foi aquele negro foragido de São Francisco de Paula. Sem ele, nunca os bugres teriam batido na fazenda.

- Esse bandido deverá pagar a maldade que praticou. Se Deus quiser.

- Nós haveremos de descobrir o paradeiro dos bugres. Resgataremos os cativos e aprisionaremos aquele bandido!

- E é pra já. Não podemos esperar pela volta de Mariano. Vamos agir imediatamente.

E enquanto um emissário, ao galope do mais resistente cavalo, segue rumo de Uruguaiana, a levar o sinistro recado a João Mariano, forma-se em Vacaria uma escolta de parentes e voluntários, sob as ordens do coronel José Luís Teixeira.

Durante cerca de dois meses, vasculham-se de ponta a ponta os soturnos e impenetráveis matagais do Rio das Antas, numa odisseia estafante e demolidora. Em vão. Do paradeiro dos bugres não surge um sinal. Não se descobre uma pista.

Mas chega da fronteira João Mariano. Ele traz nas veias o sangue heroico dos bandeirantes, diante de quem se debruçam as florestas e se prosterna o índio mais cruel.

Criado no lombo do cavalo, batendo longínquas picadas, por onde sibilava a seta do selvagem e rugia o miado do tigre, João Mariano aprendera todas as manhas dos botocudos e dos caingangues. Agora, diante da tragédia que lhe roubara a família ele sabe o que deve fazer.

Vai às cabeceiras do Rio Pelotas, ainda nas matas de Lagoa Vermelha. Vai ter com o chefe dos índios coroados, o célebre Cacique Doble, que deixou o nome a uma cidade. Pede a ajuda do valente morubixaba.

Cacique Doble está de briga com os caingangues das matas do Rio das Antas. Havia pouco tempo dividiram-se numa guerra feroz. Aceita, pois com orgulho a honrosa incumbência:

- Cacique Doble ir lá, sim senhor, João Mariano. Eu ir buscar sua família.

— 23 —

A GRANDE FAMÍLIA BORGES VIEIRA, família patriarcal, marco ilustre do pioneirismo vacariano, de comprovada fé operosa, com preces e promessas, suplica aos céus desfecho honroso e feliz para a missão de resgate, agora reforçada pela argúcia felina de dois valorosos vaqueanos — João Mariano Pimentel e Cacique Doble.

Para este morubixaba, a selva não possui segredo ou mistério. Ele conhece-lhe todos os meandros. Sabe de todas as manhas dos bugres. Por isso, mal penetra na selva, descobre a pista dos assaltantes da fazenda. De longe em longe, arbustos inclinados, indicam o rumo seguido pelos raptadores.

Mas o toldo dos caingangues jaz fechado a sete chaves, em local recuadíssimo, quase inacessível, nos grtões das escarpas do Rio das Antas, junto à fragosa confluência deste com o Rio Carreiro.

Penosíssima e demorada, a penetração pelo intricado matagal, numa constante sucessão de imprevisíveis acidentes. Sempre saindo. Sempre descendo, por montes alcantilados, no calor enervante do verão.

É nesta ocasião que João Mariano batiza com o nome da padroeira da família o Passo de Santa Bárbara. Ainda hoje vê-se num dos paredões uma inscrição assinalando a data do acontecimento.

Descoberto o toldo, Cacique Doble previne que se acampe pelas imediações, para de madrugada mover o ataque e surpreender os bugres todos dentro de suas ocas, ainda semidormindo.

Uma coincidência providencial chega para a caravana libertadora. Durante a noite, o guarda, postado de sentinela perto da taba indígena, topa casualmente com a empregada, a preta da família Pimentel, a qual saíra do rancho busca de água para um dos pequenos cativos.

É um encontro capaz de matar de emoção a pobre escrava, que agora, no silêncio da noite enquanto os selvagens roncam em sono

profundo, trama a fuga ao romper do dia.

O bando armado avança ao primeiro clarão da manhã. Avança em meio de cerrado tiroteio que põe em sobressalto e em debandada todos os bugres.

No fragor do entrevero, Manoel Borges Vieira precipita-se para agarrar os sobrinhos, mas é atingido numa perna por flecha. Na difícil empresa, é substituído pelo filho, Jeremias Borges Vieira.

Este, embora igualmente flechado, consegue resgatar os filhos de D. Bárbara, sob o troar da fuzilaria dos brancos, que mantém à distância os caingangues raivosos.

— 24 —

NÃO SE DESCREVE A FESTA dos brancos ali, na taba dos bugres. Celebra-se a descoberta de um grande tesouro. Para a família Pimentel, o maior tesouro do mundo. As filhas, os filhos, depois de quatro meses de cruel exílio, na crucial desconfiança de nunca mais volver ao seu lar, de nunca mais rever seus pais...

O encontro e os abraços do pai com as filhas e os filhos, as exclamações de alegria, as lágrimas de felicidade, põem em pranto toda a caravana. Não há quem resista à emoção diante de um fato de tanta ventura.

Foram quatro meses de suspiros e de lágrimas, quatro meses de preces e promessas à Virgem Maria.

- Papai querido! — exclama Perpétua e Francisca — nós tínhamos certeza que Nossa Senhora nos libertaria!

- Sim, filhas, foi um milagre de Nossa Senhora! Nós lhe seremos gratos por Toda a vida.

Mas impunha-se abandonar sem demora o local da taba, pois os

Coroados, sempre orientados pelo negro que chefiara o assalto à fazenda, voltavam à carga com traiçoeiros ataques.

E estes ataques não cessaram nem mesmo durante a viagem de regresso da caravana.

Era demais. Esse bandido não está ainda farto de sangue? O que é que deseja mais?

Mariano fala:

- Se os bugres voltarem ao ataque, precisamos armar uma emboscada para aprisionar esse negro bandido.

Voltaram, sim. Os índios, armados de seus arcos e flechas, defenderam-se, mas o negro caiu prisioneiro nas mãos de João Mariano e Cacique Doble.

Como muito bem se pode imaginar, não foi pequeno o castigo aplicado ao cruel assassino durante a viagem e depois, enjaulado como fera, na fazenda do Mariano.

Ele paga assim, com rudes açoites quotidianos, e, finalmente, com a morte, os sofrimentos e a morte que semeara pelo campo e pela selva.

Mais tarde, morto, João Mariano, o povo engendrará lendas, fantásticas lendas. Diz uma delas que o poderoso fazendeiro matou o negro, esfolou-o e estaqueou-lhe o couro. Aos visitantes ele dizia:

— Eis ali a pele da fera! !

Lenda legítima como a que afirma terem as filhas regressado grávidas da taba dos índios. Nada mais falso.

— 25 —

APÓS O NECESSÁRIO DESCANSO, refeitas as forças e a saúde dos filhos raptados, a família vaia pé, em piedosa romaria, à igreja de Nossa Senhora da Oliveira, na cidade de Vacaria.

Durante vários dias, celebram-se comovidíssimos atos de piedade cristã, a que se associa a população, abalada como ficou diante de todo aquele drama de sofrimento humano e misericórdia divina. Missas, comunhões, procissões, jejuns...

Mas não termina aqui o belo hino de ação de graças das famílias Pimentel e Borges Vieira. Os irmãos de D. Bárbara, num rasgo de grande generosidade, doam a Nossa Senhora vasta extensão de campo, cerca de 13 milhões de metros quadrados.

O potreiro ou invernada de Nossa Senhora, como foi denominado o campo oferecido, localizado entre o Rio Turvo e o atual povoado de Tupinambá, foi mais tarde, em 1900, vendido revertendo o fruto da transação em favor das obras de construção da nova matriz de Nossa Senhora da Oliveira, o soberbo monumento de pedra que hoje é a Catedral de Vacaria.

— 26 —

CURIOSO DE SABER OUTROS PORMENORES acerca da vida e da fazenda de João Mariano Pimentel e de sua família, conversei longamente com seu neto, o coronel Libório Mariano Pimentel, filho de João Mariano Pimentel Filho, o menino que fora vítima do rapto dos bugres. Eis, pois o que nos conta o ex-prefeito de Lagoa Vermelha:

Minha tia, Perpétua Vieira Pimentel, alguns anos após seu resgate, casou com João Jacinto Ferreira, um dos integrantes da caravana

salvadora.

João Jacinto era advogado e desempenhou papel importante junto aos imigrantes italianos. Foi ele encarregado pelo Governo de dirigir os trabalhos de colonização de Bento Gonçalves e Garibaldi. Ficou por lá, no meio daqueles matagais infestados de feras e de índios, até que sobreveio uma grande estiagem, e aí desistiu.

Um neto dele, João Diogo Ferreira, vive ainda hoje, (1968) na cidade de Nova Prata. Tem 88 anos e encontra-se com saúde perfeita e boa memória.

João Jacinto vendeu por dez contos de réis uma grande fazenda, herança de sua esposa, para Manuel Vieira, o primeiro morador de André da Rocha, antepassado de tantos Vieiras que andam por aí.

Diogo Jacinto Ferreira, pai de João Diogo Ferreira, era uma pessoa interessante. Disse-me um dia:

— Veja, Seu Libório, faz vinte anos que não bebo água...

Gostava muito de coalhada. Morreu aqui mesmo, em Lagoa Vermelha, após um churrasco muito gordo e salada de pepinos, na casa de Chico Ribeiro.

Meu pai, João Mariano Pimentel Filho, vendeu parte de nossa fazenda aos antepassados de Salustiano Machado Vieira.

Meus pais, por volta de 1890, vieram morar aqui perto da vila, numa grande fazenda que compraram. A estância abrangia todos esses campos que vão desde o Lageado dos Ivos até Pizzamiglio, incluindo a própria lagoa que deu o nome ao município, os campos, onde hoje se encontram as granjas dos Comiran, dos Dolzan, do sr. Heliodoro de Moraes Branco, o falecido Athos Branco...

Por ocasião do assalto à vila, durante a Revolução de 93, nós morávamos nesta fazenda, a três quilômetros daqui.

Na frente da casa, era o nosso rodeio. De lá se avistava bem os

arredores da vila. Naquele dia, quando meu pai avistou o movimento das tropas disse:

- Vamos até lá na coxilha para ver melhor.

Nós enxergávamos, então, muito bem as manobras das tropas. O pai explicava:

- Aqueles vão levando reforços àqueles outros lá. Estão vendo?

O pai não se envolveu na Revolução, embora fosse federalista. Era muito amigo de Heliodoro de Moraes Branco, então intendente de Lagoa Vermelha. Tinha, pois, tudo o que queria, e dos revolucionários não esperava nada.

Eu ainda me lembro, quando as forças passaram por aqui com Gumercindo Saraiva. Acamparam em nossa fazenda, a um quilômetro da casa. Abasteceram-se de gado lá no nosso campo. Carneavam um boi gordo só para tirar uma costela; o resto deixavam estragando.

De noite os oficiais iam lá em casa jogar solo com a pai. O velho gostava muito de jogar solo.

Dias depois, acampou lá Pinheiro Machado. Os oficiais lá vinham também jogar com o pai.

Meu pai era assim: amigo de todos. Acontece que a Força tinha lá em nossa fazenda a sua cavalhada. E lá havia sempre um destacamento para cuidar dos animais.

Pois um dia, chegou lá uma escolta para prender meu pai. Prenderam mas depois soltaram. No dia seguinte, vieram buscá-lo outra vez. Levaram e mataram. Mataram decerto porque ele auxiliava os adversários. Foi assim que morreu meu pai. Escapou das garras dos bugres para morrer nas mãos dos brancos.

Minha mãe, Gertrudes de Almeida Pimentel, agora viúva, foi vendendo os campos. Vendia na base de trezentos mil réis o milhão.

— 27 —

E O SR. LIBÓRIO PIMENTEL, dono de privilegiada memória, prossegue entretendo a quantos se interessam pela história de Lagoa Vermelha:

Meu avô, João Mariano Pimentel, vendeu parte de sua fazenda a Salustiano Machado Vieira. Ao pai deste perguntou um dia meu avô:

- Você conhece o conto de réis cunhado?

- Não conheço, Seu Mariano.

Mostrou-lhe então uma porção de barras de ouro cunhado com um conto de réis.

O velho Cunha, o português Manuel Silveira da Cunha, contava-me sempre que o Mariano lhe dizia:

- Olhe, Seu Cunha, o dinheiro que você arranjar de ouro, troque comigo, ouviu? Eu quero enterrar.

Pois o avô enterrou mesmo na sua fazenda, lá no Laranjal. Enterrou uma grande fortuna em ouro e prata.

Anda muita gente à cata do tesouro do Mariano. O campo lá está esburacado em muita parte. Mas até hoje pessoa alguma conseguiu desenterrar o grande tesouro do meu avô.

Outra coisa interessante na vida de meu avô. Durante 20 anos, sofreu ele da bexiga. Só urinava com uma sonda.

A respeito disso, contava-me o Cunha. O Mariano levava sempre consigo, no bolso, uma latinha com meia dúzia de sondas. Quando me via, ele mostrava:

- Olhe aqui, Seu Cunha, eu carrego minha vida. O dia em que eu perder isto, estou morto.

O velho João Mariano vivia viajando a cavalo, sempre atrás de

seus negócios. Andava por toda parte, sempre caçoando dos tigres e dos bugres.

Um dia meu avô vendeu o resto da fazenda do Laranjal e foi morar na fazenda do Silvério, no Cacique Doble, lá perto da zona dos índios. Silvério era o nome do capataz de João Jacinto Ferreira. Acontece que meu sogro, o velho João Lúcio Nunes, era agrimensor e compadre de Hipólito José de Paula, irmão de Franklin José de Paula.

Hipólito e seu irmão eram donos de uma grande extensão de campo e mata lá por Cacique Doble e S. José do Ouro, naquele tempo só habitados por índios.

Um dia Hipólito procurou meu sogro, e falou:

- Temos aquela grande fazenda. Precisamos vender. Vamos fazer uma sociedade. Cedemos-lhe a metade daquelas terras para o senhor medir, dividir e vender.

João Lúcio assim fez. Foram vendendo para colonos de Flores da Cunha, Nova Pádua, Caxias do Sul, Antônio Prado...

Naquele tempo o Cacique Doble, que era um índio muito correto, tinha uma polícia de bugres para cuidar dos colonos. Estes podiam deixar as ferramentas na roça que os bugres não levavam.

O velho João Lúcio Nunes, em sua homenagem, batizou com o nome dele a sede da colônia, hoje a cidade de Cacique Doble.

Eu não conheci pessoalmente este cacique, mas conheci o filho dele, o General Faustino. Na Revolução de 93, deram-lhe uma farda de coronel.

Então ele chegava aqui com dois ou três bugres de capangas, vinha com aquela farda muito surradinha, de pé no chão...

No tempo do Faustino, havia no toldo mil e tantos bugres.

Depois que meu avô mudou-se para Cacique Doble, para a fazenda do Silvério, a velha casa do Laranjal virou tapera. Diziam que era

assombrada.

Minha avó. D. Bárbara, morreu lá na fazenda do Silvério. Morreu em idade avançada. Quando ela morreu, João Mariano, em sinal de luto, pintou a casa de preto.

Ele também morreu nesta fazenda, com 90 e tantos anos.

— 28 —

UM DOS PRIMEIROS MORADORES da fazenda do avô — segue a narrativa do sr. Libório Pimentel — foi o português Manuel Silveira da Cunha. Eram dois irmãos: Manuel e Mateus.

Manuel era pobre. Não tinha nada. Mas era trabalhador e seguro. Com seu trabalho perseverante e suas grandes economias, foi comprando campo. Ficou dono de duas grandes fazendas: a do

Laranjal e a da Esperança, aqui perto da cidade, na qual morreu e foi enterrado.

Pois o velho Cunha contou-me certa vez. Um dia, numa roda de amigos, senhores de grandes fortunas, alguém falou assim:

- A fortuna maior é a do Cunha.

Eu respondi:

- Não, a maior não, mas a mais bonita, porque vocês receberam de herança, e a minha eu ganhei trabalhando, eu fiz pelo trabalho.

O Cunha tinha uma filha única, Maria Joana. Casou com Henrique Hoffmann, filho de André Hoffmann, irmão de Cristiano Hoffmann. Eram alemães.

André era dono de uma casa de negócio, junto ao Santa Rita. É uma casa de pedra onde hoje mora Alexandre Jacobi.

Cristiano morava em outra casa de pedra que ainda hoje existe, na estrada dos Barretos para a Encruzilhada dos Nunes. Cristiano é o pai dos Hoffmann do Rincão Comprido, do Lajeado...

André tinha dois filhos: Henrique e Guilherme. Henrique começou mas não chegou a concluir a construção da Fazenda Branca, onde mora atualmente seu neto André da Cunha Hoffmann. Veio um médico aqui e o levou para a Suíça, onde morreu tuberculoso. Tuberculoso também morreu seu irmão Guilherme.

Interrompo aqui a conversa do sr. Libório Pimentel, para contar que meu pai teria podido entrar nessa grande família de Manuel Silveira da Cunha.

Acontece que meu pai morava em São Vendelino, onde nasceu. Em criança perdera sua mãe. Manuel da Cunha, que durante a Revolução de 93 se refugiava naquela buraqueira sem fim de São Vendelino, como tinha só uma filha, resolveu adotar meu pai, meu pai que seria então o herdeiro da grande fortuna.

Meu pai, entretanto, preferiu os abismos de São Vendelino, seu torrão natal, aos campos ondulados de Lagoa Vermelha, onde hoje trabalha o seu filho.

— 29 —

OS CAMPOS DE LAGOA VERMELHA, de inefável encanto na dobra graciosa de suas ondulações sem fim, riscados de negras restingas coroadas de pinheiros, mosqueados de capões de romântico lirismo, verdes campos que no inverno se alfombram da brancura das geadas e da neve, muitas vezes despiram seu traje de poesia para se tingir lugubrememente de sangue.

O silêncio destas vastas campinas que só escutavam o mugido das reses e o cântico das aves, muita vez se quebrou com o bárbaro

tiroteio dos entreveros.

Estes campos, conforme vimos, foram conquistados palmo a palmo à bala de trabuco, na luta brutal contra o gado alçado e o selvagem feroz.

Os primeiros moradores aqui entraram de trabuco e facão à cintura, afugentando a morte que se atocaiava na sombra de cada capão. Homem desarmado era frágil corça à mercê do jaguar.

E quando o trabuco principiava a silenciar, quando o sossego e a paz, a tranquilidade e o trabalho começavam a reinar nas fazendas das coxilhas, e as cidades rompiam do solo verdejante, outro acontecimento mais trágico entrou a espalhar o terror e a morte, pondo os primeiros gaúchos novamente em pé de guerra.

Era a Revolução de 1893. Revolução sanguinária, como furacão arrasador, devastou as campinas, sacudiu os povoados, semeando de cruces estas poéticas paragens.

Luta fratricida empenhada em manter rija a têmpera do gaúcho montado no seu pingo, em manter acesa a bravura dos centauros farroupilhas, para defesa desse torrão conquistado a fogo e a sangue.

— 30 —

A COLUNA DE GUMERCINDO SARAIVA, composta de seis mil homens, recrutados entre patriotas voluntários, guerreiros por natureza, índole e tradição, irrompe da fronteira do Uruguai, na altura de Santana do Livramento. Em 3 de maio de 1893, trava o primeiro combate; a memorável batalha do Inhanduí, onde tombam cerca de mil gaúchos, entre revolucionários e legalistas.

No dia 12 do citado mês, Gumercindo luta em Upamaroti. Combate depois, em 20 de junho, nas margens do Piraí, enfrentando os legalistas à ponta de baioneta. Bate-se ainda na Serrilhada, no dia 23 de junho, com

numerosas baixas de ambos os lados.

A coluna, acoçada pelas forças não menos aguerridas e mais numerosa de Salvador Pinheiro Machado, Gumercindo avança rumo de Passo Fundo e Lagoa Vermelha, aproximando-se de Santa Catarina.

Na então vilazinha de Lagoa Vermelha, um pequeno aglomerado de cem casas de madeira, o intendente Heliodoro de Moraes Branco, organiza um corpo provisório, auxiliado pelo pequeno contingente do exército, chefiado pelo Capitão Antônio Chacha Pereira.

Este contingente, composto de 300 homens a pé, postou-se na serra do Mato Português, a poucas léguas da vila.

Na manhã do dia 4 de setembro, enorme vulto escuro aponta ao longe avançando na campina. Era a coluna do Gumercindo Saraiva. Mais de mil cavaleiros. Metem-se pela picada do Mato Português, onde surpreende o tiroteio dos 300 infantess de Chachá Pereira.

Três dias de suspense, lado a lado, com façanhas e episódios memoráveis. Mas está visto que as forças de Saraiva não podem levar a pior. Chachá Pereira esgueira-se para as bandas do Barracão, rumo de Santa Catarina, enquanto os cavaleiros maragatos avançam sobre a vila.

Heliodoro de Moraes Branco só tem uma solução para evitar o massacre da população civil: evacuar para o interior do município.

No dia 7 de setembro, a cavalaria federalista ocupa pacificamente a praça, enquanto mulheres e crianças, ajoelhadas na igreja matriz de S.Paulo Apóstolo, imploram a proteção do céu.

Gumercindo é correto e respeitador. Não molesta ninguém. Pelo contrário, festeja sua façanha improvisando um baile com os federalistas locais.

A seguir a força maragata passa por Vacaria, atravessa o Pelotas pelo Passo do Socorro. Move o mais violento ataque à cidade da Lapa.

Entretanto, Chachá Pereira penetra a serra do Pelotas, postando-

se além do rio. Do lado de cá, acampa Heliodoro de Morais Branco. Todos escondidos na sombra da mata, aguardando o fim da passagem das forças revolucionárias.

Um grupo teve pressa em sair para o campo. Uma desgraça! É surpreendido na estrada por um resto da força de Gumercindo Saraiva, na Fazenda dos Mendes, no Pontão.

Foi uma chacina. Presos, amarrados pelo pescoço, maltratados aos empurrões e pontapés, recebem uma facada na carótida, cambaleiam para cair mortos alguns passos adiante.

Ainda hoje, vê-se à beira da estrada um montão de pedras, sob as quais pessoas caridosas sepultaram as 15 vítimas desta bárbara carnificina.

Na fazenda da Estrela, divisa entre os municípios de Lagoa Vermelha e Vacaria, praticou-se outra mortandade. Foram brutalmente trucidadas três pessoas.

— 31 —

DECORRIDO UM MÊS, Heliodoro de Morais Branco, de retorno à vila, reconstituía o 34º Corpo Provisório.

Súbito corre voz de que um batalhão procedente de Santa Catarina, avança rumo de Lagoa Vermelha. O intendente vai em pessoa certificar-se da realidade.

É verdade. Do alto de uma coxilha, avista-se um vulto negro em movimento, aproximando-se do povoado de Barracão. Parece uma tropa de gado. Heliodoro empunha o binóculo e constata o batalhão de guerreiros em marcha compacta.

A força, como diziam, vinha disposta a “escangalhar e queimar a jostra dos pica-paus”.

A coluna chega a Clemente Argôlo, 30 quilômetros da vila, e estaciona, dando providencialmente tempo de preparar a resistência, abrindo trincheiras e construindo barricadas, ao redor de toda a vila.

Na madrugada do dia primeiro de novembro, o piquete de sentinela sob o comando de Luís Alves de Souza Marques, é surpreendido a pequena distância da vila, sendo açoitado por feroz tiroteio.

A força maragata, composta de mil soldados, cerca a vila e envia um emissário com proposta de rendição. Heliodoro de Moraes Branco, ciente das monstruosidades praticadas nas fazendas dos Mendes e da Estrela, não pode expor a população civil a semelhante ameaça. Responde com enérgico manifesto, redigido pelo Juiz de Direito, Dr. André da Rocha, declarando-se disposto a resistir até o último soldado.

Às dez horas, um pelotão de cavalaria, tendo à frente um oficial de espada em punho e um gaúcho conduzindo um estandarte, assoma na coxilha onde hoje assenta o grandioso prédio do Ginásio Duque de Caxias. Avança em louca disparada, aproximando-se das trincheiras contra as quais dispara cerrado tiroteio, recebendo em resposta furiosa carga de chumbo.

Era o grito de guerra. Em poucos instantes, a vila encontra-se totalmente cercada por mil cavaleiros que disparam contra o casario de madeira, alvejando sobretudo a Intendência Municipal.

Enquanto na matriz de alvenaria, repleta de mulheres e crianças, sobem preces ao padroeiro S.Paulo Apóstolo, o alto da torre, por horas a fio, vai cuspidando fogo contra qualquer atacante à vista. No porão das casas, deitados sobre colchões, velhos, mulheres e crianças, escutam o sinistro sibilar das balas que perfuram as paredes.

Os defensores são poucos, uns 150 soldados, mas não esmorecem. Entrincheirados em torno do aglomerado de casas, repelem com valor todo e qualquer ataque.

Os revolucionários tentam nova proposta de rendição, com promessas de respeitar a população civil. A resposta é negativa. Vocês

fizeram a mesma promessa aos moradores da fazenda da Estrela. Vocês são desumanos, bárbaros. Vocês trazem Generoso Brabo, o mais cruel facinora da Revolução. Não. Não podemos capitular. Só depois de morto o último combatente...

Recrudescem os ataques. Tombam soldados. Há feridos entre a população civil. A Intendência transforma-se em hospital.

Ninguém pode sair à rua sem correr perigo de ser alvejado. A munição dos defensores da vila vai-se esgotando. Urge lançar mão de um expediente salvador.

Chega a noite. Um caboclo decidido, José Siebre, prontifica-se a servir de emissário do angustiante apelo ao General Avelino Paim, de Vacaria.

Vai-se esgueirando por entre a cavalaria inimiga, em contínuo sobressalto. Vai de rôjo como serpente, através de cerrado vassourai, passando a poucos metros dos maragatos, agrupados aqui e acolá, ao redor de fogueiras, donde se exala gostoso odor de churrasco.

Transposta a linha de ataque, o caboclo desata em doida disparada, para, 12 quilômetros adiante, montar a cavalo e seguir a galope.

Todos confiam na coragem e no valor deste anjo de salvação.

Lagoa Vermelha, no dia de Finados, amanhece sob o troar da fuzilaria, como a declarar que o dia seria mesmo dos mortos. Pois em dado momento, uns atacantes, num rasgo de bravura, irrompem na trincheira da rua das Tropas. Um preto corneteiro trepa sobre a taipa conclamando à luta. O coitado recebe um balaço pela corneta e tomba fulminado.

Mas o comandante da trincheira é também alvejado, o Major Leão. A luta torna-se corporal, a facção e a porrete. Heliodoro, o Dr. André da Rocha e outros enfrentam a chuva de balas e metem-seno entrevero para defender a posição claudicante. Algumas casas são tomadas pelos

atacantes e logo incendiadas. Agora o ataque é maciço e fulminante. A vila vai ser invadida e o massacre será horrível.

O massacre que já havia começado com o trucidamento de Antônio Zeferino Moreira e João Mariano Pimentel Filho, apanhados fora da vila por Generoso Brabo e o Capitão Trindade.

Haverá ainda esperança? A única esperança reside no caboclo que seguiu para Vacaria. Que traga ele sem demora as tropas republicanas.

A trincheira da rua das Tropas, a atual Benjamim Constant, jaz desmantelada. O inimigo vai penetrando na vila.

No meio do maior desespero, brilha no céu um raio de esperança. Escuta-se furioso tiroteio na retaguarda dos atacantes da rua das Tropas.

É um pelotão de cavalaria do 34º Batalhão Provisório que regressa de Campo do Meio. Chega enviado por Deus, ao lugar e na hora H. O tenente Marcos Bandeira, que comanda o pelotão, estende sua linha de combate numa coxilha das imediações da vila e despeja fogo mortal sobre os maragatos, que debandam espetacularmente, abandonando o reduto conquistado.

Há um imenso suspiro de alívio. Calam-se as bocas de fogo dos sitiantes que agora se obrigam a mudar de tática. Diminuem seus ataques e fortalecem o cerco, na tentativa de provocar a capitulação pela fome.

Vai senão quando, na madrugada do dia 4, as forças maragatas, abandonando o cerco, abalam rumo do Barracão.

Que houve? Era o 65º Corpo Provisório do Coronel Avelino Paim, de Vacaria, que se aproximava furioso, sob o comando do Major Bernardo Moreira Paz, atendendo ao apelo de Heliodoro de Moraes Branco, apelo entregue pelo valoroso emissário José Siebre.

Poema de bravura e heroísmo, página de esplendor e de glória, o feito do pequeno esquadrão de guerreiros que resistiram galhardamente em defesa de sua cidade, enfrentando com estoicismo a própria morte! ...

— 32 —

LAGOA VERMELHA, apesar desta vitória de resistência, vivia de orelha em pé, atenta a qualquer possível ataque de revanche, alerta contra a força de Gumercindo Saraiva que ainda não regressara do Paraná.

Mas a coluna maragata sofrerá grande revés durante o combate à cidade da Lapa. Regressa agora desfalcada e fraccionada.

Vem trocando bala com as forças de Pinheiro Machado. Na altura de Machadinho, já no município de Lagoa Vermelha, trava-se feio combate coma divisão da coluna adversa comandada pelo general Mena Barreto.

Era o dia 27 de maio de 1894. Neste renhido combate morreram soldados de ambas as partes, sendo improvisado ali um cemitério comum.

Depois Gumercindo, saindo das matas, adianta-se pelo campo para ferir outro combate com Heliodoro de Moraes Branco e Artur Oscar de Andrade Guimarães, no lugar denominado Três Cerros.

Mas vê-se obrigado a suspender a luta, desvia-se e marcha pela direita rumo de Lagoa Vermelha. Esbarra, entretanto, com a infantaria legalista, estrategicamente postada em linha de batalha.

Após uma escaramuça, os revolucionáriosolvem os passos para a esquerda e dão de frente com a cavalaria inimiga. O fragoroso duelo abate as últimas energias da força de Gumercindo, força que já vem aos pedaços.

O desespero chora na face do velho caudilho e de seus soldados, feridos e seminus.

A coluna embrenha-se na mata da serra, abrindo picada, transpondo caudalosos rios, perdendo animais e o comboio de cargueiros, numa épica odisseia de 14 dias, para sair enfim nos Campos de Passo Fundo.

Trava depois a memorável batalha de Valinhos contra o general Lima Pinheiro Machado, Santos Filho e Borges de Medeiros.

Prossegue por Soledade, luta mais adiante com Fabrício Pilar e Bento Pôrto.

Finalmente, no dia 10 de agosto de 1894, em Carovi, Santiago do Boqueirão, o bravo caudilho gaúcho, o glorioso filho de Arroio Grande, tomba varado pelas balas dos legalistas vitoriosos.

— 33 —

A REVOLUÇÃO DE 93, tingindo de sangue os campos de Lagoa Vermelha, ilustrou com façanhas heroicas as páginas de nossa História, retemperou a fibra do caráter de seus filhos.

Trinta anos mais tarde, nova prova de fogo, outra luta fratricida, a Revolução Assisista de 1923, repete os feitos gloriosos de 93.

Em 1924, 1930 e 1932, o gaúcho torna a empunhar suas armas.

O revólver e o facão não têm mais sossego. O seu lugar será sempre a cintura do gaúcho, prontos a roncar e lampejar para defesa dos direitos e da honra ultrajada.

A Revolução fabricou uma legião de coronéis, capitães, majores, tenentes e sargentos. Muito caboclo **voltou** do campo de batalha com título glorioso conquistado em ato de bravura.

Escutemos Libório Pimentel narrando um pitoresco fato destes.

Chachá Pereira – conta-me o ex-prefeito de Lagoa Vermelha – levou muito caboclo que depois voltou graduado por ato de bravura.

Um compadre meu, o tenente Mexias, assim descreveu a conquista do seu título de tenente:

- Certa vez, quando Chachá Pereira entrou na Serra das 4 léguas eu era sargento. Estava churrasqueando na costa do Capão Grande, que a estrada corta pelo meio.

No centro do capão tinha um arrolho (ele falava assim). Nós tava com os cabalo pela rédea. Tinha churrasqueado. Eu com 25 caboclo, companheiros escolhidos por mim à ponta de dedo.

Então ouvi um barulhozinho de água no arrolho. Atendi, compadre, e vi que vinha coalhado de maragatos. Calculei nuns oitocentos homens. Encordoaram na picada.

Então convidei a companheira da e comecei a gritar para que atacassem o franco, atacassem o franco direito, atacassem a retaguarda e fizessem uma carga de cavalaria pela frente.

E convidei a companheirada e meti fogo na força, atirando e matando gente. E a força, tomada de surpresa, foi um extravio medonho, compadre.

Nós estava só em 25. Tomemo todo o cambolho de maragatos, compadre. Doze cargueiros. O último cargueiro com um maragato arrastando na cincha. Cheguei, passei a mão no choto, cortei, tomei e levei a milha na cara para atirar no maragato, compadre. Mas eu vi que o homem assustou-se. Então não atirei. Fiquei com pena. Puxei o facão e resolvi dar um talho. Puxei um pouquinho, fiz uma mala.

Depois — diz-me o sr. Libório — o compadre Mexias chegou, entregou tudo a Chachá Pereira. Entregou os 13 cargueiros, fez uma conversa muito comprida. Então o sargento Mexias foi promovido a tenente por ato de bravura.

— 34 —

DÁ MESMO PRAZER ESCUTAR as narrativas do sr. Libório Pimentel acerca das bravuras dos filhos desta terra de lenda. Diz ele:

Aqui todos andavam armados. Era uma honra. Sentiam-se desonrados se não usassem armas.

Adão Lisboa era um sujeito muito quebra, autor de numerosas mortes em briga.

Morava em Campo do Meio, onde fez duas mortes numa briga. Veio para cá defender sua vida.

Aqui tropeava. Levava tropas para São Leopoldo.

Uma vez, em julho, manhã muito fria, numa bodega, torreando um trago. Chapéu aba larga, pala, facão feito de tenda de guarnição, arrastando pelo chão, e um 44 bem na frente. Com os pés na guarda da cadeira.

Nisto chega o subprefeito com duas praças:

- Escuta, índio, você não sabe que não pode andar armado?

Ele falava muito humilde:

- Não sei, não senhor.

- Pois fique sabendo. Outra vez eu te tomo as armas.

O índio velho disse:

- Ah, isso não! Só depois que derreter o aço no facão.

Chico João era outro índio muito quebra. Um dia foi a uma festa de casamento no Lageado dos Ivos. Casava a filha de Fausto Antunes.

Este pediu guardas para desarmar as pessoas. Havia umas 800 pessoas.

Chico João lá está sentado à mesa. Chapelão de aba larga. Facãozão de guarnição de tenda, 44 na frente.

O sargento:

- E o sr. Chico João, suas armas?

E o índio:

- Esse negócio de armas. Fique a oito metros de distância para

nós conversar neste assunto. Vou usar franqueza:

Minhas armas não entrego para homem algum porque minha mãe fica braba. E se vocês insistirem nós vamos fazer uma defuntama que vai assustar estas senhoras e essas moças. E se quiserem evitar isso, deixem-me comer estas carnes. Eu como e vou-me embora. Olhe, meu cavalo está ali amarrado na sombra, ainda não dei água.

Deixaram. De noite começou a dançar daquele jeito, de pala, armado, bota, esporo. E ainda mexia:

- Vejam como índio velho ainda se, sacode, se sacuaia ainda.

Quando clareou o dia, montou a cavalo, fez uma jarda, deu uns tiros e foi embora.

— 35 —

AMÂNSIO, FILHO DE CHICO JOÃO, ainda era mais quebra do que o pai. Um dia, meteu-se em briga com o chefe da Comissão de Terras de Sananduva ao qual deu uns tatuzaços.

O subprefeito, Dr. Espaldim, que também pertencia à Comissão de Terras, organizou uma escolta para prender o Amânsio, que morava a duas a três léguas da vila.

Chico João vinha chegando, por casualidade, a Sananduva naquele dia. Viu o movimento. Montou a cavalo e alcançou a escolta. E disse:

- Olha, Dr. Espaldim, eu sei que os senhores vão prender o Amânsio. Mas o menino é valente. Ele não vai se entregar assim no mais. É capaz de machucar os senhores. Eu vou junto pra aconselhar ele, para não resistir.

Foi na escolta. Quando entraram no picadão escuro, meia légua da casa do Amânsio, o índio velho esporeou o matungo, puxou do

revólver:

- Olha, Dr. Espaldim, eu vim pensando e vim resolvendo. Olha, o rolo nós vamos fazer. Uma briga muito feia sai. Meu filho é moço, sou velho. Eu tenho de brigar aqui mesmo, onde ninguém nos acode. Vocês não passam aqui. O que passar aqui.eu mato.

Resolveram voltar. E o índio velho foi tomar chimarrão com o filho.

Numa festa de casamento em São João da Urtiga, anos depois, Amânsio morreu assassinado, pelo então subdelegado e subprefeito, Pedro Branco, sobrinho de Heliodoro de Moraes Branco.

Estavam sentados à mesa, tomando chimarrão. Caindo o assunto sobre armamento, disse Pedro Branco:

- Amânsio, eu vou desarmar você.

- Não, Seu Pedro, a mim você não desarma, não.

E principiou logo o tiroteio dentro do bar. Cada um levou um tiro. Caíram. Levantaram-se. Deram-se outro tiro. Mais outro. Mais outro. Cinco tiros.

Finalmente o subprefeito caiu morto nos braços de sua esposa. Amânsio, antes de morrer, ainda falou:

- E você, desgraçado, ainda tem um colo pra morrer! ...

Mas o repertório do sr. Libório Pimentel é inesgotável. Agora ele nos conta outra de Adão Lisboa.

Foi numa carreirada no André da Rocha. O subprefeito, o Manuelzinho Nunes, era um sujeito muito quebra, homem valente.

O Adão estava armado. O Manuelzinho que era também subdelegado, começou a desarmar o pessoal. O Adão chegou as esporas num bragadinho, chegou na frente, tocou na rédea. Riscou nas quatro

patas do cavalo:

- Olhe, Manuelzinho, eu não me desarmo. O senhor está nos incomodando por causa de armas. Eu não entrego pra homem. Depois que o senhor desarmar todo o mundo, eu pego as minhas armas e boto num poço muito fundo, onde ninguém pode pegar. Minhas armas são sagradas. Eu não deixo nem moça bonita pegar em minhas armas, quanto mais índio porco, sujo, imundo, como você.

- Oh, senhor João, dois bicudos não se beijam.

Não se beijam porque são brutos, são ignorantes, estúpidos. Se agarram, se mordem, se matam...

Anos depois, o Delegado de Polícia, o Laurentino, foi à casa do Adão, perto do Turvo. Chegou de noite:

- Adão, Adão!

De dentro disseram:

- Ele não mora aqui.

- Quem é que mora aqui?

- Aqui mora o filho dele.

O filho apareceu:

- Onde mora o pai?

- Naquela casa ali.

Sitiaram a casa. A mulher de Adão saiu à porta:

- Que é que os senhores querem?

- O Adão.

- Ele não está. Anda viajando.

- Queremos que nos dê licença para revistar a casa.

Ela abriu. Entraram. Foram ao quarto do casal. O Delegado, o Laurentino, era um homem muito grande. Olhou por baixo da cama. A mulher deu uma risada:

- Ih! É aí que você não acha o Adão. O Adão é homem muito grande. É muito maior do que você.

E o sr. Libório explica-me: Os filhos do Adão moravam em duas casinhas, à direita, antes de chegar no Tupinambá.

Naquele tempo, todo mundo andava armado. Depois que entrou Getúlio com o novo regime, começou o desarmamento e então desabafou este negócio de quebras.

— 36 —

NO BARRACÃO — prossegue a narrativa do sr. Libório — houve famílias que se liquidaram em brigas. Uma é a família Chaves.

Pergunto se são parentes de Ovídio Chaves. Sim. Ovídio Chaves é sobrinho desses que se mataram num conflito.

Eram vários irmãos. Lúcio Castilhos era o subdelegado e subintendente do Barracão. Dois filhos, o Procópio e outro, eram prevalectidos, abusando da autoridade da família e faziam coisas que não deviam fazer. Crescêncio Chaves, que foi promotor público em Campos Novos, soube da encrenca dos irmãos dele com a autoridade. Escreveu uma carta para o Antério Lúcio Castilhos, o subdelegado, avisando que no dia das carreiras, pelas duas da tarde, esperasse na cancha. Que reunisse os filhos dele, porque ele vinha para justar contas. Avisou os irmãos dele.

Crescêncio veio, cruzou o rio, pousou no Barracão. Onde pousou tinha um filho pequeno de Antônio Lúcio. Disse:

- Vá adiante, avise o seu pai que hoje estou aqui e, como prometi, às duas horas, estarei na cancha dos pinheiros para nós justar contas.

Hoje nós vamos nos ferrar de rijo...

Antônio Lúcio se preparou. Às duas horas, Crescêncio chegou. Foi aquele tiroteio. Cem tiros... Depois quando cessou a fumaça, estava caído o Crescêncio e o irmão dele, o Eugênio Chaves. Leandro Chaves, outro irmão, morreu. E morderam dois filhos de Antônio Lúcio Castilhos: Jordan e Procópio.

Cessou a fumaça. Daí a pouco, Eugênio Chaves se levanta. Ele tinha tomado uma cacetada na cabeça. Saiu-lhe todo o couro cabeludo, veio para os olhos com uma bola de sangue. Ele nem enxergava. Recuperou os sentidos. Levantou o couro. Olhou, viu um guri com umas laranjas. Disse:

- Dê cá uma laranja que estou com uma sede danada. Eu não vi nada...

O Crescêncio também se levantou. Tinha tomado um balaço de Winchester no braço direito, atravessara o corpo e o outro braço. Outro tiro atravessara-lhe as duas pernas. Viu que a polícia ia atrás dele. Mandou vir a mula. Montou a cavalo, cruzou o rio Pelotas numa canoa com a mula a reboque e foi se curar com arnica no outro lado do rio.

O Leandro e os filhos do Antônio Lúcio ficaram se atirando. O Leandro se encostou num poste e, como não tinha mais bala, puxou da adaga e atravessou o outro com um pontão. Caíram os dois, um de cada lado.

Eugênio Chaves foi morto na Revolução do 23. Meteu-se na Revolução, atravessou o Pelotas e entrou numa bodega.

Havia então em Clemente Argôlo um contingente da Revolução comandado por Eliziário Paim, o Facão. Veio com uma guarnição, todos bandidos escolhidos a dedo em Santa Catarina e Paraná. O que tinha menos crimes, tinha seis. Só não tinha crime o cozinheira, um gurizote. Quando saíam em diligência, ele ficava chorando.

- Eu queria que vocês me levassem, eu queria aprender a

degolar...

Dois índios daqueles desentenderam-se com o Eliziário, o Comandante, e foram embora. Cruzaram o Pelotas. Mas depois se arrependeram e queriam voltar. Precisa um pretexto.

No morro do outro lado, na porta da venda estava o Eugênio comendo um enlatado. Mandaram chegar e mataram o homem.

E voltaram para Clemente Argôlo:

- Resolvi voltar porque estivemos matando outro no outro lado do rio.

E com isso, os dois bandidos ficaram no destacamento.

Elpídio Chaves, o pai de Ovídio Chaves, foi para Pôrto Alegre onde cuidava dos morféticos, perto do Guaíba. O filho foi também para Porto Alegre onde encontrou ambiente para o seu gênio.

Crescêncio Chaves criou um rapaz, o Gilberto Chaves, que se tornou grande. Educou-o, indo este mais tarde para São Paulo. Lá se elegeu deputado estadual por duas legislaturas. Era o presidente do Centro de Tradições Gaúchas em São Paulo. Pessoa muito relacionada. Ainda vive.

Do Barracão é também o Dr. Zeferino Bittencourt, médico em Porto Alegre.

Natural do Barracão é também um parente meu, que foi prefeito em diversos municípios no Paraná. É o Patrocínio Pimentel.

— 37 —

OS MENDES DA FAZENDA DO PONTÃO descendem todos de quatro irmãos que emigraram do então Estado de São Paulo, hoje Paraná, nos primórdios da colonização de Lagoa Vermelha. Receberam a sesmaria

cujo centro era o local do pequeno povoado do Pontão, entre o Barracão e Clemente Argôlo, às margens da atual rodovia BR-470.

Chamavam-se Antônio Mendes, o mais velho; João Mendes, Manuel Pedro Mendes de Araújo e José Mendes. Este foi o dono da fazenda da Roseira, no Turvo, hoje da família Amaral.

Vieram solteiros e casaram os quatro com gente de Lagoa Vermelha.

Aparício Mendes, fazendeiro num trecho de campo que pertenceu à grande fazenda do Pontão, descende de Manuel Pedro Mendes de Araújo, casado com uma filha de João Antônio Machado, avô de Aparício Mendes.

É ele que vai nos narrar o crime que prostou sem vida o seu pai, João Antônio Machado Filho.

Meu avô — conta Aparício — nasceu em Guarapuava, no Paraná. Foi capitão da Guarda Nacional, no tempo do Império.

Por ocasião do crime, meu pai e eu morávamos junto com o velho avô, na casa que depois foi do falecido Zica Andrade, e que fica ao par da estrada. Tem na frente uma lagoa.

Foi nessa casa que meu pai foi assassinado, às oito horas da noite do dia 31 de outubro de 1914. Eu tinha então 18 anos.

Eu estava na sala conversando com um tio recém-chegado, irmão do assassino. Este, Gomercindo Mendes, estava combinado com o irmão para matar meu pai.

Enquanto eu me entretinha na conversa, ouvi um tiro. O pai tinha sido atingido pelas costas no momento exato em que entregava a cuia de chimarrão ao meu avô. Gomercindo havia disparado por uma fresta da cozinha onde meu pai se encontrava.

Levantei-me. Atravessei o corredor onde encontrei o pai com o revólver na mão e cambaleando. Agarrei-o e em seguida morreu. O irmão

do assassino me ajudou a colocá-lo na cama.

O avô pediu-me que aprontasse o cavalo e fosse avisar os vizinhos. Eu respondi:

- Mas tem gente lá fora.

Um cachorro estranho choramingava. Nós não tínhamos cachorro. Notei que alguém forcejava o trinco da porta para entrar. Agarrei o revólver do pai e fiquei de espera. Mas a porta não se abriu. Daí a pouco eu pude sair para chamar os vizinhos.

Supõe-se que o motivo do crime fosse o ciúme que Gomercindo tinha do meu pai e da criada que meu avô tinha em casa. Gomercindo era neto de meu avô e criado por ele.

Meu pai era quem cuidava do avô. Depois que meu pai morreu, eu cuidei dele até dar-lhe a sepultura-

Gomercindo casara havia pouco e morava em nossa casa. Mas não se quadrou com meu avô, seu pai de criação, e nem com a criada.

Meu avô tratou então de ajeitar que Gomercindo fosse morar numa internada, perto de Tupanci. Enquanto construía a casa, ficou morando numa casinha do sogro.

Decerto o assassino achou que o pai não consentia ficasse ele morando em nossa casa com receio de que podia matar a criada do avô. Morto meu pai, o avô não teria quem cuidasse dele e Gomercindo ficaria dono da situação.

Embora ninguém tivesse visto, as suspeitas caíram todas sobre Gomercindo, pois nem ao velório queria vir. Chegou de tarde mas ficou no galpão. Só convidado ele foi, mas a contragosto. Quando ele entrou na sala do velório, o cadáver verteu sangue. Aí meu avô disse:

— O sangue do meu filho está pedindo justiça.

Então Gomercindo não aguentou e saiu. Mas naquela mesma semana, enquanto tratava da mudança da casa, foi preso.

Gustavo Berthier, subdelegado de Polícia de Clemente Argôlo, é agora quem vai contar como prendeu o criminoso.

Na tarde daquele dia — contou Gustavo Berthier o Gomercindo esteve aqui na Estância (Clemente Argôlo), na bodega do Lulu Machado, e comprou uma porção de chumbo grosso. Tinha uma pistola de carregar pela boca.

Andava num burro. E nós examinando o mato, achamos, num olho d'água, o lugar onde o burro estava amarrado. Pisou tudo ali.

Então já caiu a suspeita nele. No outro dia, Gomercindo mudou-se para a casa dos Almeida. Fui lá para conversar com ele. Quando cheguei lá saiu com um revólver atravessado na frente. Prendi ele.

Tinha um punhado de balas despejado no bolso. Aí fui examinar um cesto cheio de roupa velha, porque na cozinha do crime, fora encontrada uma bucha assim quadrada, de uma fazendinha de luto, roxa, de raminho.

Pois naquele cesto da mulher, eu achei o resto do vestido daquela fazenda e bem certo donde saiu o quadradinho para fazer a bucha. ..

Ficou preso dois anos. Foi solto, mas não prestou mais. Começou a beber. Decerto, de remorso.

E Aparício Mendes conta que Gomercindo foi solto porque tinha um bom advogado de defesa, o Dr. Macedônio Rodrigues da Silva, sogro do Dr. Plauto de Abreu, e porque não havia testemunha ocular do crime.

Houve outro processo contra Gomercindo em virtude de um arrombamento da nossa casa onde furtou três contos e meio. Mas nem desta vez ele foi condenado.

— 38 —

MAS A SINISTRA PÁGINA DE SANGUE não está encerrada. A terra que acordou ao ribombo dos tiros, escutará eternamente o eco das bombardas, ricochetando pelas coxilhas e canhadas.

Foi no dia 8 de maio de 1905, no Pulador, ermo rincão, junto à estrada, entre Clemente Argôlo e Barracão, na casinha de comércio do árabe Antônio Nicolau.

Naquela solitária casinha, ilhada na verde, imensidão da campina, o pacato comerciante vivia com a velha mãe, fornecendo os criadores de artigos de fora, recebendo muitas vezes em troca produtos da pecuária.

Não havia bancos onde guardar dinheiro. O comerciante devia aguardar a volta dos caixeiros viajantes para efetuar novas compras e pagar as mercadorias anteriores. Dinheiro era, pois, o chamarisco das aves de rapina, sedentas de sangue.

Na noite daquele fatídico dia, dois rapazes, um deles irmão de Gustavo Padilha, que ainda vive, encontravam-se de pouso na casa comercial do árabe Antônio Nicolau.

Vai senão quando, na calada da noite, cinco assaltantes abatem a tiro o velho Nicolau, que depois degolam. Com 16 facadas, matam a velha genitora, juntamente com os dois hóspedes, degolando a ambos.

A polícia de Heliodoro de Moraes Branco movimentava-se debalde durante meses e meses em busca de uma pista dos autores de tão revoltante massacre.

Enfim, já em 1907, no Barracão, a velha Júlia, sogra de José Claro Biriba, um dos assaltantes da casa comercial do Pulador, apesar das ameaças de morte por parte do genro, dá parte ao subintendente, Capitão Felipe Sales de Bittencourt Silveira.

José Claro Biriba é preso, juntamente com outros dois bandidos, os quais foram condenados a 30 anos de reclusão. Dois, resistindo à ação

da polícia, foram abatidos, sendo um destes o tal de João Dedo, que se havia refugiado nos matagais do Espigão Alto, onde foi morto pela polícia.

No mesmo distrito do Barracão, dois anos mais tarde, em 1907, o negro Baeta assassina o cidadão Florêncio Leite de Godoi, pai de numerosa prole.

O negro Baeta, autor de vários crimes, defrontou-se um dia com o subdelegado de Clemente Argolo, Coronel Gustavo Berthier, junto ao rio Barreiro.

- Quem é você? — pergunta o coronel.

- Eu sou o negro Baeta — respondeu pondo a mão na pistola.

Gustavo Berthier, rápido como o raio, desferiu-lhe um tiro na testa. O rio muito cheio arrastou o negro e seu cavalo. O cavalo foi encontrado, mas o corpo do bandido, até hoje...

— 39 —

A REVOLUÇÃO DE 93 DEIXARA em sua esteira de sangue uma série sinistra de figuras selvagens. Uma dezena de perigosos facínoras, que durante anos andaram semeando inquietação e morte pelos campos de Lagoa Vermelha.

Conforme nos relata o historiador Demétrio Dias de Moraes, guarda-se o nome de alguns destes bandidos: José Chicuta, Manduca Gregório, Generoso Brabo, Mané Pitoco e o tal de Baeta.

Um grupo de federalistas, chefiado por um destes bandoleiros, que procedia da serra do Machadinho, rumo do Barracão, saqueou a casa do capitão Zeferino Sales de Bittencourt, que se escapou da morte por não se encontrar em casa.

Seguindo caminho, no lugar conhecido por Eucaliptos, na fazenda dos Mendes, encontraram em casa de Joãozinho Chaves um capitão que

fora gravemente ferido no combate dos Três Cerros e que Joãozinho Chaves recolhera em sua casa. Agarram o infeliz capitão, levam-no à beira de uma restinga, a duzentos metros da estrada, onde o degolam, deixando o corpo exposto às aves de rapina, sendo encontrado dias depois semidevorado pelos corvos.

A caterva de bandidos bateu depois na Fazenda de Maneco Lopes para degolá-lo. Não o encontrando em casa, levaram da fazenda o que bem entenderam.

Este e outros grupos, percorrendo os campos de Lagoa Vermelha e Vacaria, andaram assaltando e queimando casas, degolando homens, mulheres e crianças.

Volvendo depois à serra de Machadinho, deram com um grupo de pessoas que voltavam para suas casas. Sobre estes se precipitam, matando a quase todos.

Na estrada de Capoeiras, hoje Nova Prata, alcançaram o estafeta Antônio Zeferino Moreira (Totó), degolando-o sem piedade.

Na entrada da cidade de Lagoa Vermelha, foi assassinado um velho barbudinho e maltrapilho, parecido com o popular monge João Maria, com que o povo o confundiu, sendo sua sepultura venerada até hoje.

Remontando ao ano de 1868, recordamos o bárbaro crime praticado contra a nobre figura do Juiz de Direito da Comarca de Vacaria e Lagoa Vermelha, Dr. Antônio Holanda Cavalcanti.

Vinha ele, a serviço de sua nobre missão, de Vacaria para Lagoa Vermelha, acompanhado pelo Juiz de Paz, João Soares de Barros. Na altura da localidade dos Barretos, a 12 quilômetros da cidade, o Juiz de Direito demorou-se um pouco em visita a um amigo, deixando então a companhia de João Soares de Barros.

O Dr. Holanda Cavalcanti prosseguiu viagem em companhia de um senhor por nome Pacífico. Era de tarde, dia de calor. Nas proximidades

da lagoa vermelha, a lagoa que deu o nome à cidade, perto da qual existia então um capão fechado, surgem três indivíduos que a tiro prostram o magistrado sem vida.

O acompanhante, embora ferido a bala, conseguiu evadir-se através da mata e chegar à vila para relatar o acontecido.

Os praticantes deste crime, que dadas as qualidades tradicionais da família Cavalcanti teve repercussão nacional, não foram descobertos. Prenderam como suspeito o nosso já conhecido João Jacinto Ferreira, o qual, entretanto, foi absolvido pelo júri.

— 40 —

MORTE IGUALMENTE TRÁGICA e misteriosa coube ao fazendeiro Ildefonso Lourenço de Lima, descendente dos pioneiros de Lagoa Vermelha e pai de numerosa e distinta prole, na qual se destaca o preclaro causídico Dr. Erico Lourenço de Lima.

Durante uma festa de casamento na Encruzilhada dos Dutra, a 15 quilômetros da cidade, onde morava o nosso criador, surgiu um desentendimento entre ele e o perigoso bandido Valentim Pelotas e mais Amâncio Francisco Mendes. No entrevero, Ildefonso puxou do revólver quando recebeu violenta cacetada na cabeça, caindo desfalecido.

No tombo, o revólver detonou, indo a bala atingir mortalmente a Valentim Pelotas, atravessando ainda uma cangalha.

Ao recuperar os sentidos, Ildefonso, que era um sujeito muito valente, não pôde deixar de rir ao ver o mulhério todo trepado nas árvores.

Dias depois, precisamente a 18 de maio de 1916, fizeram-lhe uma espera numa porteira, nas proximidades do rio Ratiel, sendo morto a tiro.

Sobre este crime que abalou o município, paira até hoje o mistério. Desconhece-se o nome do assassino e a causa de tão bárbaro e covarde

atentado.

O coronel Heliodoro de Moraes Branco governou Lagoa Vermelha, como Borges de Medeiros governou o Estado, durante cinco períodos consecutivos, de 1892 até 1912.

Durante os períodos de 1912 a 1920, sendo intendente o coronel Maximiliano de Almeida (Maxi), Lagoa Vermelha viveu ainda dias de agitação dentro da própria vila.

Em 8 de julho de 1920, armou-se violento tiroteio entre os partidários da situação e os da oposição, havendo o próprio coronel Heliodoro saído à rua a fim de pacificar os ânimos.

O tiroteio foi ao total esgotamento da munição. . . Cessado o fogo, jazia morto Luiz Alves de Souza Marques, um dos heróis da defesa da vila durante o cerco de 93. José Silva, gravemente ferido, morreu dois dias depois.

Resultaram ainda feridos: Edmundo de Oliveira, Heliodoro de Moraes Branco, Pedro Fidélis Ferreira e Francisco Dias de Moraes.

- 41 -

O DR. ANTÔNIO AUGUSTO BORGES DE MEDEIROS, chefe do Partido Republicano, pela quinta vez, vencera a batalha das urnas, elegendo-se para governar o Rio Grande do Sul, derrotando o candidato da oposição, o fundador (.o Partido Libertador, o estadista, diplomata e polígrafo, Dr. Joaquim Francisco de Assis Brasil.

Diante da alegada fraude eleitoral, o Rio Grande do Sul põe-se novamente em pé de guerra, porque o gaúcho é povo que não tolera injustiça. Se alguém lhe pisar no poncho, a peleia está formada.

Fazendeiros poderosos dispunham naquele tempo de um pequeno

arsenal de guerra em suas casas. Munição de boca sobrava pelos campos, na gorda gadaria que num instante, em qualquer capão ou restinga de mato, se transformava em substancioso churrasco.

Não havia tanques de guerra, mas pelos campos sem fim, imensas manadas de cavalos, adestrados e fogosos, aguardavam o momento de correr na cancha da honra ultrajada.

Lançado o grito de guerra em defesa da liberdade, surgiram em quatro paletadas legiões de voluntários combatentes. Armados de revólver e Winchester, espada, faca e facão, comblim, marlim e fuzil, montando cavalo bem arreiado, cargueiro com bagagem e munição, bandeira, fita e lenço encarnados, os libertadores meteram-se aos caminhos, meteram-se pelos corredores, levantando poeira, colorindo as coxilhas, acordando ecos com o patear de seus cavalos, atroando os ares com o som de seus clarins e o rufar de seus tambores. Marchavam para a luta, orgulhosos e felizes, como o jogador que entra em campo para disputar uma partida de futebol.

— 42 —

ALÉM DAS INFORMAÇÕES que encontrei nos escritos do historiador Demétrio Dias de Moraes acerca da Revolução de 1923, colhi farto material da boca de pessoas envolvidas efetivamente na luta fratricida, especialmente o major José Borges Teixeira, Gomercindo Ferreira de Lima, Fernando Luís Bittencourt, Maurício Alves Hoffmann, Dr. Érico Lourenço de Lima...

Gomercindo Ferreira de Lima, filho do capitão Alípio Ferreira de Lima, é bisneto do fundador de Lagoa Vermelha. Assevera-me ele que o doador do terreno para a construção da capela e da cidade de São Paulo da Lagoa Vermelha não foi o capitão José Ferreira Bueno, mas o sogro deste, Simão Lopes...

Dentro do município de Lagoa Vermelha, o município que

assinalou o maior movimento de tropas nas revoluções de 93 e 23, o sangue principiou a correr no oitavo distrito, na Sede Nova, hoje cidade de Paim Filho, com duas mortes, na luta travada contra a força do general Felipe Neri Portinho, o poderoso caudilho que chefiou a coluna revolucionária do norte.

A seguir, correu logo voz que a força maragata marchava sobre Lagoa Vermelha, praticando massacres em massa.

Era apenas um boato absurdo que, entretanto, ninguém desmentia. Pelo contrário, chega de repente, a todo galope, um caboclo declarando que a “metraiedera” já vinha roçando perto do Passinho Fundo. A “metraiedera” era, nada mais e nada menos, uma carroça barulhenta que descia correndo a ladeira pedregosa...

A vila naquele tempo não contava ainda com 1.500 habitantes. Toda a população entrou em pânico. Foi o estouro da boiada. Uma correria desenfreada, a pé, a cavalo, de carroça, de caminhão... Viam-se três pessoas engarupadas no mesmo cavalo... Um lenhador estava descarregando sua carrocinha de lenha. O comprador salta em cima e manda tocar, à toda brida, semeando as ruas com achas de lenha.

A vila ficou praticamente deserta, as casas fechadas. José Nicolodi, entretanto, não quis abandonar o seu hotel, no centro da cidade. E fez ele muito bem, porque desde o dia do ataque à Sede Nova, 5 de março, até o dia 16, ele não viu nenhum libertador.

No dia 16, um piquete, procedente de Clemente Argôlo, Capão Bonito e Barracão, empunhando estandarte, percorreu as ruas desertas, rompendo o silêncio com o patear de seus cavalos.

Pelo interior do município, fervia o caldeirão das animosidades entre assististas e borgistas, na expectativa da chegada do general Portinho, por parte dos revolucionários, e dos generais Feijó e Januário Correia, enviados pelo Governo em defesa da vila.

— 43 —

DAVAM-SE ENTÃO CASOS como este que me conta Fernando Luís Bittencourt, do Capão Bonito. Diz, ele:

Eu tinha 21 anos, estava para servir o Governo. Novo, não conhecia nada. Eu gostava de vestir uma fita encarnada e meter-me na briga montado no meu cavalo.

Fui, me apresentei como voluntário no acampamento dos maragatos.

Aqui, logo me convidaram para bater na casa de Alfredo Tavares, Moisés Tigre e Gibrail Tigre.

Eu não queria.

- Tem que ir.

- Sr. Coronel, eu não queria ir, porque, o senhor veja, esses são meus vizinhos e amigos. E eu não sou dessas coisas. Eu tenho capacidade para escorar numa linha de fogo, numa briga. Mas prender os meus amigos, eu não vou.

- Ah, você é chimanguinho, não é?

- Não é questão de chimanguinho, sr. Coronel.

Fiquei muito brabo. Daí fugi, sem licença para a Estância Velha (Clemente Argôlo). A cavalo. Estava por lá. Vieram dois soldados a mando de Mesquita, para me prender:

- Fulano, eu vim te buscar aqui por ordem. Mas eu não te levo porque somos amigos. Você saiu do acampamento sem licença.

- Preso vocês não me levam. Eu vou, mas não preso.

Fiquei brabo outra vez. Estava armado. 38, faca... Fui. Cheguei lá, fiquei à vontade. Depois resolvi sair embora para casa.

Outro dia, chega um homem do Governo e me convida:

- Você vai comigo. Eu lhe garanto, ninguém vai lhe fazer mal. Você se apresenta.

Fui. Me apresentei. Mas logo chega uma denúncia que eu era espião contra a força do Governo mandado pelo falecido Mané Júlio Garcez. Disse que eu fora esperar reforços. Me prenderam, me tiraram os arreios, o revólver, a faca, tudo. ..

No outro dia chega a Capão Bonito a força do general Firmino Paim Filho...

— 44 —

NO DIA 17, AS FORÇAS DE PORTINHO ocupavam pacificamente a praça deserta de Lagoa Vermelha, acampando nas imediações, junto à chácara Salomoni, hoje da família Roman, pouco além do lugar onde se ergue o Silo Aéreo.

Entretanto, o primeiro Regimento de Cavalaria da Brigada Militar, comandado pelo Cel. Augusto Januário Correia, e o 3º Corpo Provisório de Guaporé, sob o comando do Cel. Francisco de Paula Feijó, encontravam-se em Nova Prata com as autoridades de Lagoa Vermelha, lá refugiadas.

Ciente da invasão da vila pelas forças da Revolução, a coluna legalista mete-se a caminho a todo galope.

Na madrugada do dia 18, um pelotão de republicanos penetra furiosamente na vila, disparando tiros de metralhadora, amedrontando e afugentando os maragatos.

Estes, tomados de surpresa, levantam acampamento, rumando para Clemente Argôlo, onde pernoitam.

De manhã cedo, Portinho envia um piquete ao Capão Bonito, onde as forças do Dr. Firmino Paim Filho se encontravam havia dez dias, com mais de mil homens armados.

Aqui os chimangos, como vimos, prenderam Fernando Luís Bittencourt. Prenderam mais Gomercindo Ferreira de Lima e sete moços. Amarraram os nove por um único laço a dois pinheiros, em frente à casa atual do sr. Raul Feijó. Amarrados ficaram dia e noite, dormindo ao relento, durante nove dias.

O piquete revolucionário foi recebido por violenta chuva de fogo, que os pôs a correr. Um deles, Calimério Lourenço de Lima, atalhando pela estrada do Passo da Pedra, saiu na frente, a galope, num cavalo zaino-pinhão, levando recado a Portinho.

Passando pela fazenda da Limeira, Calimero informa aos correligionários Sívio e Nestor Muliterno que o Capão Bonito “está fervendo de chimangos”.

Avisado, Portinho coloca em marcha Toda a sua força, chegando ao Capão Bonito pelas 14 horas daquele dia 19 de março, uma segunda-feira.

O entrevero começou. Feio entrevero. Cerrado tiroteio. As balas sibilam aos ouvidos do caudilho libertador. Matam-lhe o cavalo. Matam-lhe o ordenança, Vicente Leite, um mulato que os borgistas depois enterraram à beira da estrada, com uma mão de fora, para “cumprimentar os transeuntes”. Vê-se ainda hoje a sepultura, assinalada por uma cruz e uma roseira, no corredor, ao lado de uma lagoa na granja do sr. Genelvino Pacheco de Lemos.

Morre outro soldado libertador e sai ferido Otaviano Issler, tio do deputado Victor Issler. Portinho confiou o ferido aos cuidados da família Muliterno, na Limeira. Sarou e ainda vive em Passo Fundo.

Firmino Paim perde apenas um oficial de nome Ramiro, de Vacaria, que veio a morrer na casa do sr. Arcário Vegher, no Capão Bonito.

Os nove presos continuam amarrados aos dois pinheiros. Dizem que serão degolados. Alípio Pôrto, Delegado de Polícia de Vacaria, protesta:

— Não matem os presos. Nós não estamos aqui para fazer banditismo. Se matarem, farei o corpo de delito e denunciarei ao Dr. Borges de Medeiros.

Soltaram, menos Gomercindo Ferreira de Lima, que depois se ofereceu como voluntário à força legalista. Ia sendo levado para Porto Alegre, quando, durante o acampamento junto ao Turvo, desertou. Protegido pela escuridão da noite, esgueira-se por entre os cavalos e agarra o campo. Deita-se num capão durante meia hora. Vendo que ninguém o persegue, mete-se outra vez por campos e matos, chegando aos Barretos pelas três da madrugada, pousando em casa de um amigo.

- 45 -

JOSÉ BORGES TEIXEIRA, hoje (1969) com 85 anos de idade, guarda em sua admirável memória os mínimos detalhes de todo o drama que viveu durante a Revolução de 1923:

Eu estava na minha casa, na Fazenda São João, na Agência, em Vacaria. Ainda antes da Revolução do 23, o pessoal estava todo se movimentando.

Quando foi um dia, chegam três homens acavalo direto à minha casa. Era o coronel João Fagundes, de Passo Fundo, que morava no Campo do Meio.

Ele vinha da casa do falecido João Anselmo, que era o chefe dos libertadores, naquele tempo, ali na Estância Velha (Clemente Argôlo), vinha na Fazenda da Estrêla conferenciar com meu primo irmão e compadre, Libório Antônio Rodrigues, que era o chefe dos libertadores em Vacaria e dono da Fazenda da Estrêla.

Um cunhado meu, Orlando Luiz Teixeira, que fez a Revolução também, foi quem mandou João Fagundes na minha casa para eu ir com ele na Fazenda da Estrêla.

Chegaram na minha casa. Trocaram os cavalos. Quem deu os cavalos fui eu. Eram Jango Fagundes, dois rapazes e Otávio Rocha, companheiros do Campo do Meio.

Conferenciaram com o compadre Libório e no mesmo dia, de tarde, voltaram. Eu fiquei por lá, na Fazenda da Estrêla.

Lá estava o coronel Manuel Lopes Castelo Branco, chefe dos libertadores de Bom Jesus, homem corajoso e disposto. Estava lá com o major Marcílio Cardoso.

Voltei na minha casa, na Agência. Quando foi um dia, chega o compadre Virgílio Rodrigues, que é morto, filho do velho Libório. Era o mais moço dos filhos. Major Abitino Lima, que era cunhado do Virgílio, casado com a Etelvina. Chegou também o compadre Orlando Luiz Teixeira, meu primo irmão, e o pai desse Nicanor Lima, capitão Bernardo Lima.

Chegaram lá em casa. Almoçamos.

- Olha - diz - nós viemos aqui, queremos varar para Santa Catarina, onde está o coronel Fabrício, em Valões.

Diz o compadre Orlando:

- Quero que o senhor vá junto. Tem passageiro lá no Passo?

- Tenho o compadre Bibiano que passa nós do outro lado.

No lado de cá morava eu, José Borges Teixeira, pro lado de lá morava José Borges do Amaral, meu parente, um lageano, fazendeiro. Homem muito distinto e bom.

Chegando no Passo da Agência, no Paso Velho, encontramos uns caçadores de veado, todos conhecidos: um José Anastácio Nunes, um preto, Salvador Calixto, o negro Salvador Calixto.

Chamamos o Bibiano que estava no outro lado. Vieram com duas canoas. Passei os homens. Voltei e eles foram conversar com o Fabrício. O coronel Manuel Fabrício era meu parente, era Borges Vieira.

O Fabrício diz:

- Eu dou a palavra. Eu vou fazer a Revolução. Orlando, eu vou. Pode me esperar sem falta. Eu vou e levo meus companheiros, homens práticos, daqui, homens que lidaram comigo no sertão no tempo do Contestado. Eu levo meus companheiros. Vai meu filho também, o capitão Luís Fabrício. Tal dia eu estou na Anita Garibaldi.

Lá morava o sogro do Fabrício, o Eduardo Salmori, um italiano.

Nós ficamos no Campo Belo e organizamos uma coluna com gente de Vacaria. O compadre Orlando e o Bernardo Lima voltaram. Vieram para a Estrêla.

Trouxeram muita arma. Um cargueiro, O Fabrício cedeu armas, umas mulas, cangalhas, bruacas... Veio muita Winchester, muito Marlin, muito fuzil, muita munição. Fabrício tinha muita arma. Era veterano velho...

Aí eu fui na Estrêla com o compadre Orlando. De lá mandei um rapaz, que ainda tenho ele aqui, um mulato chamado Maurílio, que eu criei.

- Vai lá na casa do compadre Eusébio, diz prá ele que venha, que nós já voltamos, falamos com o Fabrício e ele vem tal dia na Anita Garibaldi.

Fomos na casa do meu cunhado Libório Antônio Rodrigues Filho, que é casado com minha irmã Albertina.

Lá estava todo aquele armamento, engraxado, num pátio grande, no sol, encostado. Umas cento e tantas armas.

Aí vem o compadre Balduino e diz:

- Compadre José, este Marlin o Fabrício mandou pro senhor, de presente.

Era um Marlin pequeno, muito lindo. Marlin é arma antiga, calibre 44, doze tiros.

Aí o pessoal pegou a se reunir na Estrêla. Vinha muita gente que era atropelada de outros lugares. Retiravam-se ali com o compadre Libório, um grande nome. Chegavam lá, tinham tudo. Tinham gado para comer. A fazenda muito grande, 80 milhões. Um matão daqueles, na costa do Pelotas...

Lá tem um lugar muito grande, um campestre, que já é histórico. O lugar é chamado até hoje Campestre do Chicuta. É no meio da serra, entre duas léguas de mato. Depois tem um picadão lá adiante, um coxilhão bonito, e aquele campo com água boa, lajeadinho bom...

Na Revolução do 93, José Chicuta, que era do Machadinho, veio, entrou pela Vacaria. Estava na Fazenda da Estrêla, mas prá baixo das casas. Agente do falecido Avelino Paim veio na Fazenda da Estrêla e brigaram muito lá com aqueles homens que tinha lá.

Tinha um tal de capitão Inocêncio Liberato, que era de Campos Novos. Era do José Chicuta. Esse se retirou para lá onde estava o Chicuta.

Foram presos uns três ou quatro. Prenderam e mataram. Eram também da Serra do Machadinho. Teve um que depois de degolado, levantou-se, andou, passou a taipa e morreu do outro lado. Era um sujeito meio metido a índio, um sujeito baixo, meio gordo, moço.

Naquele tempo correu boato que se havia praticado na Fazenda da Estrêla uma grande chacina, matando uma centena de pessoas, homens, mulheres e crianças. Não é verdade. Mataram só três pessoas. Mataram prá cá do portão, perto da taipa.

— 46 —

E JOSÉ BORGES TEIXEIRA prossegue:

Depois ficamos na Estrêla. Daí varamos o rio, no passo por onde passou o Chicuta no 93. Saímos na fazenda do seu Atanásio Marques,

lageano, um índio de valor, com 60 anos, cabelo quase branco, moreno. Sabia que nós íamos chegando. Veio ao nosso encontro. Ele disse:

- Eu sei que o Fabrício está na Anita Garibaldi.

E perguntou:

- Os senhores vão precisar de alguma rês para carnear?

- Sim senhor, precisamos.

- Pois então aqui têm umas vacas. Estão por aí. Os senhores carneiem o que precisar.

Carneamos aquelas vacas, comemos, depois descemos. As reses depois o compadre Libório pagou pro seu Atanásio Marques que não queria receber.

O compadre Libório diz:

- Não, seu Atanásio, o senhor é de outro Estado. O senhor já auxiliou a nossa gente. Eu preciso pagar.

Aí fomos nos juntar ao Fabrício. Veio mais gente dele. Veio atrás o capitão Manuel Bastos Pais Leme, que era do exército. Veio outro capitão. Veio um tal Pedroso, dois filhos Pedroso...

Combinou-se prá entrar no Rio Grande. No dia 5 de maio de 1923. Fomos pelo Paiquerê. Uns 50 homens. O pessoal da Estrêla e muito lageano.

No outro dia, fomos prá frente e pousamos na Fazenda Três Marias, do finado Antoninho Branco, de Bom Jesus. Uma fazenda muito linda. O seu Antoninho não estava em casa.

No dia seguinte fomos prá Bom Jesus. Ficamos uns seis dias por aí, perto do povoado, sem roubar. Só carneamos alguma vaca.

Veio o prefeito, Antônio Inácio Velho. O capitão Jeremias Pinheiro. Amândio Borges de Albuquerque, que era da Vacaria mas morava em Bom Jesus, irmão do falecido Alfredo Borges. Veio lá no acampamento.

Conhecia o Fabrício. O Amândio hoje é morto. Tem lá a família.

Levantamos acampamento e fomos pousar na costa do Rio dos Touros. Aí o Fabrício disse:

- Não vamos ficar aqui porque veio um próprio avisar que a força do Paim vem vindo de Vacaria, um piquete grande. Vamos levantar acampamento. Vamos prá Invernada Velha. Varar o passo. Caminhar um pouco.

Nós estávamos no Passo dos Touros. Muita taipa. Muito capão. Ficava na divisa prá passar prá São Joaquim, se fosse preciso.

Pousamos ali. E o Fabrício mandou o Pais Leme e o seu filho, o capitão Luís Fabrício:

- Vocês façam um piquete e vão ficar ali. Se o pessoal vier de noite, qualquer coisa, de madrugada, vocês metam bala.

Mas eles não vieram naquela noite.

Aí levantamos acampamento e fomos prá Invernada Velha. Acampamos. Ficamos por lá uns dias.

Quando foi no dia 11 de março, deu-se o primeiro combate. Só saiu ferido um homem nosso, o seu Basílio. A bala de fuzil entrou aqui perto da mamila e saiu pelas costas, sem ferir o coração nem quebrar osso.

Nós tínhamos um médico, o Dr. Otto, que veio com o Fabrício, de origem alemã. Ele fez uma injeção no ferido que sarou.

Daí varamos prá S. Joaquim. Ficamos por lá um tempo.

O Portinho estava se arrumando lá pelo Erechim. Nós descemos por Campos Novos, Campo Belo.

O tio Demétrio Ramos e o Fabrício estavam com um piquete lá pelo Espigão Alto, no Barracão.

O tio Demétrio José Ramos veio do Mato Grosso. Era federalista.

Fez a Revolução do 93 quando tinha 25 anos. O pai dele não queria. O pai, o falecido Fidélis Ramos dizia:

- Meu filho não se envolva.

- Mas, meu pai, eu preciso me envolver. Eu pertenço a esse partido federalista. Então o senhor não quer que eu vá?

- Pois, meu filho, faça o que entender.

O Demétrio reuniu 150 homens e foi. Foi até a Miraguaia, lá perto de Santo Antônio da Patrulha. Estava em S. Francisco de Paula. Soube que lá tinha um armamento do Governo, munição, capa e esses casacos de baiano.

Foi a S. Francisco de Paula; e o coronel Batista Soares, um federalista, não quis dar força.

- Pois eu vou com meus 150 homens e sendo feliz quero voltar com todos.

Foi lá, sitiou a tal casa de pedra, do Governo. O homem não queria entregar, ele trouxe todo aquele armamento.

Pois agora, o Seu Demétrio resolveu passar o rio no Pinhal.

No dia 20 de julho de 23 brigamos no Pinhal. Acampamos no povoado de São José do Pinhal no lugar chamado Tabuleiro, que era do compadre Juca, José Pedro Subtil. Acampamos cinco dias ali.

Antes de passar o pessoal de lá prá cá, o tio Demétrio disse:

- Olha, passa uns a pé, de noite, e vão ficar na boca da picada, que aí na serra tem muito chimango. É prá prender todos, mas não prá matar.

Vieram os três irmãos Kuze: José, Guilherme e Tilote.

Saíram de madrugada e prenderam aqueles homens. Prenderam o subprefeito, prenderam Isidro Carneiro, irmão do Quintino. Prenderam Manuel Antônio, Samuel Varela e outros.

O tio Demétrio deu garantia de vida. Entretanto, o Pais Leme, uma tarde, mandou amarrar os homens para depois matar. Aí eu disse ao soldado que ia atar os homens:

- Olhe, não leve a mal, o coronel da força, Demétrio Ramos, deu garantia de vida. Não pode matar.

Fomos na barraca do Demétrio. Era uma barraca azul.

- Que há? — pergunta ele.

- Olhe, seu coronel, Pais Leme mandou amarrar os homens prá matar. Eu confio no senhor que não mande matar. É tudo gente boa. E fica ruim para nós. Fica feio.

O tio Demétrio prontamente levantou-se, calçou as botas, foi aonde estava o Pais Leme:

- Olhe, os homens não se ata. Eu sou o coronel da força. Não é prá matar. O senhor entregue os homens pro major José Borges Teixeira, que é o major da força.

Daí eu fui lá e disse:

- Quem livrou vocês prá não morrer fui eu, senão Pais Leme mandava matar vocês amanhã.

Manuel Antônio foi para a minha barraca. O Isidoro foi prá barraca do compadre Orlando Teixeira, meu cunhado. E o compadre Samuel Varela ficou também por aí comigo.

No outro dia, quando nós íamos descer, tio Demétrio mandou soltar aqueles homens.

Descemos, fomos pousar na fazenda do capitão José Alexandre. Tinha um arroio que descia, um varedão, mato alto, um morro. Pousamos ali.

A gente do Paim desceu de noite pela estrada que ia sair na Fazenda dos Gregórios. Estavam nos atacando pela frente.

Mas quando foi no clarear do dia o Manuel Lopes Castelo Branco saiu num cavalo branco, subiu o morro, subiu a coxilha e já viu a força do Paim. Voltou e disse:

- Olhem, o chimanguedo está aí. Vamos encilhar cavalo e se prevenir prá brigar.

Eu estava lá. Tinha tomado mate. Estava agora comendo um assado. O Castelo chegou e já disse:

- Quem está pronto para brigar?

- Eu - respondi.

- Então subam ali pela restinga acima. O pessoal está todo por lá.

Subi eu. Subiu o Bernardo Lima, o pai desse Nicanor. Subiu Filipe Barreto, Gustavo Campos, que morava no Capão Bonito e é morto. Era capitão.

Quando o sol quis apontar, começou os primeiros tiros. Brigamos até o meio-dia com a gente do Paim, ali na Fazenda dos Gregórios.

Morreu o capitão Bica Santana, que era do Paim. Nós perdemos dois e tivemos doze feridos. Deles morreu mais gente, mas não sei quantos.

Perdemos lá do Quilombo o negrinho Albino, um preto, alto, magro, que morreu lá no combate. Eram dois irmãos gêmeos que vieram lá da fazenda do Quilombo, lá do quarto distrito, perto de Antônio Prado. O outro irmão vinha chorando.

- Que há? — perguntei.

- Perdi meu irmão.

- Paciência.

O Paim mandou retirar-se. Era muita gente, muito mais do que nós, mas ele não sabia. Nós estávamos escondidos.

Então uns animais nossos vinham cruzando. Eu fui atacar, a

cavalo, e tinha dois rapazes comigo.

Numa lombinha de coxilha ainda estavam brigando. Vinha descendo uma infantaria atirando contra a nossa gente que estava numa várzea.

Tinha um a cavalo. Era o Borges Caon (Ricardo Caon), que ainda existe em Vacaria. Era capitão provisório.

Aí eu cheguei no capãozinho. Atei o cavalo. Disse pros rapazes:

- Olhem, lá vem aquele oficial a cavalo. Vamos atirar os três ao mesmo tempo. Vamos matar o cavalo dele. Pois atiramos. Matamos o cavalo e não ferimos o homem.

Eu atirei com Marlin e o rapazes com fuzil.

O animal era uma égua oveira, pintada. Ficou morta bem na lomba, de bruços; do jeito que ia caminhando caiu. O Caon saiu deste lado, descambou a coxilha, desapareceu, deixando os arreios que a nossa gente depois tirou.

Mais tarde eu me encontrei com o Borges Caon. Ele disse:

- Vocês me pouparam a vida. Mataram o cavalo e não mataram a mim.

- Pois é. Prá você ver como são as coisas.

— 47 —

FABRÍCIO VIEIRA, Demétrio Ramos e Jango Padre foram juntar suas forças às do general Felipe Portinho no então município de Erechim, nas proximidades de Erebangó.

O Governo resolvera liquidar a coluna revolucionária cercanda-a por todos os lados. Para tanto, seguira de Lagoa Vermelha a Coluna do Nordeste, dividida em três forças, comandadas por Paim Filho, Elisiário

Neto e Emílio Carneiro Borges.

De Passo Fundo partia a Brigada do Norte, que infelizmente se adiantou na manobra do cerco, para no dia 13 de setembro esbarrar com as forças de Portinho, na localidade de Quatro Irmãos. Recebe ali, sozinha, de improviso, todo o ímpeto furibundo e arrasador de 1400 maragatos.

Feio entrevero em campo aberto. Portinho sofre 54 baixas, com 14 mortes. Mas a Brigada do Norte, totalmente desbaratada, abandona o campo de batalha deixando 121 mortos e farto material bélico, inclusive uma metralhadora de 250 tiros, transportada em carroça.

A seguir marcha Portinho sobre Lagoa Vermelha. Leva uma semana tentando brigar com a coluna de Paim Filho. Não encontrando obstáculo, deixa um piquete junto ao Rio Ligeiro para conter o inimigo.

A vila de Lagoa Vermelha é novamente evacuada para, no dia 20 de setembro, receber em paz aquele imenso batalhão de maragatos que se encontra à vontade. A intendência, o cartório e outras repartições públicas são depredados, queimados retratos e documentos...

Na madrugada do dia seguinte, a coluna libertadora rumo para Vacaria mas andados apenas 15 quilômetros, defronta-se, na Encruzilhada dos Dutra, com os 300 homens do general Francisco de Paula Feijó, o terceiro Corpo Provisório de Guaporé, que se havia entrincheirado nas proximidades da casa do comerciante Flaminio Moreira Leite e da viúva Ildfonso Lourenço de Lima.

Foram seis horas de cerrado tiroteio, crivando as casas de balas, matando centenas de cavalos e dezenas de borgistas, sem que houvesse uma baixa nas fileiras maragatas.

Minto. Portinho perde um rapaz, que entretanto não morreu no campo de batalha. Foi ferido e morreu na estrada, sendo velado na casa de sua mãe. Era o Alcino Borges, de apenas 15 anos, que fizera toda a campanha. Brigou lá por Bom Jesus. Brigou no Pinhal. Brigou nos Quatro Irmão e nada lhe aconteceu. Agora, na Encruzilhada dos Dutra, no final do

último combate, uma bala varou lhe mortalmente o corpo.

Partira voluntário para a luta, juntamente com seu tio Alberto Neri dos Santos.

O próprio general Feijó é ferido, seu filho, um capitão, cai prisioneiro. Dizimada, a força, legalista debanda, sempre acossada por feroz tiroteio.

Poucos conseguem escapar a cavalo. Mortos ou abandonados os cavalos, buscam refúgio pelos matos e banhadais ou em casa dos moradores da redondeza...

— 48 —

SEVERINA LOURENÇO DE LIMA BONALDI conta o que viu:

- O dia 20 de setembro era um dia bonito, mas frio. O dia seguinte, o dia da briga, amanheceu mais frio, mas abriu o sol.

Eu estava na casa da minha mãe. Olhei. Vigente vindo.

- É uma carreira — eu disse.

- Carreira a estas horas?

- Mas vem bandeira também.

- Então é a revolução.

Muito homem a cavalo. Bandeiras. Carroças...

Vieram logo prá prender o meu vizinho, Flamínio Moreira. Quando ele viu a força, fugiu. E eles de trás.

- Meu Deus, vão matar o Flamínio. Onde se viu? Matar um homem com sete, oito filhos?

Ficou um velho guarnecendo a casa.

Pegaram o nosso cavalo e saíram procurar o homem.

A briga foi assim. Primeiro chegou Portinho. Acampou no mato no mesmo dia. Portinho entrou em minha casa, escondido e se retirou pro mato.

Vieram os chimangos, a cavalo e a pé. Entrincheiram-se na casa de minha mãe. Puseram minha mãe, já cega, uma cunhada muito pesada e a filha do Priminho Lourenço, meu irmão, puseram dentro dum caixão de milho, no porão.

A briga começou de manhã e foi até às 11 horas. Na frente da casa da minha mãe ficaram 12 mortos. Uns duzentos cavalos mortos, empilhados.

De noite veio bater na minha casa um rapazinho de 17 anos. Meu marido e meus irmãos dormiram no mato. Levantei-me, abri a janela:

- Que é que você quer?

- Eu quero dormir. Estou cansado.

- Você é louco. Se as forças te pegam...Mas quem é você?

- Eu sou um chimango. Mataram meu cavalo e eu fiquei a pé.

E foi dormir no galpão e eu saí à procura do meu marido e meus irmãos. Procurei, procurei, mas não achei. Passei a noite no mato. Clareando o dia, encontrei. Disse que no galpão estava um chimanguinho dormindo. Pedi que não matassem.

Chegamos no galpão. O rapaz veio à janela.

- Não te mexas, senão te mato.

- Não me matem. Sou um chimango. Mataram meu cavalo.

- Você então vai ficar conosco. Não quer um fuzil?

Ficou em minha casa uns dois meses, até que os pais vieram buscar. Era filho único. Era do Turvo. Chamava-se Luís Alves.

No outro dia, voltamos com o rapaz olhar os mortos. Ele disse:

- Aquele é meu padrinho, o corneteiro. Foi ele que me botou na força e me trouxe. Bem que fez morrer aí.

De meio-dia chegou outro chimango.

- Que é que você quer?

- Quero café.

Demos café. Ele disse:

- Eu sou da Estância. Desertei.

Tomou café e pelos fundos do campo foi para a Estância.

Quando fomos olhar os mortos, as forças dos chimangos ainda vinham descendo, onde mora meu tio Luís. Eu disse:

- Olhem, lá vem as forças de novo.

Aí foram pro mato e eu fiquei. Chegou a força:

- Aqui não tem homem?

- Não tem. Pró quê?

Olharam. Não viram ninguém. Foram embora pro Capão Bonito e Estância.

Os maragatos foram logo embora pra Extrema. Foram matando pela estrada. Minha mãe mandou sepultar os mortos. Tinham degolado todos os feridos. O padrinho do rapazinho estava degolado. Tiraram a roupa, os sapatos...

- 49 -

MAURÍCIO ALVES HOFFMANN, hoje com 77 anos, foi um dos que ajudaram a sepultar os mortos. Vejamos o que ele nos conta.

O capitão Felipe Barreto, sogro de Crescêncio Ferreira, disse a mim e a meu cunhado Basílio Lima:

- Olhem, vocês vão atender a chimangada morta que tem por lá. Lá ficou muito chimango morto. Vão sepultar pros bichos não comer. São inimigos de luta mas são carne humana. Vão atender.

- Mas, capitão, nós não vamos assumir qualquer responsabilidade?

- Não. Benefício é benefício. Não se recebe em mal um benefício. Vão atender.

Aí eu perguntei:

- Mas como foi essa calamidade?

- Olhe, foi assim. Foi uma traição do Portinho ele chegou em Três Pinheiros, pegou o telefone e falou pra Lagoa Vermelha como se fosse o seu Pantaleão Cardoso de Aguiar, o telefonista. Disse assim: Ataquem piquete de maragatos que vai indo para lá a pé e mal armado. Ai preveniram o general Feijó.

Imaginem: 300 homens contra quase dois mil. Foi uma roça.

O tiroteio principiou antes do nascer do sol.

Aí fomos sepultar os mortos. Eu e mais um rapaz vizinho meu, um homem velho, o João Maria, tio do Amantino Nunes. Meu concunhado Basílio não quis vir. Era homem muito nervoso.

Na Encruzilhada dos Dutra, no campo, à direita de quem vem de lá, tinha quatro mortos. E um pro lado de cima. O primeiro que nós achamos, um negão muito grande, cabo Amorim, degolado.

Mais pra cá um pouquinho, tinha outro, um sargento, sargento Firmino Grande, também degolado. Mais adiante, naquele reduto, mais quatro. Um mocinho novo, bem louro, que tratavam de polaquinho, degolado.

Tudo que estava ferido, os carrascos degolavam. Degolavam sem o Portinho saber, que ele não deixava. O carrasco, o rei dos bandidos, era o Pais Leme. Outro era do Butiá Grande, um tal de Pinheiro Machado.

Estava o Firmino Grande ferido. Chegou o Ramiro Moreira Leite, irmão do Flaminio e mais velho Diz Firmino Grande:

- O senhor me valha. Eu tou baleado, não posso mais caminhar. Me defenda da morte.

E o Ramiro:

- O que é que eu vou fazer, meu amigo? Me dá o seu revólver (era um 38 muito lindo).

Ele deu o revólver.

- Mas o senhor me acuda, me atenda.

- Eu já atendo. Eu já volto aqui. Já te acudo.

Nisto vem o carrasco:

- O que é que está fazendo aí, vizinho?

- É, tou baleado, não posso caminhar.

Não, isso nós já curamos.

- Não, por amor de Deus, não me mate.

- Não agora Deus está no céu, não está aqui com nós. Você vai ter que estar descansando.

- Não senhor. Pelo leite de sua mãe, que o senhor mamou, não me mate.

- Não, eu me criei guaxo, não sei que gosto tem leite de mãe.

Ele estava sentado. Derrubou assim. Virou de bruços. Pegou nos cabelos com uma mão e com a outra degolou.

No fundo da casa do Nei Lourenço, tinha outro tenente, Manuel

Camargo, de Bom Jesus. Não estava degolado. Mas estava sem roupa, apenas uma cuequinha. Aquela gente estava toda sem roupa. Tiravam os sapatos, perneiras, botinas, meias, tudo.

Mais adiante tinha mais cinco. Tinha um pra cá do portão da fazenda do seu Amândio Nunes, num capãozinho, tinha um morto, na estrada. No subir a coxilha, pra cá do cemitério, tinha dois.

Na ponta do capão do cemitério, tinha mais um, dentro do mato, bem na beiradinha. E prá lá da fazenda do seu Amantino, mais um. Adiante, tinha mais cinco. Na frente da casa do seu Ramiro, agora me parece, não quero dizer, mas parece que achamos 9 ou 11.

O Flamínio Moreira arrumou mal o sargento Manuel Camargo, de Bom Jesus. Os bichos estavam comendo. Daí veio o irmão dele de Bom Jesus. Veio prá matar o Flamínio. Mas com intervenção de amigos, prá cá, prá lá, não mataram. Mas aconselhou:

- Vocês arrumem ele bem direitinho, senão nós voltamos aqui. E nós voltando aqui vai dar revolução.

Eu até estava lá, eu e o vizinho, falecido Raimundo Mendes. Quando eu vi aquele projeto de piquete armado, um tenente ou sargento, irmão do morto, eu disse:

- Isso não vai prestar.

E o velho Raimundo:

É, parece que não vai mesmo.

Aí rapemos.

Ele arrumou bem, com pedacinhos de grama, tipo tijolo, um jazigozinho, muito bem.

Vi as forças do Governo marchar na frente, metida em três fogos, queimando campo (era setembro) prá não enxergarem. Uma vanguarda dos maragatos tiroteando atrás e outra do lado.

Cada pouco ficava um cavalo encilhado. O cavaleiro onde está? Foram pros matos ou batendo nas casas dos fazendeiros. Daquele corpo provisório de mais de 300 homens, dizem que sobrou trinta e poucos homens.

O Flaminio não apareceu lá. Era eu e o Fortunato, um índio velho que ainda vive adiante do Capão Bonito. Esse foi que me ajudou.

O enterro era lá onde estava o morto. Um por um. Deu trabalho. O dia inteiro. Instrumento ruim. Um que estava meio ajeitado, perto de uma barroca, nós deitávamos lá dentro. Pegava uma vara, rachava pelo meio, fincava uma cruz provisória. Ainda estão por lá. Os proprietários do campo não se importaram. O que estava no campo do Amantino, nós fizemos um muro de pedra em cima e da casa do seu Amantino se enxerga na coxilha.

Os que estavam sepultados nas barrocas, quando chovia ficavam logo descobertos. Vinham os corvos, os porcos, e comiam. Então os vizinhos iam deitar umas pazadas de terra.

O filho do general Feijó foi preso. Portinho, antes de entregar ao seu pai, no hotel Gasparetto, em Vacaria, levou na casa do velho Antônio França, tio do Amantino, lá onde hoje mora o seu Amantino. Entregou:

- Me atenda esse moço. Atendam ele, que é pessoa de futuro.
- Não tem dúvida, está garantido.

O capitão Felipe Barreto apresentou o general Portinho à mulher do França, uma velha caipira:

- Aqui lhe apresento o general Portinho.
- Ah, sim senhor. Muito bonito, general Portinho. Mas é um portão.

— 50 —

NO MESMO DIA 21 DE SETEMBRO, quando na Encruzilhada ainda pipocava a fuzilaria, a coluna de Paim Filho entrava em Lagoa Vermelha.

Portinho, após desbaratar o 3º Corpo Provisório de Feijó, leva como sempre suas tropas para perto da fronteira com o vizinho Estado, onde encontrava asilo e proteção na pessoa do Governador catarinense, Sr. Hercílio Luz.

Junto do rio Cerquinha, no Passo dos Touros, em Bom Jesus, luta ainda com o inimigo. Depois retira-se às proximidades do rio das Contas.

Aqui, no dia 30 de setembro, fere-se a última batalha de toda a história da Revolução, na qual a Brigada do Norte perde um de seus comandantes, o major Antônio Inácio Velho, intendente de Bom Jesus.

As forças legalistas sofrem 45 baixas, com uma dezena de mortos. Apesar da notícia publicada no jornal “A Federação”, de Porto Alegre, falando de 40 mortos nas fileiras maragatas, todos os participantes do combate que entrevistei, são unânimes em afirmar que Portinho, no combate do rio das Contas, perdeu apenas um rapaz.

Não era tarefa cômoda acabar com a coluna dos libertadores sob as ordens desse bravo caudilho. Agora, outra vez em Santa Catarina, as forças maragatas dispunham-se a recomeçar a luta, fortemente armadas. O Governador barriga-verde, Hercílio Luz, cooperava generosamente com homens, armas e munição.

Mas estava na hora de findar o sacrifício de tantos gaúchos aos caprichos das ambições partidárias. A solução, a única solução, seria negociar a paz, o que aconteceu um mês depois, em Pedras Altas.

- 51 -

JOÃO FERREIRA CARPES, 61 anos, natural de Lagoa Vermelha, segundo sargento da Brigada, aposentado, tomou parte ativa nos combates do Capão Bonito e da Encruzilhada. No Capão Bonito foi quem deu garupa ao general Portinho quando lhe mataram o cavalo. Na **Encruzilhada**, fazia ele parte do piquete que saiu na frente da força para provocar a coluna do general Feijó. Vamos ouvi-lo.

Eu tinha 16 anos — conta ele. — Fui voluntário. Recebi convite. Achei bonito. Fui. Fui no meu cavalo. Cavalo bom, cavalo tratado. Juntei-me com aquela caboclada lá.

Sáimos daqui da cidade, fomos pela Limeira e daí para o Capão Bonito. Portinho foi com pouca gente fazer um levantamento da força de Paim. Chegamos de tarde. A uns mil metros do povoado, começamos a dar tiros. Mas em seguida choveu bala de vários pontos. Uma rajada matou a ordenança do nosso comandante e outra matou o cavalo do Portinho. O cavalo deu um pulo para a frente e morreu. Era um lindo cavalo branco. Aí eu disse:

- General, monta aqui na minha garupa.

Ele montou e disse: Vamos embora que agora **em** dois eles nos acertam **o** tiro. Retiramo-nos para trás da coxilha. **Aí ele** apeou e **disse** prá **mim**:

- Rapaz, vai lá dizer que se retirem todos. Vamos embora prá Estância Velha.

Cheguei no topo da coxilha e gritei: Olhem, o general manda que é prá se retirar.

Todo mundo veio. Quando cheguei, o Portinho já vinha outra vez a cavalo, um cavalo zaino. Não sei onde pegou. Não sei de quem era. Retiramos pra Estância e naquele dia fomos acampar no Marmeleiro. No outro dia, Portinho seguia para Santa Catarina. Muita gente foi com ele e

muitos desistiram. Eu também aceitei o convite e voltei.

Mais tarde, quando a força regressava do Erechim, depois do combate dos Quatro Irmãos, eu me incorporei de novo.

Nos Três Pinheiros, o general Portinho foi no comerciante Pantaleão Cardoso de Aguiar e telefonou para Lagoa Vermelha, dizendo que atacassem um piquete de maragatos a pé e mal armados.

Foi uma tática do nosso comandante para iludir o adversária. Aquilo não era verdade. Nós éramos 1.200 homens, muito bem armados, muito bem a cavalo.

Daí viemos até perto da cidade, no Salomoni, hoje Roman. Aqui demos um tiroteio. Portinho mandou telefonar para a Extrema, avisar o general Feijó que nós vínhamos muito mal. Pouca gente e mal armada.

Quando chegamos nas imediações do Flaminio Moreira, na Encruzilhada, o piquete da vanguarda da nossa força avistou a força do Feijó. Eram uns 400 homens a cavalo que vinham vindo pela estrada.

Recebemos ordem do general para ir num piquete de 40 homens fazer fusquinhas, provocação, dando uns tiros de revólver. A força nossa se entrincheirou pra cá do Flaminio, naquelas barrocas, os cavalos escondidos nos matos.

Fomos na frente, um piquete de 40 homens, sob o comando do capitão Belé, que era lá das bandas do Barracão. Quando estávamos pra lá do Flaminio, avistamos a força. O Belé disse: Agora vamos dar uns tiros pra chamar atenção, aí vem eles.

Mas foi dito e feito. Demos uns tiros. Eles fizeram uns redemoinhos lá por cima da coxilha e já vieram de novo. Vinham sem dar tiro. Todos a cavalo. Vieram. Vieram. Vieram. Deixamos chegar perto. Quando estavam como daqui ao cemitério, uns mil e poucos metros, aí oferecemos uma resistenciazinha, só pra trazer as vítimas pra boca do tigre. Ninguém de nós tinha fuzil. Só revólver. Isto fazia parte da tática do nosso comandante. Eles sabendo que nós estávamos mal armados, só de

revólver, não tinham medo.

Nós tínhamos ainda ordem de não cortar o arame do corredor por onde vinha a força do Feijó. Eles vinham, vinham, pelo corredor, levantando poeira. Correndo, correndo, e vai e vai. Quando chegaram a uns 500 metros, eu disse pro nosso chefe: Mas será que eles não nos alcançam, nós só de revólver?

- Não - diz Belé - agora está na hora de nós correr. Quando eles vierem mais no topo da coxilha, nós montamos a cavalo e corremos.

Nossos cavalos estavam todos atados no arame do corredor. Eles começaram a atirar. As balas de fuzil assobiavam por cima de nós. Montamos a cavalo. O Belé e mais dois avançaram uns passos e deram mais uns tiros no descoberto.

Aí é que eles vieram mesmo. Vinham em nós, dando tiro. Nós descemos e quase que dá confusão com os nossos. Quase que dão tiro em nós pensando que era a força do Feijó. Fomos lá onde estava aquela cavallhada toda. Os nossos tinham tanta certeza na vitória, que os animais estavam todos encilhados, atados, prontos para seguir viagem.

No que nós entramos numa restinga, começou a estourar, mas valendo. Aquele mundo de gente a cavalo, apinhado no corredor, e os nossos entrincheirados por trás da taipa, nas barrocas, em dois fogos, um de cima, outro por baixo, com fuzil e metralhadora. Nossa, morria gente e cavalo, coisa de louco. Foi demais. Dizem os que estavam na frente que o general Portinho, a certa altura, mandou cessar fogo, se não iam matar tudo, tudo. Ele não quis fazer essa malvadez. Quis apenas dar uma boa lição. Desfalcar aquela força para poder passar.

O que não morreu, dispersou-se pelos matos, pelos banhados, a pé.

Eu até encontrei depois uma carreta de quatro animais atolada no banhado. O carreteiro, escondido debaixo da carreta. Cheguei. Olhei. Reconheci o meu amigo, Arlindo dos Passos. Era um senhor muito alto, uns dois metros.

- Ah, é você que está aí, Arlindo?
- Oh, rapaz, é você. Então estou a salvo.
- Não, eu vou te matar, pra não ser covarde.
- Não João, não me mate.
- Eu quero ir com vocês.
- Não, nós não temos ordem de levar ninguém.

Daí tiramos a carreta dele. Estava cheia de mantimentos. Colocamos fora do banhado, no seco. Então, ele foi embora, pelo campo.

Depois do combate, tivemos uma parada de, mais ou menos, duas horas, para enterrar os mortos. A força toda ajudou. Botemos 38 numa cova só, num forje muito grande que havia lá num capão. Disseram depois que foram enterrados mais 40 ou 50 em outros lugares, no campo, pelas barrocas.

Cavalos morreu uma montoeira. Mas de cem. Até o general Feijó ficou ferido e seu filho feito prisioneiro. No outro dia, o Portinho foi entregar o filho ao pai lá em Vacaria, no hotel.

Naquele mesmo dia do combate, depois de enterrar os mortos, seguimos para Vacaria. Acampamos perto da cidade. Mas quase ninguém dormiu. Partimos cedo por causa da força dos dois Eliziários e do Paim que vinha atrás de nós e que nos alcançou nos Touros e nas Contas.

Depois do combate do rio das Contas, eu fui a Anita Garibaldi e daí para casa.

— 52 —

ATÉ AGORA SÓ OUVIMOS REVOLUCIONÁRIOS. Vamos também escutar um legalista, participante do combate da Encruzilhada dos Dutra. Ramiro Hoffmann Godinho e seu irmão André, vulgo Deco Godinho,

filhos de Pedro de Souza Godinho e netos maternos do nosso conhecido André Hoffmann, residem na fazenda do Umbu, Muitos Capões, Vacaria, um de cada lado da rodovia federal.

No dia 14 de abril de 1969, uma risonha tarde de outono, lá compareço. O Deco encontra-se na cidade, mas o Ramiro, um simpático e possante gaúcho, trajando vistosas bombachas, lá está negociando seu afamado gado choralês a compradores da Bahia. Seu gado de raça tem fama no Brasil inteiro e mesmo fora dele.

Seu Ramiro pede licença para ultimar seu negócio e depois coloca-se à minha disposição. Começa dizendo: Eu tinha 22 anos e era casado. Meu irmão, 21 anos e era solteiro. Morávamos na casa do papai, lá na fazenda do Deco.

Eu não estava mais incorporado na força. Fiquei um mês e pouco e saí. Fui convocado por emergência para o combate da Encruzilhada. Fomos como hoje para pousar ali na casa do falecido Antoninho França. No outro dia de manhã deu-se o combate.

Fui no meu cavalo. Deram-me lá um fuzil. Éramos 300 homens. O general Feijó destacou 30 homens para o Capão Bonito a atacar o Portinho caso ele tomasse aquele rumo. Ficamos 270 homens para o combate da Encruzilhada.

No meu ver, ao nosso comandante faltou tática. Ele deu ordem para que soltássemos os cavalos. Um piquete de 50 homens, comandado pelo capitão João de Deus, foi na frente a cavalo. Meu irmão, o Deco, ia nesse piquete. Deram logo com a vanguarda da força do Portinho. Ficaram tiroteando durante umas duas horas.

Depois nós fomos. Mas ali o comandante extraviou os homens. Pôs uns aqui, outros ali, em vez de fazer uma linha só. Não organizou como devia ser. Tanto assim que lá pelas tantas, a força do Portinho tratou de se retirar no jeito do falecido Jordão. Mas aí terminou a munição da nossa linha de frente e não tinha lá municidores, quando nós dispúnhamos de duas carretas cheias de balas.

Então o nosso pessoal teve de retirar-se por falta de munição. Foi esse o mal. Nessa ocasião, os maragatos em vez de se retirarem, avançaram. Veio uma ala pela direita, outra pela esquerda. E nós estávamos lá no cemitério, fazendo essa linha para fechar o cerco. Nós metíamos descargas de lá de cima, para um lado e para outro. Eles assim que saltavam, corriam de volta pro mato. Fizeram três dessas pegadas. Com isso o nosso pessoal foi caindo pra cá e foi escapando. Se a nossa frente tivesse munição, nós teríamos feito um círculo.

O general Feijó ficou ferido. Um ferimento leve num braço. Aí retirou-se. Foi a nossa sorte. De outra forma, nós morríamos todos. Feijó retirou-se e nós corremos todos em debandada, acossados por uma linha de frente que se formou na hora.

Aí para escapar, eu fui bem no passo do cavalo. A linha deles estava como naquela coxilha, uns 250 metros. Mas para conseguir ganhar o portão e sair para a federal, andei mais um pouco e peguei o cavalo, e me escapei. O Deco fugiu a pé.

Eu tinha um companheiro. Mas ali chovia de balas. Os outros foram para a frente, no Antoninho França. Nós tínhamos oito atrás de nós, tiroteando. Mas andamos bem a cavalo, fomos longe. Quando passamos o Ligeiro pra cá, fiz o cavalo pular uma taipa, eu e o companheiro. Aí nós entrincheiramos, porque tinha uma lombá na frente. Subindo a lombá, eles nos atiravam.

Era de tarde. A perseguição continuou até às 4 horas. E aquele nosso pessoal que correu pra frente, estenderam uma linha de fogo, deitaram fogo no campo, um campo muito alevantado. Vinha um vento muito forte. E aquele fogo deitou no jeito do inimigo. Atrapalhou muito. Não fosse o fogo, morria mais gente nossa.

No outro dia voltamos. Tinha uns 11 mortos em frente da casa do Flamínio Moreira, espalhados pelo campo. Mas depois disseram que tiraram secretamente 32 numa carreta e foram sepultar naqueles matos. Seriam 43 no total. Tinha uns degolados, mas não eram todos.

O cabo Fidélis vinha junto com meu irmão, vinha carregando e descarregando o fuzil. Pediam que não parasse para atirar que os outros vinham correndo atrás. Mas ele carregava o fuzil, virava pra trás e batia os cinco tiros. Depois corria de novo. Assim foi indo. Até que pegou uma bala na testa, acima do olho. Morreu ali perto do cemitério.

Um rapaz do Portinho, Alcino Borges, de 15 anos, começou a escaramuçar na frente da força. Outro rapaz daqui, muito bom atirador, fez pontaria e derrubou. Ficou em baixo do pinheiro, lá embaixo, naquela canhada do cemitério. Veio morrer em casa da mãe, em Coxilha Grande.

Pergunto ao Seu Ramiro se o general Feijó acreditou no telefonema de que vinha um piquete de 150 homens a pé e mal armados. Não — respondeu. — Portinho sabia que era muita gente. Eu até estava lá e ouvi quando os secretas contaram que viram uma força calculada em 1.100 homens. Veio a notícia que vinha o Portinho, o Fabrício e o Demétrio Ramos. Sabia direitinho que vinha muita gente. Mas como vinham atrás os dois Elizários e o Paim com 500 homens, a gente esperava que estes batessem logo na retaguarda...

— 53 —

DURANTE A REVOLUÇÃO DE 1923, o sacerdote foi sempre um anjo de paz, de reconciliação, de defesa e proteção, não somente para as famílias pertencentes ao seu rebanho, mas também para quantos se digladiavam, fossem revolucionários ou legalistas. No ministro de Deus, tinham todos o amigo de confiança ao qual ninguém recorria em vão.

Nada ilustra melhor a ação benéfica e salvadora do padre como o depoimento de dois pastores de almas, dois capuchinhos, que nos legaram por escrito o histórico trabalho que realizaram no decorrer daquele convulcionado ano de 1923.

Frei Aleixo de Caxias, o apóstolo do catecismo vastamente conhecido no nordeste do Estado e em toda a região colonial italiana, o

qual foi o precursor de quanto o Concílio Vaticano II determinou acerca da catequese, atendia naquele ano as atuais paróquias de Paim Filho, Maximiliano de Almeida, São João da Urtiga e Sananduva.

Eis o que Frei Aleixo escreveu sobre a Revolução:

“Naquela época — escreve Frei Aleixo — São João da Urtiga, Maximiliano de Almeida e Paim Filho formavam um só distrito, com sede em Paim Filho. A autoridade local, que devia residir na sede do distrito, morava habitualmente no Pinhal (Maximiliano de Almeida), com os novos empregados da Comissão de Terras. Este modo de fazer irritava muito o povo.

De outra parte, os partidos políticos tinham dividido o povo a tal ponto que não só as famílias viviam desunidas, mas em verdadeiro ódio, denunciando-se e perseguindo-se mutuamente.

Depois da tomada de posse do Dr. Borges de Medeiros como Governador do Estado, a autoridade local perseguia e desarmava os Assisistas, assaltando-os em suas casas.

No dia 8 de março de 1923, precisamente no Pinhal, altas horas da noite, um piquete de Assisistas fez o primeiro tiroteio contra as casas dos empregados da Comissão de Terras, durante o qual, entre outros, foi morta a senhora do subintendente, Pedrinho dos Santos. O chefe da Comissão de Terras, Luís de Azevedo, fugiu e foi salvar-se em Marcelino Ramos.

A vasta zona das três atuais paróquias de São João da Urtiga, Paim Filho e Maximiliano de Almeida, ficaram sem autoridade civil até o fim da revolução, novembro de 1923.

No princípio da revolta, alguns espertalhões que queriam ganhar o ordenado de coronel, de major, de tenente, persuadiram o povo que todos os moços de 20 anos para cima e todos os homens casados, até 40 anos, deviam tomar armas contra os revolucionários assisistas.

Os tais espertalhões mandavam prender homens e moços a

muque e os apresentavam à autoridade, dizendo que eram soldados voluntários, dispostos a combater os Assisistas.

Começou então a corrida para o mato. Homens e moços iam esconder-se, deixando as famílias na maior angústia. Houve homens que só voltaram em casa depois de terminada a Revolução.

No entanto começaram a formar-se os tais piquetes avulsos de Borgistas e Assisistas, fazendo passar às famílias toda sorte de vexames.

O padre, porque o povo se cuidasse, avisava na igreja: Tal dia vão chegar os compadres da fita encarnada (os Assisistas). Tal outro dia vão chegar os compadres da fita branca (os Borgistas).

E o povo enquanto tomava as suas providências, pensava: Que Deus nos livre de tais compadres...

De fato, tanto uns como outros assaltavam as casas, levando tudo o que podiam encontrar: dinheiro, armas, capas, roupas. Arrebanhavam cavalos e burros. Matavam, porcos, ovelhas, vacas, para comer.

E aí daquele que falasse em fazer resistência! Eles eram os únicos salvadores do Brasil.

Entretanto, salvo raros casos, a moralidade foi respeitada, não só pelas forças legais do Governo e dos revolucionários, mas também pelos piquetes avulsos, isto especialmente graças aos avisos e intervenção contínua do Padre, que sempre se conservou em contato com as autoridades de ambos os partidos.

O padre foi realmente o anjo tutelar e o consolador das famílias, durante aquela triste época. O general Paim Filho, antes que suas forças chegassem ao povoado da Sede Nova, que depois foi batizado com o seu nome, mandou avisar que meninas, moças e senhoras não aparecessem nas ruas e que todas as casas e galpões se guardassem fechados.

O coronel Fabrício Vieira, em presença de todos os seus soldados, mandou executar um sujeito que tinha faltado de respeito a uma senhora.

Durante a Revolução, na zona das três paróquias, as mortes foram relativamente poucas. Seguindo os conselhos contínuos do padre, quando não estava em jogo a moralidade, o povo cedia, dizendo: Deixemos que estes malandros levem o cavalo, o burro; que comam as vacas, os porcos... Nós criaremos outros. Podem levar a capa, a fatiota, o pelego, as botas... Nós compraremos outros.

Isso não quer dizer que o povo não sofresse horrivelmente. E com o povo sofria mais ainda o padre, obrigado a viver no meio de tanta malandragem, com perigo da vida corporal e espiritual.

Quantas vezes não faltou às famílias o açúcar, o sal, os remédios mais necessários! Quantas vezes se enterrava a banha na tabatinga, porque não podia ser vendida e transportada, e a carne de porco apodrecia em casa! O milho e o trigo, únicos gêneros coloniais, que podiam dar ao colono algum dinheiro eram devorados pelo cartucho.

Realmente a Revolução é uma coisa triste, talvez pior que a própria guerra! Quem a experimentou, sabe.

Durante a Revolução, o padre continuou a visitar as capelas existentes, enquanto as circunstâncias permitiam. Fazia catecismo aos pequenos e aos grandes e convidava o povo a rezar e a suportar por amor de Deus os sofrimentos da hora presente.

Quase todos reconheciam que a Revolução era um castigo pelos pecados. Muitos mudaram de vida, deixaram os vícios e se tornaram bons cristãos.

Nas famílias e nas capelas, todos rezavam e pediam a Deus que se apiedasse de tantos inocentes que sofriam.

Finalmente, no mês de novembro de 1923, com a vinda a Porto Alegre do general Setembrino, Ministro da Guerra, a Revolução terminou.

Realmente, com a paz, a vida era outra. Tudo ia se normalizando. Nas faces de todos brilhava a alegria.

Todos voltaram para a sua casa. Cada qual tinha as suas

aventuras para contar, mas, no fim, sempre acabava por agradecer a Deus, que o tinha protegido e guardado de tantos perigos.

Nem todos aproveitaram da paz para se reconciliarem e viverem como bons cristãos. Na sede de Paim Filho, o tal Abílio Alves, depois de ter morto ocasionalmente o juiz distrital, sr. João Cirino, matou barbaramente os dois irmãos José e Antônio Zandoná, pais de numerosa família.

Abílio Alves já tinha cometido 23 crimes de morte, e a autoridade o tinha feito tenente e subintendente do lugar.

No Pinhal, em casa do Sr. Augusto Piana, numa briga, ficaram mortos os três irmãos Sgarbi: Lino, Meris e Antônio, e os dois irmãos Varela.

Os Sgarbi, que imigraram de Flores da Cunha, deixaram 32 órfãos. No povoado do Pinhal, o atual município de Maximiliano de Almeida, existiam 18 viúvas. Todos os seus maridos tinham sido mortos violentamente, a tiro de revólver, a facadas e cacetadas.

Nos três distritos de Paim Filho, Cacique Doble e Barracão, no espaço de dez meses, deram-se 40 crimes de morte. A maioria dos mortos eram criminosos, verificando-se o ditado: Quem de ferro fere, de ferro será ferido.

Durante todo o ano da Revolução, não foi possível realizar festa alguma, nem religiosa nem popular. Acabada a revolta, todo o povo estava ansiado para fazer uma festa religiosa, grande, solene, extraordinária, para agradecer ao bom Deus por ter feito brilhar de novo o arco-íris da paz. A festa externa também devia ser estrondosa.

Foi marcado o dia 6 de janeiro de 1924. A parte religiosa foi comoventíssima. Todos os meninos e meninas, todos os moços e moças de Paim Filho e arredores deviam tomar parte numa comunhão geral em honra do milagroso Menino Jesus de Praga.

A comunhão foi preparada com um tríduo devoto e realizada na

primeira missa do dia 6 de janeiro.

A segunda missa foi solenemente cantada. Meninos e meninas, moços e moças assistiram a esta missa com velas acesas na mão. O padre nunca fez uma prédica tão eloquente como naquele dia. A procissão com a imagem do Menino Jesus, foi um espetáculo nunca visto. Muita gente chorava de alegria. As crianças, acompanhadas pelo povo, cantavam:

Viva, viva il Ré di pace,
Agnellin santo e vivace
Della stalla di Betlé.
Viva, viva il nato Ré.
Viva, viva il Ré Messia,
Che promesso a noi Maria,
Vergin Madre alfin ci dié,
Viva, viva il nato Ré.

Também a festa externa foi espetacular. O povo comeu seis vacas gordas, além de inúmeras galinhas, leitões e ovelhas.

O povo sentia-se feliz por ter recuperado a paz e a liberdade e as festas lhe proporcionavam a ocasião de manifestar a intensa alegria, que reinava em todos os corações”.

— 54 —

FREI GENTIL DE CARAVAGGIO, cuja maravilhosa biografia acaba de ser escrita pelo Frei Alberto de São Marcos de Caxias, era durante a Revolução o pároco de Getúlio Vargas, que naquele tempo se chamava Erechim.

Este abnegado e zeloso sacerdote foi um autêntico herói da Pátria, tendo ao depois servido como Capelão Militar durante as Revoluções de 1930 e 1932. Por ocasião de sua morte, ocorrida em Marau no dia 4 de agosto de 1953, os Superiores da Ordem receberam expressivo telegrama do Presidente da República, Dr. Getúlio Vargas, amigo íntimo e grande admirador deste santo e operoso capuchinho.

Frei Gentil deixou-nos por escrito quanto fez e presenciou durante a Revolução de 1923. É uma página notável da história da região, do Estado e do Brasil. Vale a pena transcrevê-la.

“Por divergências políticas — assim começam as memórias de Frei Gentil sobre a Revolta de Assis Brasil — os dois grandes partidos políticos chefiados por Borges de Medeiros e Assis Brasil fizeram explodir no começo de 1923 uma grande revolução no Rio Grande do Sul. Os combatentes distinguiram-se por Borgistas por parte do Governo ou situacionistas, e Assisistas, os revolucionários.

Erechim (hoje Getúlio Vargas) foi um dos municípios mais sacudidos pelo flagelo. Desde fevereiro até o fim de novembro, a minha paróquia esteve sempre no meio das tropas, ora assisistas, ora borgistas. Em qualquer lugar onde acampavam ou passavam, estes ou aqueles, com o pretexto de “tirar o recurso ao inimigo”, esvaziavam a todos, fazendo uma verdadeira razia de cavalos, vacas, armas, munições, arreios, capas, e toda sorte de mantimentos de boca, quando não chegavam a arrebanhar até vestidos de mulher.

Ao chegar os Assisistas, os partidários deviam ajudar, enquanto os contrários eram tratados como tais. Chegavam depois os Borgistas, que faziam “tudo pela ordem”, levando o resto com a mesma rubrica.

Pobre povo! Pobre Erechim!

E eu, lembrando o grande bem praticado pelo Pe. Carmine Fasulo durante a Revolução de 1893, decidi fazer tudo para ser o assistente do meu povo.

O primeiro a reunir forças logo deflagrada a revolução, foi o

capitão Pedro Silveira, em começo de fevereiro. Depois, Emiliano do Nascimento, apelidado, não sei porque, de “Emiliano Brabo”, pelo fim de fevereiro. E finalmente a força do general Portinho.

Pedro Silveira, em poucos dias, foi obrigado a evacuar suas tropas com a chegada da Brigada Militar de Passo Fundo, à qual teria sido temeridade resistir.

Emiliano Brabo debandou logo que entrou em combate com o emissário do Governo, após a prisão do cunhado desse comandante pela autoridade de Paiol Grande (Hoje Erechim), conforme vem narrado adiante.

Portinho passou por Erechim no dia 14 de março, engrossando a sua coluna com homens e cavalos, e marchando depois rumo de Sananduva e Lagoa Vermelha. No Capão Bonito foi batido pela Brigada, devendo fugir para Santa Catarina, onde reforçou e reorganizou a sua força, e reapareceu em Erechim pelo fim de março.

No dia 30 de março, chegou de Sananduva, no encalço de Portinho, a força da Brigada sob o comando de Claudino Nunes Pereira e Victor Dumoncel. Estes acamparam na vila, permanecendo todo o dia de Sábado Santo (31 de março) e domingo de Páscoa, primeiro de abril, partindo segunda-feira rumo de Passo Fundo.

Tiveram um pequeno combate no Formigueiro no qual morreu um revolucionário e ficou ferido outro, enquanto os Borgistas tiveram várias baixas.

Logo que Claudino Nunes Pereira e Victor Dumoncel acamparam na vila, fui visitá-los com todo o respeito a fim de obter as devidas licenças para o fiel cumprimento de minha obrigação. Acolheram-me com delicadeza e deram-me a dita Portaria.

Na tarde do dia 31 de março, o General Felipe Portinho, acampado nos arredores, enviou recado aos Borgistas intimando-os a se retirarem quanto antes da vila, se não quisessem ser atacados dentro dela.

Os Borgistas trabalharam a noite de sábado e todo o Domingo de Páscoa a abrir trincheiras, derrubar pontes, armar barricadas e preparar a defesa. Foi uma Páscoa Magna aquele ano para Erechim!

Ao amanhecer de segunda-feira, chegava um emissário do general Portinho com um bilhete nestes termos: “A minha ameaça era apenas um peixe de primeiro de abril”.

Os soldados cuidavam ter sido alvo de burla e queriam sair para atacar Portinho; mas os oficiais deram ordem de destruir as barricadas, reconstruir as pontes, e depois embarcaram de trem silenciosamente para Santa Maria.

Imediatamente, Portinho e sua força reapareceram em cena. Ora acampavam no Formigueiro, ora em Coxilha Seca sob as ordens de Balbino Pessoa junto ao Rio dos Índios, e finalmente na fazenda dos Quatro Irmãos. O fato é que continuamente visitavam as pobres famílias e também as roças de milho. Um verdadeiro flagelo de Deus.

Encontravam-se acampados perto do Desvio Giaretta, quando foram atacados pelas forças do general Firmino de Paula, que chegava com dois comboios de 20 vagões cada um. O primeiro transportava cavalos e o segundo, os soldados em carros blindados.

Os revolucionários fizeram espera nas proximidades do Desvio Giaretta, entrincheirando-se no mato e minando a ferrovia. Era o dia 23 de junho.

Deixaram passar o trem com os cavalos, e quando chegou o da força, abriram um fogo de fuzilaria tal que os Borgistas se viram em maus lençóis.

Procuram sair dos carros, mas topam com o fogo concentrado às portas. Depois de várias horas de tiroteio, com mortos e feridos de ambas as partes, os Borgistas tentam avançar o comboio. Foi quando o trilho voou pelos ares.

Saindo dos carros, começam a responder ao fogo inimigo,

entrincheirando-se por trás dos carros. Não tardaram a receber balas vindas do outro lado da estrada sendo, por isso, obrigados a refugiar-se dentro de vagões e permanecer na defensiva, com apenas dois mil tiros.

Corria voz entre os soldados de Portinho que um senhora viúva, de Palmeira, havia prometido cem contos a quem lhe trouxesse a cabeça de Firmino de Paula, que na Revolução de 93 lhe havia matado o marido. O entusiasmo dos revolucionários era, pois, grande, porque sabiam que o general lá se encontrada.

Já vinha entrando a noite, quando o capitão do exército federal tentou em Paiol Grande por fim àquela luta fratricida. Os revolucionários tinham sitiado os inimigos e estavam seguros da presa, quando viram chegar de Paiol Grande um trem com a bandeira branca desfraldada. Era o destacamento do exército federal que procurava intervir amigavelmente.

Os assististas não resistiram, mas foi a contragosto que deixaram fugir a presa permitindo que a Brigada de Firmino de Paula fosse conduzida a Paiol Grande, onde acampou dentro do quadro da estação, para não ser incomodado outra vez pelos revolucionários.

Eu ouvira a notícia de que os Assisistas se haviam retirado para Floresta (hoje Cotegipe), onde moravam três irmãos meus e o cunhado Graciano Rosset. Que faço? Monto a cavalo para fazer-lhes uma visita e ver como estão passando.

Eu não tinha medo nem dos Borgistas nem dos Assisistas, porque era conhecido de ambos. Mas três quilômetros antes de chegar a Paiol Grande, encontro um amigo que me diz ser proibido entrar na vila, e que aquele que entrava não saía mais.

Que fazer? Tomo por um atalho no mato e me desvio da vila, chegando desta forma a Floresta. Aqui encontro três sentinelas a cavalo, que me solicitam o nome e donde venho. Logo que me conheceram, me deixaram passar, com ordem, porém, de apresentar-me ao subintendente de Floresta, Raul Barbosa, que era revolucionário.

Este recebeu-me gentilmente, deixando-me passar à Linha Dois,

seção Cravo, onde moravam meus irmãos, com ordem também de voltar a ele no retorno.

Meus irmãos tinham sido aliviados de seus bens, por isso os encontrei tristes, melancólicos. E quando me viram chegar no meu cavalo tordilho, com capa, não me reconhecendo, trataram de fugir pensando fosse uma costumeira visita de arrebatadores.

Fiquei apenas o resto do dia 24 e a noite, pois devia retornar a Erechim no dia seguinte. Visito-os a todos, reanimando-os com minhas recomendações, e parto na tarde do dia 25.

Na Floresta, apresento-me ao subintendente que me suplica levar uma carta do general Portinho ao capitão Joscelino (federal), rogando que envie à Cruz Vermelha para buscar um ferido na Floresta. Entregando-me o envelope muito cheio: “Olhe — disse-me — o general Portinho pediu-me que procurasse de preferência uma mulher, porque as mulheres não são revistadas, mas acho que o Reverendo será também respeitado”.

- Mas será que se trata de política aí dentro? — objetei, temendo complicar-me.

- Não, senhor, não há nada disso. Pode ficar tranquilo.

Recebo a carta, coloco-a no bolso do mantéu, onde achava impossível fosse descoberta em caso de revista, e parto para o Paiol.

Julgava encontrar sentinelas à entrada da vila. Nada. Ninguém. Vou logo ao capitão Joscelino, que vendo-me ordena a um soldado de segurar-me o cavalo e me faz entrar no seu quartinho, recebe a preciosa carta, e me fulmina de perguntas, a que respondo como julgo melhor, desviando-me às vezes da pergunta para não me comprometer e não mentir.

Quando lhe peço licença para ir a Erechim, — Amigo Reverendo — responde — sinto mas não posso; agora é só o Firmino de Paula que pode fornecer-lhe um passe para sair da vila.

Então deixo o bom soldado segurando o cavalo e vou à estação

recorrer ao general para obter a portaria. Não o encontro. Encontro o comandante Victor Dumoncel que logo me pergunta:

- Reverendo, foi administrar os sacramentos aos bandoleiros?

- Não fui, mas se tivesse ido não teria feito nada mais do que meu dever.

- Precisa degolar aquela gente e não administrar os Sacramentos.

Eu procuro mudar de assunto, rogando intercedesse para me obter o passe desejado. Eram cinco horas da tarde e pretendia voltar logo a Erechim.

- Me diga, Reverendo — falou ele — quantos são os Sacramentos?

- O senhor é católico? — pergunto.

- Pois não, sou.

- Ora, sendo católico deve saber que os Sacramentos são sete?

- Qual é o primeiro?

- O Batismo.

- Qual é o segundo?

- A Confirmação.

- Pois em breve vai ver a Confirmação — querendo com isso dizer que em breve se daria o sal dos Assisistas.

Era uma espécie de burla dos Sacramentos. Mas esta Confirmação se realizou a 13 de setembro na Fazenda dos Quatro Irmãos, quando o mesmo comandante foi solenemente derrotado com sua infantaria.

Vendo que eu não obtinha nada, decidi partir sem a portaria. Despeço-me do meu interlocutor, vou pegar o meu cavalo e declaro o meu plano ao capitão Joscelino, que só me respondeu: Cuidado, padre, não

facilite.

Monto a cavalo e toco pela avenida central. Pensava: Quando vir a sentinela, finjo querer ir tomar um chimarrão na família mais vizinha, ao passo que tomo uma tangente para o mato.

Enquanto caminho fazendo o meu plano, encontro um soldado federal muito amigo.

- Reverendo, boa tarde — me diz — Para onde vai?

E ouvindo minha resposta, diz: Estou às suas ordens. Posso servir-lhe de padrinho.

E assim caminhamos juntos, sem encontrar nenhuma sentinela. Depois dispenso o padrinho e parto a galope rumo de Erechim. Eram seis horas da tarde.

Mas logo depois chega um espião que me acompanha até Erechim, aonde cheguei, graças a Deus, por volta de meia-noite.

Quem era o espião? Um tal de Abraão, que vivia amasiado e era açougueiro. Antes que rebentasse a Revolução, encontrando-me um dia disse: Com esta faca quero degolar os padres, na fogueira de São João. No dia 23 de junho, no Desvio Giaretta, tinha ajudado os Borgistas, e agora para voltar a Erechim precisava de companheiro para não ficar preso pelos revolucionários. Por isso, naquela noite, viajando ao meu lado, perguntava se havia forças revolucionárias por perto.

No dia de São Pedro, 29 de junho, improvisamente bateram os revolucionários na vila de Erechim, e ele salvou-se pulando dentro de um poço, felizmente sem água, onde passou a noite. De manhã, com ajuda de sua companheira, saiu do poço, veio roubar o meu cavalo e fugiu para Passo Fundo.

Enquanto isso, os revolucionários haviam constituído um Governo municipal próprio, ao qual dei parte do acontecido. Pouco tempo depois, o fulano aparece de noite na zona de Erechim e diz à sentinela que vinha restituir o cavalo ao vigário. Mas depois que entrou na vila, escondeu o

cavalo e continuou a fazer de espião. Avisada de novo a autoridade, foi preso e remetido a Marcelino Ramos, onde se encontrava o grosso da força revolucionária. Retiveram-lhe o cavalo e depois de algumas ameaças puseram o ladrão em liberdade.

Agora, entretanto, os revolucionários dominavam todo o município de Erechim, e para evitar surpresas foram colocadas sentinelas em todas as entradas, e estenderam linhas de telefone em diversas direções. Assim estava vigiada a estrada de ferro, a estrada de Sananduva e as demais.

Por volta do dia 7 de setembro, os Borgistas haviam organizado uma cavalaria sob o comando de um tal Mundica, que através da Fazenda dos Quatro Irmãos foi estabelecer-se nos arredores de Floresta. Enquanto isso, outra força de infantaria se dispunha a atravessar a divisa do município pelo Rio Facão.

Os revolucionários, porém, não dormiam. De noite, um emissário de Portinho, postado no passo do rio, em cima de uma árvore, contou, ou melhor, numerou a força inimiga. Eram 185 soldados bem armados sob o comando do conhecido Victor Dumoncel.

E o emissário correu em seguida para junto dos revolucionários acampados para o lado de Vista Alegre, comunicou tudo ao general Portinho. Era meia-noite. Imediatamente toca a corneta, levanta acampamento e toma a direção da Fazenda dos Quatro Irmãos, a fim de atacar os Borgistas de surpresa. Mandou ainda Portinho avisar o coronel Fabrício Vieira e Demétrio Ramos, que andavam nas imediações de Erebangó, com regular número de homens.

Quando a manhã dissipou a espessa neblina, os dois inimigos se defrontaram, a duzentos metros de distância, na estrada da Fazenda dos Quatro Irmãos. Principiou o fogo. No primeiro choque, os Borgistas fizeram retroceder o inimigo mas depois os revolucionários reforçados pela força de Fabrício e Demétrio Ramos, avançaram abrindo ala de ambas as partes e cercando o adversário. Foi um momento de desespero e de luta encarniçada que durou várias horas, e terminou com a fuga dos poucos sobreviventes Borgistas. Estes perderam mais de 130 homens dos 185, e

os revolucionários, tiveram 14 mortos e 40 feridos.

Os fugitivos tomaram o caminho mais curto para Passo Fundo, e os vencedores rumaram para Erebango. Alguns destes, porém, foram estender uma linha de ataque à cavalaria de Mundica perto do rio Erechim, enquanto o grosso da força de Portinho voava no encaço de Paim Filho, o qual com cerca de 2.500 homens conseguira atravessar o Rio do Peixe, na zona da Sede dos Polacos.

Aqui os Assisistas recorrem ao remédio extremo: Minaram com poderosos explosivos a estrada desde o quilômetro 16 ao quilômetro 25, na Encruzilhada de Treze de Maio (hoje Áurea). Foi um instante colocar as bombas que explodiriam mediante baterias elétricas colocadas no mato.

No quilômetro 20, postaram-se forças entrincheiradas no mato, à direita da estrada; e no restante, até o quilômetro 25, à esquerda, para assim aniquilar o inimigo que por ventura escapasse à explosão das bombas.

Portinho colocou uma sentinela no quilômetro 25 para atrair o inimigo pela estrada minada. Era uma emboscada terrível. Deus, contudo, não permitiu a carnificina preparada.

A sentinela procurou realmente buscar coragem na garrafa de caninha para a sua arriscada missão. Ao chegar a vanguarda borgista, corre ao seu encontro, gritando: Oh, chimangada velha! ... Mas vendo-se atacado pelo inimigo, procurou salvar-se correndo pela estrada de Treze de Maio, dando assim a entender ser aquele o caminho para atingir Portinho e sua força.

Foi, portanto, inútil o trabalho de minar a estrada. E agora trabalharam toda a noite para retirar as bombas, material e forças postadas.

Na manhã de 17 de setembro, às 8 horas, começaram a passar pela sede de Erechim as forças revolucionárias rumo a Sananduva. Levou três longas horas aquele desfile de cerca de 1.500 homens a cavalo e outros 1.500 cavalos de reserva.

Portinho foi acampar, para o churrasco, perto da residência de Jacinto Marin, a dois quilômetros da sede. Uma linha estendida de homens bem armados vigiava os passos do inimigo.

Por volta do meio-dia, para evitar um combate dentro da vila, o famoso Jango Padre gritou: Quem for de coragem, venha comigo. E logo comum grupo de valentes voltou atrás fora da vila rumo de Paiol Grande. Vendo na planície os Borgistas que avançavam, deu-lhes uma descarga, de tal sorte que estes julgando que a resistência estava pronta, pararam, churrasquearam e combinaram o ataque à vila de Erechim.

Às quatro horas da tarde, começaram a entrar na vila: a cavalaria e os caminhões pela geral e a infantaria pelos montes, nos lados. Gritavam: Viva o maragato manso!

Mas não encontrando resistência, foram à Intendência para se informar acerca do caminho tomado pelo inimigo. E logo se encaminharam para Sananduva, passando a noite sem comer e sem dormir, temendo sempre algum assalto de Portinho, o qual durante a noite atravessou o Ligeiro no passo do Gumercindo pela Nova Sartoria.

Portinho deixou aqui entrincheirados perto do Ligeiro 40 homens, enquanto ele com o grosso da força voava para Sananduva e Lagoa Vermelha.

Aqui chegou de surpresa. Fabrício correu ao telefone e de revólver em punho obrigou o funcionário a avisar uma sobra de reolutas borgistas que se encontravam na estrada de Vacaria, na altura da Extrema, que estivessem prontos a atacar uns 40 maragatos fugitivos, que chegariam ali no dia seguinte. Era uma trama formidável.

Cortadas todas as comunicações e postas sentinelas em todas as ruas de Lagoa Vermelha, instruiu 40 homens e seguiram o caminho de Vacaria. Mas os Borgistas não dormiam. Combinaram a maneira de pegar os “poucos” revolucionários que chegariam de manhã.

De fato, pelas 8 horas, apareceu no horizonte um grupo de cavalaria que como despreocupados vinham avançando. Os

entrincheirados esperaram que se aproximassem e quando julgaram oportuno, saltaram das trincheiras, fazendo fogo. Os Assisistas, entretanto, colheram de surpresa o inimigo, com a trama preparada, cercaram-no dentro de um corredor. Nada valia resistir.

A coluna borgista ficou desmantelada, com numerosos mortos. Portinho seguiu caminho rumo de Vacaria, enquanto, no Rio do Peixe, os 40 revolucionários, entrincheirados no mato, sustentavam o fogo das metralhadoras de dois mil Borgistas, que tiveram diversos mortos e feridos, enquanto os 40 não tiveram sequer um ferido.

Quando entrou a noite, os revolucionários fugiram e os Borgistas conseguiram atravessar o rio na manhã seguinte, para perseguir o inimigo com a cavalaria, enquanto uma parte da força retornava a Erechim rumo de Paiol Grande e Passo Fundo.

Naquele meio tempo, teve lugar um combate no Rio das Contas, em Bom Jesus, onde morreu o intendente Inácio Antônio Velho.

Quando, a 6 de novembro, veio o armistício, Erechim estava em mãos dos Borgistas e Bom Jesus, dos Assisistas”.

— 55 —

FREI GENTIL DEIXOU ESCRITOS em suas memórias vários episódios ocorridos com ele durante a Revolução de 1923. Vamos transcrever um somente, a missão do campo de Capoeirê como embaixador de paz.

“Devendo eu — escreve ele — um dia ir falar com os Padres Franciscanos de Barro (hoje Gaurama), ao chegar de trem à estação de Paiol Grande, vejo um grande reboiço. Pergunto a um amigo o que há de novo.

- Não sei, padre. Emiliano Brabo virá esta noite atacar a cidade, e o Governo não tem aqui gente para resistir; por isso muitos procuram fugir.

- Custo crer — respondi — porque Emiliano não é tão Brabo como o fazem. Eu sou amigo dele e o conheço bem.

- Mas então, padre, é melhor que o senhor fique aqui. Ou antes que fizesse o favor de ir ter com ele para ver se consegue combinar.

- O que há para combinar?

- Oh, padre, a autoridade prendeu o cunhado de Emiliano que viera como embaixador para entender-se, e o ameaçaram de morte... Imagine como Emiliano quererá vingar-se. Faça este favor, vá combinar para livrar-nos do perigo de um combate dentro da cidade.

- Muito bem, posso ir, basta que me dê em condução.

Dito e feito. Em cinco minutos, um automóvel estava à minha disposição, e para companheiro o Vigário de Paiol Grande, Padre Carlos Schvertlager que se ofereceu.

Partimos. As forças revolucionárias estavam acampadas no Campo de Capoeê, a 20 quilômetros de Paiol.

Em 20 minutos chegamos. Quando nos viram, alguns a cavalo e outros a pé desceram da coxilha e vieram ao nosso encontro. O chefe do grupo era um tal Albertino Chaves, o primeiro a chegar. Homem alto, gordo, fuzil às costas, dois revólveres e duas cartucheiras de balas, chapéu quebrado na frente, e de porte imponente, planta-se a cavalo diante de nós e:

- Quem são os senhores? Qual o motivo da vinda aqui?

- O senhor me conhece — disse eu — e o outro Padre é o Vigário de Paiol Grande. Viemos para falar com o comandante da vossa força.

- Podemos — disse ele — mas não aceitamos que o Vigário de Paiol tome parte nas nossas conversações, pois sabemos que ele é borgista.

Aí o Padre Carlos protesta, dizendo que nunca se intrometeu em política.

- Não minta, sr. Vigário — replica Albertino — eu estava na Igreja quando V. Revma. recomendou que o povo votasse no Borges, e por isso o senhor está preso, e nós iremos conversar com o Padre de Erechim que não é partidário.

Dois soldados conduziram o Padre Carlos no auto e nós três sentamos à sombra de uns arbustos para combinar.

Havíamos entabulado a conversa, quando da coxilha se ouve gritar: emboscada!

Albertino e Emiliano ergueram-se de pé. Agarraram-me pelo braço e vamos, vamos, sr. Vigário. E desceram para junto de um grupo de cavaleiros armados que chegavam das bandas de Paiol.

Logo se constatou que eram alguns soldados da Brigada de Passo Fundo, os quais havendo fugido com as armas vinham acompanhados por um revolucionário, para se incorporarem ao piquete de Emiliano.

Assim tudo se acalma e tornamos a conferência. Ficou então combinado que eles aceitariam a proposta com as seguintes condições:

1. Por em liberdade o cunhado de Emiliano;
2. Na manhã seguinte, uma comissão de três pessoas viria da cidade para tratar com eles.

Quiseram de ter o Padre Carlos como refém. Eu protestei:

- Não senhores. O Padre Carlos veio comigo e vai voltar comigo. Se ele não voltar, eu também não volto.

Deixaram-nos vir, e partimos ambos.

Aqui a cidade inteira nos esperava diante da casa canônica a fim de saber notícias da nossa missão. Choviam perguntas: E então? Vêm ou nos deixam em paz? Quantos são? Têm boas armas?

Eu peço licença ao Intendente e despacho o povo dizendo: Amigos, posso garantir-vos que esta noite não virão. Podeis ir em paz.

- Muito obrigado, Padre. Muito obrigado.

E dispersaram-se. Combinei que iria jantar e depois à Intendência onde me esperavam o Intendente, o Chefe da Comissão de Terras, o Comandante dos poucos soldados e outros funcionários.

Logo que cheguei, sentaram todos ao meu redor para ouvir a história com sumo interesse. Depois começaram a discutir, porque alguns achavam humilhante ir, eles, a autoridade, a tratar no campo inimigo; outros, entretanto, estavam de acordo em aceitar pelo menos para ganhar tempo.

Eu, no entanto, precisava de descanso, e, por isso, finda minha missão, peço licença e me retiro para a casa paroquial e vou dormir.

Um sono só. Acordo e ouço pelas ruas gente gritando: Viva a liberdade! Abro a janela e, a um amigo que passava: Que há de novo?

— Não sabe, Padre? As nossas autoridades, logo que o senhor se retirou da Intendência, reuniram as poucas armas e o dinheiro do cofre e fugiram com o noturno a Passo Fundo, dizendo que iam buscar reforços. E assim ficamos sem autoridade e sem soldados, de modo que os revolucionários podem entrar sem dificuldade. Mas o prisioneiro puseram em liberdade.

A seguir, celebro a missa, tomo um cafezinho e depois vou falar com o Coletor estadual. E de acordo organizamos uma comissão de três pessoas que vão relatar o acontecido ao comandante revolucionário, para evitar complicações.

E enquanto esta comissão se dirigia de carro ao acampamento de Emiliano Brabo, eu embarcava com o misto e voltava à minha paróquia.

Soube no dia seguinte que tudo fora harmonizado e que cada qual voltou para sua casa”.

— 56 —

FOI NO CAPÃO BONITO, no dia 30 de julho de 1938, chuvoso sábado de inverno. Na casa de Pedro Boff, festejava-se o casamento de Joana Seben com Hermenegildo Moreira de Lima, vulgo Guri Lima.

Joana era filha do italiano Antônio Seben, vulgo Antônio Minotti, pai de Maria Seben Boff, esposa de Pedro Boff.

A festa corria animada, sem prenúncio algum de tragédia ou briga. Todos os participantes eram amigos, embora da cintura de quase todos, como era costume, pendesse um tabuco, o velho amigo inseparável do gaúcho daqueles tempos.

A festança vai findar. Graciliano José de Lima, vulgo Nenê, monta a cavalo e parte para casa. Homem de briga, o Nenê. Já um tanto transtornado pelo álcool, resolve dar volta para saborear mais uns tragos. Retoma sob os protestos dos companheiros.

O velho Minotti não era de briga. Sempre alegre, brincalhão, passara o dia cantando e bebendo, numa grande farra, junto com Nenê. Bebendo e cantando juntos. Minotti sabe que Nenê é valente e que já andava um tanto embriagado. Nenê não pode mais beber.

Nenê chegou a cavalo e ainda a cavalo pediu:

- Minotti, me dê um copo de vinho.

- Nenê, um copo de vinho eu não te dou.

Nisso o cavalo empina e Nenê cai meio enleado no laço. Levanta-se, puxa do revólver e diz:

- Minotti, você não quer me dar um copo de vinho, por isso eu te mato.

O velho tentou fugir mas a bala certa o atingiu, prostrando-o sem vida.

Antônio Seben Hoffmann, filho do velho Minotti, mas criado por

José Cristiano Hoffmann, de quem herdou o nome, estava dentro da casa trocando a roupa, dispondo-se a ir embora. Era casado havia dois anos com Alaíde Ferreira, filha de Crescêncio Ferreira. De lá de dentro de casa, ele ouviu:

- Antônio, Nenê matou teu pai.

Antônio saiu em perseguição do assassino do pai. Defrontaram-se os dois, trocando tiros e morrendo ambos.

Como se vê por este caso, que abalou o povoado de Capão Bonito, o trabuco aqui roncava até sem motivo, apenas por causa de um trago de cachaça.

- 57 -

O CORONEL GUSTAVO BERTHIER, vulgo Tida, hoje (1969) com 78 anos, é pai de 12 filhos ilustres, entre os quais devemos destacar o Dr. Augusto Borges Berthier, um dos alunos mais destacados que tive em toda a minha longa carreira de magistério.

Gustavo Berthier foi um poderoso chefe político durante o Governo de Borges de Medeiros em Lagoa Vermelha, subdelegado em Clemente Argôlo ou Estância Velha, naquele tempo, importante distrito, onde se reuniam as forças revolucionárias. Ele fez as Revoluções de 1923, 1924 e 1930, sempre em defesa da causa legalista.

Pois Gustavo Berthier é capaz de passar noites inteiras narrando suas dramáticas façanhas, praticadas ao longo de quase 50 anos de vida política. Vamos ouvi-lo.

O negro Zacarias não era ruim. Homem bom e muito trabalhador. Mas um dia, em sua propriedade, em São Sebastião, perto do Claudino, em Tupanci, achou um negrinho trepado numa árvore, comendo guabiroba.

Então ele tinha um facão grande, fez o negro descer. Deu-lhe um talho na cabeça. Derrubou. Deu quatro talhos assim, saiu o coco da

cabeça, com os miolos. O negrinho debatia-se. Então cortou, atorou-lhe os braços. Depois deu um talho na nuca. Aparecia a garganta. Deu um nas costas, que aparecia os pulmões. Deu 26 talhos. Deixou bem picadinho. O negrinho chamava-se Alcedino da Silva.

Depois eu fui prender o bandido com João Carpinteiro e um tal Ovídio Gordo. O negro não quis se entregar. Eu atirei com revólver e os outros com espingarda.

Caiu. E Ovídio Gordo chegou. Estava remangado. Pisou no pescoço dele e o negro fincou os dentes na barriga da perna e não largava. Metemos a adaga no pescoço do bandido. Morreu agarrado com os dentes na perna do Ovídio Gordo.

Durante a Revolução de 24 — prossegue Gustavo Berthier — nós estávamos brigando em Clevelândia. Eu era capitão e comandava o pessoal da esquerda, e Ulisses Andrade, pai de Hil Andrade, comandava o da direita.

Tinha um sargento com fuzil-metralhadora. Estava a par do rio. Deram um tiro no sargento. Deu no coração e a bala saiu nas costas. Até pedaços de pulmão saiu. Ele levantou, deu uma volta e veio cair.

Ulisses pegou o fuzil. Quando levou o fuzil no rosto, tomou uma rajada. Repartiu a cabeça. Caiu. Eu tomei o fuzil. Ele fazia a guarda comigo, naquele dia.

Continuamos brigando. Morreram diversos de Vacaria e Lagoa Vermelha. Cansei de ver inimigo morto.

Brigamos na Fazenda Velha contra o Prestes, Juarez Távora e Cordeiro Farias. O nosso chefe era Firmino Paim Filho.

O Prestes entrou por Nonoai e saiu em Clevelândia. Ia fazendo emboscadas. O povo por lá estava esperando ele. Nós fomos atacar. Éramos 4 batalhões de 500 cada um. Toda gente daqui e de Vacaria. Dois mil homens. Mil de Lagoa Vermelha e mil de Vacaria.

Uma noite com o coronel Maxi (Maximiliano de Almeida) acampamos na costa de um rio e o Prestes na costa de outro. Mais ou menos um quilômetro, estava o acampamento dele. Pela direita tinha uma estrada que ia sair lá no Faxinal.

O Paim foi com mil homens lá por aquela estrada. Quando ele chegasse lá, nós daqui carregava, botava num sítio. Depois eles sitiaram o nosso acampamento. Daí meteram bala em nós. Morreu gente nossa. Deles morreu um lote.

Depois que fomos embora, eu voltei com 50 homens buscar boia. Cheguei no lugar onde brigamos. Tinha uma volta de rio. Encontrei 12 mortos. Estavam os porcos comendo. Tinha um sujeito com bigode muito grande. O porco comia a barriga, metia o focinho no sujeito e puxava e o bigodão mexia. Mandeí enterrar tudo.

Fomos em novembro e voltamos em junho. Fomos até o Barracão da Argentina.

No combate da Fazenda Velha, o negro Sudário, que era do Barracão, quando ouvia uma bala assobiar no ouvido dele, ele se abaixava e dizia: Não tem pra vocês.

Mas numa dessas ele morreu.

Na Revolução de 30 — conta Gustavo Berthier— fomos daqui e de Vacaria três mil homens. Fomos a cavalo até Capinzal. Daí de trem. Eram seis corpos provisórios.

A organização foi aqui na Estância Velha. O Maxi, eu, o Manoel Júlio Garcez, o Vitor Branco, o pai do Atos Branco, Gibrail Tigre, João de Paula.

Clemente Argôlo veio de Porto Alegre para organizar a força. De noite nós rezingamos na organização. O Clemente dizia: Pare lá, pare lá, que no fim vai dar tudo certo.

Brigamos porque ninguém queria obedecer. Otávio Rocha, por exemplo, pediu licença pro governo pra organizar um esquadrão só de

libertadores, só lenço encarnado.

Então veio ordem: Otávio Rocha, capitão. Os libertadores não quiseram Otávio Rocha e aquele velho Kramer. Foi tudo de mosquetão pro Rocha (Otávio Rocha era um caboclo de Machadinho). O Clemente me mandou chamar. O Maxi falou comigo. Cheguei de noite. O Clemente tava deitado... No fim deu mesmo tudo certo.

— 58 —

GUSTAVO BERTHIER, com sua poderosa voz, grande disposição, barba por fazer há vários dias, depois de dar uma volta a cavalo pela vila de Clemente Argôlo e seus arredores, coisa que ele faz todos os dias, chega à casa do sr. Valdomiro Muliterno, seu grande amigo e compadre, e a meu pedido vai narrando mais uns casos de tragédia, no tempo em que ele era subdelegado de Polícia.

— Foi no Barracão — narra ele. — Uma quadrilha de ladrões botaram açougue. Roubavam. Chegavam num fazendeiro, escolhiam uma vaca, laçavam, levavam e carneavam. E ninguém podia dizer nada, porque eram muito brabo, muito quebra.

O tropeiro pousava ali no Barracão e eles roubavam um lote de mulas. Mula mansa. Escondiam. Depois iam vender.

Eram João Evangelista, outro João, dois irmãos, e um tal de Zé da lana, José Alves da Silva, conhecido pelo apelido da mãe, lana.

Depois de algum tempo, o Zé da lana foi pronunciado. Ele era o responsável. Mandaram o Peregrino, o coronel Peregrino, que era o comandante em Lagoa, prender.

Passava aqui com dez, quinze soldados. Iam no Barracão. Mas aqueles soldados apeavam, tocavam trombeta, militarmente. Como é que pegavam um homem daqueles, desse jeito?

Tinha eleição do Borges, e Sílvio Barbedo, que era o prefeito, chefe político, fomos ao Barracão para a eleição.

Então o pessoal se reuniu:

- Se os senhores não solucionarem este caso, que não pegue o Zé da lana, aqui não vota nenhum. O Borges não pega nem um voto.

- Pois é, o que é que eu vou fazer? O coronel Peregrino vem e não pega.

- Pois aqui não vota ninguém.

Aí eu disse:

- Então me dê uma ordem para mim pegar.

Aí o Sílvio disse: Vamos na Lagoa.

Cheguei lá, o professor Saraiva, o Delegado, me deu uma ordem para prender o homem no Barracão.

- Aí, Tida, vamos lá. Vamos aprontar dez soldados pro senhor.

- Não — eu disse — não quero dez. Quero um soldado só. Um que preste.

Me deram um soldado. Me trouxeram de auto aqui com o soldado. No outro dia fomos pousar no Barracão.

Mandei procurar o tal da lana. Daí a pouco vieram me dizer que estava no velho Maneco Juvêncio tomando cachaça.

Fizeram uma banca de bacará numa mesa. Tava jogando bacará. De noite eu encontrei um diabo lá que ia com o soldado, e ele contou pro da lana que a Polícia andava por aí.

Às 9 horas, botou uma pistola na mesa: Estão dizendo que a polícia anda por aí. Vou me prevenir.

E eu então, deixemos o cavalo atado no mato. O soldado foi pro fundo da casa. Sai um filho do velho Maneco. Saiu correndo pro lado do

rio. E o soldado vai, pega o rapaz. Pensou que era ele. Derrubou. Estava segurando ele: Está aqui o homem.

A mulher do Maneca gritou: Olha um soldado a cavalo.

Aí o Zé da lana saltou. Eu gritei:

- É este o Zé da lana?

Eu dei ordem de prisão. Tinha uma cerca baixinha. Ele montou a cavalo da cerca. Agarrou a pistola de dois canos. Antes que me atirasse, meti-lhe uma bala 38 no botão do colarinho. Mas caiu. Eu até nunca vi. Nem caça cai tão ligeiro.

Com aquele tiro, o soldado largou o rapaz, e veio. Eu disse: está aqui o homem.

Caiu morto. A velha lá na cozinha pegou uma acha de rachão, botou bastante graxa, sebo, acendeu e botou nas mãos dele. Não tinha vela. Mas ele já estava morto.

Aí mandei chamar o Delegado do Barracão, o Hildebrando, e disse:

- Olha, aqui está o Zé da lana. Está morto. Aqui tem nove testemunhas. Agora faça o corpo de delito. Faça o processo.

Fez.

— 59 —

ERAM DOIS NEGRINHOS DA FAZENDADOS GREGÓRIOS, na Esmeralda: Leopoldo Marques Pacheco e Emiliano Matias de Abreu.

Ainda menores meteram o peito na picada do crime. Emiliano assassinou o próprio irmão. Leopoldo, seu próprio primo.

Foi assim. Leopoldo roubou a vaca do primo, varou o Pelotas e foi

vendê-la em Santa Catarina. Antônio, o primo roubado, falou em denunciar Leopoldo à Polícia. Este vai um dia à casa do primo. Mata-o e ainda dá um tiro na mulher do Antônio.

Juntaram-se os dois bandidos. E viviam matando e roubando. Roubando e matando.

Pois no dia 23 de julho de 1964, chegam à casa de um vizinho. Este, o Osvaldo, tinha achado um roubo escondido, praticado pelos dois, e denunciou-os à Polícia.

A mulher de Osvaldo estava torrando um milho. Pergunta Leopoldo:

- Para que esse milho, Osvaldo?

- Para comer. Não temos outra coisa.

- Não, tu agora vais-te encostar bem. Tu não precisas mais trabalhar, pensar em nada. Eu vou sair para fora pra tu comeres esse milho. Coma logo.

Osvaldo compreendeu tudo. Agarrou a enxada e um tição, e saiu correndo com a mulher.

Ao aproximar-se da casa de uma vizinha, uma negra velha, Leopoldo deu um tiro na cabeça do Osvaldo. Depois recomendou:

- Emiliano, veja se foi na nuca.

- Foi.

- Vê o pulso dele.

- Ainda tem um pulsozinho.

- Então degole pra não criar complicação.

Emiliano, com a sua espada, degolou.

Depois saíram. Passaram pelos Gregórios. Ficaram o dia todo pela bodega, tomando e comendo. Uma mão escondida debaixo do braço.

Passaram pela serraria. Pegaram gasolina e subiram.

Altas horas da noite, atearam fogo no galpão do fazendeiro Reinaldo Pacheco. Esconderam-se por trás de um cocuruto de pedras, numa coxilha limpa.

Queimou o galpão todo. Quando o fogo atingiu a casa, Reinaldo, sua esposa e uma sobrinha de onze anos acordaram.

Foram retirando da casa roupa, móveis, as camas. Colocavam perto do lugar onde os bandidos se encontravam escondidos.

De repente, os bandidos saem armados de porrete, Winchester e facão. Diz a mulher: Olhe os bandidos!

Caíram impiedosamente sobre o casal a cacetadas e a facadas. A menina suplicou por amor de Deus que não a matassem, pois ela já vira matar o próprio pai. Não mataram, deixando-a vagar pelo campo, dentro da noite.

Os assaltantes tiraram as botas do fazendeiro, o cinto, o relógio, o dinheiro, tudo. Ajeitaram o casal na cama. Reinaldo jazia morto, a mulher, todavia, apesar de esfaqueada, estava com vida. Ela fingiu-se de morta. Viu tudo e conheceu os criminosos.

A Polícia de Vacaria, Porto Alegre, Lagoa Vermelha e de outros municípios buscou os bandidos em vão durante uma semana.

Enquanto isso, Leopoldo e Emiliano assaltaram e roubaram um colono de São José do Ouro, para onde se haviam dirigido.

Antônio Anastácio Nunes; vulgo Antônio Cabeça, estava às voltas com a Polícia por causa de um crime de morte que praticara.

Agora, entretanto, a Polícia dá-lhe carta branca para que possa dar caça os criminosos. Vizinho e amigo de ambos como era, mesma idade, 22 anos, era a única pessoa de coragem capaz de prender ou matar os assassinos.

Oito dias volvidos, Antônio Cabeça vinha vindo para casa, pelo

mato. Manhã de grande geada. Varado o rio Bernardo José, dá, num pequeno campestre, com Leopoldo e Emiliano, sentados à beira do mato, à espera que a geada levantasse.

Eram dez horas. Antônio chegou. Puxou com eles uma conversa. Como andavam famintos, deu lhes de comer um pedaço de pão e rapadura que tinha consigo. Depois disse:

- Mas que barbaridade vocês fizeram.

- Não, Antoninho, isso não foi nada — respondeu Leopoldo. — Eu ainda vou liquidar dez fazendeiros.

E declinou o nome de todos.

- Olhe, Leopoldo, eu também estou me incomodando. Vamos parar com isso.

- Ah, você é um santinho? Então porque não sai pro limpo? Eu nunca botei limite nas tuas. Você pode fazer o que quiser. Agora, nas minhas você não tem classe pra me dar limite.

O Leopoldo tinha a Winchester no chão. No momento em que ele se distraiu, Antoninho Cabeça desferiu-lhe um tiro no ouvido.

Emiliano deitou o cabelo mas também recebeu um balaço por baixo do braço, indo a cambaleiar mata a dentro, onde caiu junto de uma sanga.

Antônio, vendo Leopoldo ainda com vida, deu lhe outro tiro. Depois amassou a coronha da Winchester na cabeça do negro, deixando-o morto.

Antoninho chegou à bodega e falou:

- Matei os homens. Podem ir ver.

De tarde, a notícia correu. A Polícia achou que era boato. Entretanto, compareceu no dia seguinte. Chegou o Delegado de Vacaria, o Delegado de Lagoa Vermelha.

No dia seguinte, o dia da maior geada do inverno, de manhã cedo,

encontraram o Leopoldo vivo. Estava com a cabeça enfaixada com uma bolsinha branca, sentado na beirada do mato, no campo. De tanto se debater, o coitado havia aberto uma cova com os calcanhares.

Perguntaram:

- E o companheiro?

- Está aí no mato. Deve estar morto.

A Polícia não se atreveu a entrar naquela moita. Pegaram o Leopoldo. Levaram a Vacaria, onde se restabeleceu, encontrando-se preso até hoje.

Lá na prisão ele diz: O Antoninho Cabeça não sabe matar. Eu preciso ensinar. Depois de derrubar o cara, a gente deve examinar o pulso. Se ainda tiver pulso, a gente degola.

Oito dias mais tarde, Firmino Anastácio Nunes, irmão de Antônio Cabeça, que é quem me conta o fato, Irineu da Luz e outras pessoas foram ao local e encontraram o Emiliano morto, caído numa poça, encolhido.

Avisada, a Polícia veio. Tiraram o cadáver, que se encontrava ainda em perfeito estado, sem mau cheiro algum. Tiraram-lhe a espada que saiu da bainha inteirinha por si.

Desencolheram o braço, firmando-o ao corpo, de lado. De repente, enquanto um rapaz de Clemente Argôlo revistava os bolsos do morto, o braço escapa, como se quisesse dar um sôco... Deu um fogo no rapaz. Deu fogo em todo mundo. E assim, Antoninho Cabeça livrou da morte uma dezena de fazendeiros de Esmeralda, prendendo e matando os dois perigosos bandoleiros.

— 60 —

MAS VOLTEMOS À TAPERA ASSOMBRADA, à tapera do relógio. O relógio que à meia-noite em ponto martelava doze badaladas, para estigmatizar a hora do crime.

Parece incrível, tão sinistro acontecimento e tão negra assombração em lugar de tamanhos encantos naturais. Porque manchar de sangue e de lama um quadro de tão fascinante beleza? De certo é por isso, por causa de tão negro crime em recanto tão lindo e sagrado, que ele se transformou, por algum tempo, em ponto detestável e assombrado...

Mas, como o tempo é sempre o melhor remédio, tudo mudou. Hoje ninguém ou quase ninguém fala na tapera assombrada e no relógio que badalava à meia-noite dentro da casa e depois no alto do paredão, na outra margem do rio.

O local é agora uma atração turística, prenhe de estranho sortilégio. Os encantos da natureza, naquela soledade dos campos, voltaram a brilhar em todo o seu esplendor, sem dar a mínima impressão de lúgubres eventos à risonha margem do poético ribeirão. Como eu, muita gente se enamora e vai lá acampar, passando dias de férias mais agradáveis. Um dia vivido à sombra daquele mágico arvoredo, ao som daquela sinfonia das águas, das aves e do vento, ao fulgor da romântica paisagem de seus arredores, é dia que não se esquece pela vida fora.

O crime certamente já foi expiado, e o relógio, única testemunha do delito, já cumpriu sua lúgubre missão de martelar tormentosamente, torturantemente, os ouvidos dos assassinos, a manter vivo o remorso da consciência.

Foi um crime bárbaro, monstruoso, tão monstruoso e bárbaro que até a natureza inanimada se revoltou, lavrando aquele espantoso protesto: doze infernais badaladas à meia-noite em ponto. Todas as noites, todas as semanas, todos os meses, todos os anos, à meia-noite em ponto...

Velha casa de madeira, manchando a beleza sem fim daquele

recanto de magia, sempre envolto pelo cantar das águas na cachoeira, enfeitado pela orquestra da passarada, ensombrado pelo romantismo dos altos pinheiros, aclarado pelo bucolismo da campina...

Três pessoas apenas moravam na velha fazenda: Vovó Cristina, viúva quase octogenária, dona da fazenda, e um casal de netos, o Zeca e a Noca. Não era má aquela vovozinha. Não maltratava seus netos, um casal de irmãos que ela criou e a quem caberia a herança da fazenda.

Zeca e Noca nasceram ouvindo o sibilo das balas dos entreveros das revoluções. Cresceram escutando a longa e sinistra narrativa das lutas travadas por seus antepassados nas guerras cisplatinas e missioneiras. Traziam nas veias o sangue dos colonizadores do Rio Grande do Sul que por mais de um século empunharam armas pela defesa de sua terra natal.

Revoluções arrastando após si um turbilhão de vandálicos barbarismos, a sequência de crimes praticados junto à raia das carreiras ou ao longo dos caminhos, mantinham vivo o espírito selvagem de beligerância na alma de todo jovem da vasta região do pampa gaúcho.

Não era má aquela vovozinha. O único defeito era de ser agarrada à sua propriedade, à fazenda, que só passaria aos netos depois da morte dela. Era esta talvez uma medida de prudência sugerida pelo instinto de conservação. Os netos seriam até capazes de vender a fazenda e deitar acorrer o mundo, deixando a pobre velha ao deus dará.

Um dia, Noca pensou em casar, casar não. Pensou em juntar-se. Mas juntar-se com quem? Com um andarilho, com um vagabundo, o Zé Gambá. Um sujeito sem eira nem beira, que aguardava apenas a herança da Noca para gastar na cachaça.

Por isso, tardava-lhe muito a morte da velha. Vivia praguejando: Essa velha desgraçada não morre. Quando é que vai pro fundo dos infernos essa velha miserável?

Não raro, entabulava negra conversa com o cunhado:

- Escuta, Zeca, se essa velha não morrer, precisamos dar um jeito,

não achas?

- Não fale assim, cunhado. Deus nos livre! Seremos infelizes pelo resto da vida. A maldição pesará sobre nós e nunca mais teremos sossego.

- Nada disso, Zeca. Não seja bobo. Não seja covarde. Para a pobre velha seria até um descanso, um alívio. Acabar com seus dias é um benefício que só nós podemos fazer.

- Mas o crime será logo descoberto, Zé, e nós acabaremos na cadeia.

- Quem é que vai descobrir neste fim de mundo?

- Olhe, cunhado.

Apesar do horror que a sinistra ideia lhe inspirava, Zeca ficou aos poucos obcecado por ela. Agora ele também suspirava pelo momento de entrar de posse da herança. Andava tão necessitado de dinheiro, o miserável.

A Noca, essa não demorou nada para concordar com o plano do marido. E, de braço dado como Zé Gambá, foi cantando o irmão. Ao cabo de duas semanas, os três puxavam acolherados na mesma carroça, a sinistra carruagem do crime, o horrendo latrocínio.

Incrível, agora eram os dois irmãos os mais empolgados pela aventura. Zeca via-se enfim senhor de uma fortuna. Três milhões de campo. Metade daquele gordo rebanho lhe pertenceria. Seu sonho de liberdade vai realizar-se. Até que enfim ...

- Noca, não é nada difícil, sabes? Matamos a velha e deitamos dentro do poço.

- Isso mesmo, Zeca. Quando? Hoje?

- Não. Vamos deixar pra domingo. Domingo de noite, quando voltamos do baile.

Zé Gambá vibrava: lá no baile enchemos a cara. Os três embriagados, bem embriagados, somos capazes de matar todas as velhas do mundo.

Dito e feito. O baile começou de tarde. Baile de casamento, com bebida gratuita, muita bebida. Muita cachaça. Antes de noite, Zé Gambá pisava em ovos. Falava muito. Dizia tolices. Tanta tolice que Noca e seu irmão receavam que ele se saísse com palavras denunciadoras do plano. Por isso, convidaram-no a sair da casa do baile.

- Nada disso, Zeca. Vamos nos divertir, festejando a nossa façanha e o dinheiro que vamos ganhar. Vocês quase não tomaram nada. Vamos sentar. Vamos beber à saúde da velha.

Era demais. Zé Gambá já estava falando bobagem; fazendo comprometedoras alusão. O cunhado viu-se; obrigado a falar-lhe ao ouvido e recomendar prudência. Mas continuaram tomando e dançando” até por volta das onze horas. Saíram cambaleando. Não foi fácil fazer o Zé Gambá montar a cavalo do seu matungo.

- Está vendo, Noca — falou Zeca — o Zé já não presta pra nada. Não podemos mais confiar nele. O serviço vai ter que ser feito só por nossas mãos.

- Melhor, Zeca, fica tudo em casa.

- Sabe, Noca, nós não vamos gastar uma bala. Vamos matar a velha a paulada, tá?

- Certo, um porrete de cambuim pra cada um. Coitada! Nem graça vai ter.

Chegaram. Desencilharam os cavalos. Soltaram no piquete. O rio roncava na cachoeira. A lua escondia-se por trás das nuvens. Uma coruja piava agourenta. O vento gemia nas grimpas do pinheiral.

Zeca escolheu dois porretes no monte de lenha. Entregou um à irmã:

- Guarde bem escondido por trás das costas. Que a velha não veja quando abriremos a porta.

E, depois falando ao cunhado:

- Você, Zé, deite-se nos pelegos aqui no galpão. Fique dormindo aqui, cozinhando o teu porre.

Zé Gambá cambaleou e caiu. Noca puxou dois pelegos e os dois irmãos o acomodaram sobre eles.

- Noca, vamos.

Aproximaram-se da porta. Zeca meteu a mão no trinco:

- Está fechada — disse baixinho.

- Vovó — gritou Noca, dando um soco na porta. — Abre, vovó.

D. Cristina acordou e reconheceu a voz da neta. Levantou-se. Acendeu a vela. Saiu do quarto. Entrou na sala que se iluminou, deixando ver os retratos na parede. O retrato de sua família. Na parede, sobre a cabeceira da mesa, o velho relógio tiquetaqueava marcando meia-noite.

A velha abriu a porta.

- Muito obrigado, vovó, — saudou Noca, a mão direita por trás das costas, segurando o porrete.

- Boa noite, filha. Que tarde chegaram! É meia-noite. Querem tomar chimarrão?

- Não, vovó, muito obrigado. A senhora pode deitar-se.

D. Cristina, virando-se, vai colocar a vela sobre a mesa, quando Zeca, por trás, vibra-lhe na cabeça violentíssima paulada que coincide com a primeira pancada do relógio.

A velha cai. Toma a segunda cacetada, agora desferida por Noca. O neto aplica-lhe a terceira. A Noca, a quarta. Cinco pauladas. Seis. Sete. Oito. Nove. Dez. Onze. Doze. Doze violentíssimas porretadas, esmigalhando a cabeça da pobre vovozinha, no mesmo instante em que o

velho relógio de parede, com doze badaladas, assinala meia-noite, a hora do crime.

- Chega, Noca. Já está morta. Vamos arrastá-la para fora e deitar no poço.

Agarram o cadáver pelas pernas. Vão arrastando para fora. O poço era perto, as bordas rasas. Noca afasta a tampa. O irmão, com mais alguns puxões, chega o corpo até à beira.

- Vamos deitá-la dentro de cabeça para baixo. Ajude, Noca.

A irmã ajuda. Ambos puxam pelas pernas, aproximando a cabeça da morta da boca do poço. Depois erguem o corpo empurram, empurram. Bumba! Horrível estrondo na água, no fundo do poço.

- Pronto, Noca. Amanhã vamos obstruir o poço. Quem é que vai ficar sabendo, hem?

- Ninguém, Zeca. Graças a Deus. Foi tão simples.

A ventania soprava fortemente, aumentando o gemido das grimpas do pinheiral. Duas corujas piavam lugubrememente.

Noca pegou na cozinha um balde d'água e, com a vassoura, lavou o sangue na sala e na escada. Zeca entrou no quarto. Libertou-se das esporas e deitou na cama sem tirar a roupa nem as botas. Embriagado como estava, adormeceu em seguida. Dormiu. Acordou ao clarear do dia, ouvindo as badaladas do relógio.

Levantou-se. O relógio continuava a bater. Olhou para ele. Os ponteiros marcaram doze horas.

- Noca, venha ver. O relógio está marcando meio-dia. Está batendo doze horas.

- O que, Zeca? Meio-dia. Você está doido? O sol levantou agora mesmo.

- Mas olhe aqui. Veja ali, doze horas. Está batendo.

- Zeca, você está louco. Então você está ouvindo bater?

- Claro. Você não ouve, Noca?

- Eu não. Nada. O relógio está parado, não vê? Parou à meia-noite em ponto. Deixa dar corda.

Noca deu corda. Pôs o pêndulo em movimento, mas ele parou logo.

- Zeca, o relógio não anda mais. Deve estar estragado.

- Mas, Noca, ele está batendo. Você não ouve?

- Zeca, você está louco?

Era verdade. O relógio não batia. Continuava parado, marcando meia-noite, a hora do crime. Mas aos ouvidos do assassino soavam as doze badaladas. Soavam. E depois de uma pequena pausa o relógio tornava a bater as doze pancadas.

Daí a pouco, chegou o Zé Gambá, que dormia no galpão, em cima dos pelegos. Ele não ouvia as badaladas. Viu, isto sim, os ponteiros imobilizados, um sobre o outro, marcando meia-noite, a hora do crime. Ele falou:

- Mas então que dê a velha?

Noca e Zeca entreolharam-se, sem falar. Zé Gambá notou a tremedeira nas mãos do cunhado, a cara abatida, quase chorosa, numa prostração que espantava.

Realmente, Zeca não tinha mais sossego. O remorso da consciência, espicaçado pelas doze badaladas do relógio parado, cortava-lhe a alma de criminoso...

Noca, por sua vez, deu de experimentar enorme falta da vovó, a vovozinha que todos os dias levantava cedo, acendia o fogo, preparava o chimarrão, o café... Agora, era aquele vazio imenso. O fogo apagado. Pelo soalho, respingos de sangue, o sangue da sua vovó, derramado por ela,

impiedosamente.

Zé Gambá notou as manchas de sangue na escadaria, na sala, e falou:

- Mas vocês mataram mesmo a velha, não é, Noca?

- Cala a boca, Zé — berrou Zeca. — Agora você vai saber. Todo mundo vai saber. Eu vou na vila me apresentar à Polícia, sabes? Eu não aguento mais. Tenho que desabafar e confessar o crime que pratiquei, o crime que você provocou, Zé.

- Mas, cunhado, não faça uma coisa dessas! Por amor de Deus!

- Faça. Agora mesmo. Mas vocês podem descansar. Não se preocupem. Não vou botar a culpa em vocês. O culpado sou eu. O único responsável sou eu. O assassino da avó sou eu. Eu só.

E Zeca, sem mais palavra, sai apressado. Pegou o cavalo baio no piquete. Encilhou. Montou e partiu, metendo as esporas com violência nas ilhargas do animal. Foi um alívio. As badaladas do relógio cessaram de soar aos seus ouvidos. Viu — pensou ele — foi só decidir confessar o crime para que dentro de mim se acalmasse a procela.

Naquele mesmo dia, a Polícia bateu na casa. A notícia correu. Chegaram os vizinhos. Os parentes. Retiraram o cadáver do poço. Deram-lhe sepultura. Zeca foi preso e mais tarde condenado a 21 anos de reclusão. Ele contava então 18 anos de idade.

Noca e Zé Gambá lá ficaram morando na velha casa da fazenda da avó, a casa que foi teatro de sangue, o sangue de uma santa velhinha, derramado pelas mãos de seus netos e filhos de criação. Casa onde jamais haverá sossego, onde sempre hão de soar as badaladas do relógio que viu o bárbaro crime.

Naquela noite, o maldito casal não pode pregar o olho. Eles que sonharam um dia viver uma vida feliz como senhores absolutos da grande fazenda, não tiveram como Zé um instante de paz. Naquela noite não dormiram. Não dormiram e por isso escutaram muito distintamente as doze

badaladas do relógio parado marcando meia-noite, a hora do crime.

Noca soltou um grito:

- Que horror! É a maldição, Zé! A maldição caiu sobre esta casa. Caiu sobre nós. O relógio parado, os ponteiros marcando meia-noite, e à meia noite, batendo as doze badaladas! Que horrível maldição, Zé!

De manhã, à luz do dia, viram mais uma vez que o relógio continuava parado, o pêndulo imóvel, sem o tique-taque festivo, marcando os instantes felizes da vida que levavam ao lado da vozinha querida.

Zé Gambá tentou apertar o relógio do prego da parede.

- Noca, o relógio não se mexe. Está preso.

A mulher, incrédula, a tremer, trepou na cadeira e tentou remover o cronômetro. Impossível. Preso à parede. Irresistivelmente preso.

- Noca, deixa que eu vou arrebentar esse relógio a marteladas.

- Não, Zé, por amor de Deus. Não podemos mexer nesse relógio. Ele será nossa eterna maldição. Se o quebrarmos, quem sabe lá o que nos acontecerá ainda.

Na noite seguinte, as badaladas tornaram a povoar aquela casa assombrada de sinistros pavores, assinalando a hora do crime. Noca e Zé Gambá não foram parar na cadeia como Zeca, mas preferiram passar o resto de seus dias trancados numa prisão, a escutar todas as noites aquele terrível grito de maldição, martelando seus ouvidos com implacável persistência, todas as noites, todas as noites, à meia-noite em ponto.

Volvida uma semana, semana de incrível tortura, com aquelas tremendas badaladas à meia-noite, os dois só tiveram uma decisão a tomar: abandonar a casa e ir pedir asilo a uma família de parentes. Foi o que fizeram.

A casa virou tapera, habitada por morcegos, bicada pelos chanchãs que de dia imitavam as pancadas que o relógio vibrava à meia-noite. A tapera teve logo fama de assombrada, sem que, entretanto,

alguém visse por lá algo que lembrasse assombração.

Vai senão quando, certa vez três pescadores acamparam às margens do rio, a poucos metros da tapera. Pois à meia-noite, estão eles tomando o seu chimarrão descansadamente, ao redor do fogo do seu acampamento, quando de súbito — pam, pam, pam, — as doze pancadas do relógio dentro da tapera.

Dois deles deitaram logo o cabelo, saindo do mato e correndo pelo campo fora. O terceiro, homem de grande coragem, descrente de qualquer notícia de assombração, arrombou a porta da velha casa e entrou. Viu, então, à luz do seu archote, o relógio pendente da parede, o pêndulo parado, os ponteiros marcando meia-noite. O sangue gelou nas veias do corajoso pescador. Não era para menos. Quem já viu relógio em tapera, relógio parado dando horas, à meia-noite em ponto?!

“O RELÓGIO DA TAPERA”

NO 8º RODEIO DE VACARIA

Como tudo o mais, a Tradição é dinâmica. Busca novos valores e dimensões. Demanda espaço e tempo... como a tocha do passado, quanto mais sacudida mais brilha.

Seria hipertrofiar os sentimentos que darão-nos apenas num quietismo estático, em imagens hiperbólicas ou figuras lendárias, piscando agonias na retina dos séculos.

Cumpra seja proclamada a Tradição; porque toca as fibras mais caras das gerações. Algo quase sagrado porque é a própria consciência, memória e coração latejando na pátria e liberdade que usufruímos. E, justamente, os Rodeios de Vacaria são ritos de história, raça e cultura celebrados no altar do planalto gaúcho. Lídimas romarias crioulas confraternizando ao candeeiro da Tradição.

Por outra, se fizermos desfilar diante de nós a história das origens de cada povo, veremos que é pontilhada de entreveros sanguinolentos... “O RELÓGIO DA TAPERA” é a página crua e dolorosa que gerou a radiosa liberdade dos campos de cima da serra. E, disto, só ficou a “tapera” porque o “relógio” continuou a soar a marcha do progresso. Por exemplo, Vacaria, na crista geográfica do Rio Grande do Sul, criou asas... no embalo da técnica: — entrelaçamentos de asfaltos e rodovias — torres de igreja e comunicação — os verdes campos e o céu azul, tintos de esperança — o beijo do sol e a carícia fresca do minuano e a tênue veste algodoadada de neves e geadas... coloriram Vacaria de prenda faceira de perfume e beleza internacional.

Os que se arrancharem para a sombra dos Rodeios de Vacaria ou se abeberarem à fonte de nossa Tradição levem “O RELÓGIO DA TAPERA” que ainda retine na parede do peito de cada gaúcho. Lendo-o,

talvez, sentirão ainda o cheiro de sangue das peleias... mas que agora reverteu em paz, alegria e hospitalidade da gente gaúcha na festa da fraternidade de povos irmãos. Agora, na amplidão da liberdade, orgulhamos cantar e exibir a intrêmula bandeira desta Tradição heroica. E o “RELÓGIODA TAPER” é um troféu composto de todas as armas, mesmo das que nos feriram... Garanto, Srs. visitantes, que Fidélis Dalcin Barbosa, seu autor, é alma pura e cristalina, franciscana e transparente como as fontes e os arrebóis de Vacaria.

Ao lerem “O RELÓGIO DA TAPER” em horas de sesteada ou de chimarrão, ao nostálgico luar ou ressonar de acordeonas... e sentirem que também foram “tapera velha” onde tudo parou e envelheceu, recobram ânimo e fé... “o relógio” da consciência e do coração bem consertado, anos em fora, ainda baterá perenes horas de amor...

Frei Renato



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)
www.projetopassofundo.com.br

Com três novos lançamentos, no início de 1970, Fidélis Dalcin Barbosa perfaz um total de 20 livros publicados.

O RELÓGIO DA TAPERA

A dramática história de revoluções e crimes no Nordeste gaúcho, tratando especialmente da Revolução Assista de 1923.

Impressionantes depoimentos de testemunhas oculares dão a esta obra o cunho expressivo de autenticidade, trazendo luz à nossa História.

O ANJO BRANCO

Sequência de "O Prisioneiro da Montanha". Pedro Uliana, descendo da montanha do Realengo, casa em Tubarão com Maria Helena Camargo e vai residir em Criúva, no Rio Grande do Sul.

Duas filhas tornam-se religiosas da Divina Providência, de cuja Congregação os pais receberam ótima formação.

A Irmã Vera Lúcia, de quem a novela mais se ocupa, é uma freirinha adorável, que realiza notável apostolado.

UMA ESTRELA NO CÉU

A maravilhosa história de uma fascinante garota gaúcha, assassinada às vésperas de completar 15 anos, e que fizeram impressionantes predições acerca das circunstâncias de sua trágica morte.

Logo após de morta, Maria Elizabeth de Oliveira, começou a ser invocada por uma legião de devotos, muitos dos quais se confessam agraciados por milhares de favores e grandes milagres.

São três lançamentos da
EDITORA SÃO MIGUEL
Caxias do Sul — Rio Grande do Sul

